REVISTA DA SEMANA

N.º 31 ★ 5-8-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **HUMBERTO DE CAMPOS NÃO PODE SER PUNIDO**

SAIU

O ALBUM DE A CENA Muda

CINEMA E RÁDIO ★ TEATRO E MÚSICA

O ALBUM CONTEM:

★ Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr porém tôdas em tamanho grande.

★ Fichário completo dos artistas biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.

★ Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.



PREÇO: CR$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à **Cia. Editora Americana** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

A' VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS



— Querido, não esqueça de trazer o ALBUM DE «A CENA», se não acaba!



— É isso mesmo: se não comprares o Album de A CENA, terminamos tudo



— Veja só Janet, saiu a sua foto no Album de A CENA. Vai esgotar!



— Mãos ao alto! Onde vocês esconderam o meu Album de A CENA?

MUITA gente pensa que, tudo o que sai na imprensa é verdade. E quando alguém discorda, o outro redobra de energia: "Eu vi no jornal!". Por êsse motivo já se não discute sôbre o poder sugestivo da imprensa, muito justamente denominado de Sexta Arma de uma nação. Se o Exército é forte, se poderosa é a Armada, se o valor da Aviação inspira confiança, não deixamos de reconhecer na imprensa o Quarto Poder: o poder insuperável da convicção.

Nos grandes paises onde as populações lêem jornais e revistas, tem a imprensa a mais profunda influência. Dirige os povos, domina-os, disciplina-os e os leva, para o bem ou para o mal.

Dai dizer-se hoje que a imprensa tem uma função social muito mais importante do que antigamente, quando o analfabetismo impedia o avanço nacional.

O comércio, a indústria, muito devem ao fator imprensa. Por êsse motivo, quando uma emprêsa deseja lançar seus produtos, não cuida, exclusivamente, de sua embalagem e excelência da fabricação. Tudo isso cairia no vazio se não viesse a publicidade em socorro dos vendedores. Dizem os corretores de anúncio que, nos Estados Unidos da América do Norte, muito antes de começar-se a fabricação de um artigo qualquer, os "experts" lançam nos "bordereaux" verbas colossais para a imprensa.



intelectual foi recebido por diversos membros da laboriosa colônia lusitana e manifestou satisfação de estar em sua segunda pátria."

Mas, em verdade, êsse Sr. Orfeão intelectual distinto era apenas uma banda musical de estudantes que vinha de Lisboa ao Brasil...

Não riam. Vamos narrar, porém, noticia muito mais surpreendente publicada por um jornal do Cairo sôbre fatos passados no Rio de Janeiro ao tempo de Prudente de Morais.

Como todos sabem, por ocasião da campanha de Canudos, houve também agitações politicas. A monarquia ainda conservava seus adeptos em efervescência, sonhando com a restauração dos sucessores de Pedro II, e Antônio Conselheiro servia de ponto de referência para robustecer-se a chama bruxoleante do patriotismo cortesão.

Era Ministro da Guerra àquele tempo o Marechal Bittencourt, soldado digno e probo, defensor dos ideais republicanos e pessoa da maior confiança de Prudente de Morais.

Os jagunços de Antônio Conselheiro haviam sido dizimados e nossas tropas de linha voltavam cobertas de glória após tantas derrotas humilhantes. No cais do Arsenal de Marinha, o mundo oficial e populares aguardavam a chegada dos expedicionários. Entre os presentes se via o Presidente da República e, ao seu lado, o Ministro da Guerra. Em dado momento, porém, um grito de horror partiu de pessoas que estavam com Prudente de Morais. Um fanático, sacando do seu revólver, alvejara o Presidente. Falhando a

CERTAS NOTÍCIAS DE JORNAIS...

No Brasil já se faz propaganda com muita técnica. Produtos de quase um século de consumo em todo o pais e que se tornaram hábito entre as populações, não arredam pé e mantêm persistente publicidade nas fôlhas, revistas e rádio. Uma vez perguntaram a um dêsses fabricantes por que motivo continuava a firma a fazer tais anúncios, quando os produtos já eram por de mais conhecidos. Ao que o sábio homem respondeu: "Não queremos torná-los "mais conhecidos", e sim sempre lembrados".

Irrespondivel. Verdade sem contestação. Mas o que desejamos frisar aqui nesta conversa, não é nada disso. Queremos falar justamente a respeito do contrário, isto é, no que dizem noticias de jornais, e é tudo errado.

Muitas vêzes lemos coisas que se passaram na India, na Turquia, no Irã, no Tibet e ficamos admirados com os fatos. Por sua vez, é possivel que os leitores daqueles e de outros paises leiam coisas publicadas em seus diários locais sôbre êste imenso Brasil, e fiquem surpreendidos como ficamos com o que se refere aos dêles.

Vejam êstes exemplos: há muitos anos um noticiarista da Bahia, publicou o seguinte em sua fôlha: "Nossa capital tem a honra de hospedar o distinto Sr. Orfeão Acadêmico Português, que se demorará alguns dias entre nós. O festejado

arma, puxa do punhal e lhe vibra violento golpe, atingindo mortalmente o Ministro da Guerra que, rápido, se interpusera entre o braço do sicário e o primeiro magistrado da nação. Estávamos a 5 de novembro de 1897.

Dias depois, certo jornal do Cairo publica esta sensacional noticia:

"No Rio de Janeiro, um bispo chamado Marcelino atirou no Presidente da República e matou a punhal o Ministro da Guerra".

Naturalmente, muitos estrangeiros que leram a noticia ficaram estarrecidos. Tudo porque o tradutor confundiu o humilde anspeçada Marcelino Bispo com um bispo chamado Marcelino...

RENATO DE ALENCAR





INDIA KUIKURO, do Alto Xingu — Barra do Garças, Mato Grosso. Um sorriso aparentemente malicioso, lábios grossos, nariz chato



MULHER DO CAMPO, jovem de uma das tribos situadas entre o Alto Araguaia e o Alto Xingu. Colares e adornos de côres vivas . . .





ELAS NÃO SE CONSIDERAM DESPIDAS — Julgam-se mesmo bastante cobertas, trazendo apenas um cordel

A falsa notícia da morte de Francisco Meireles, o homem que conseguiu pacificar os indios Xavantes, entristeceu a cidade por alguns dias. Logo depois, entretanto, vinha o desmentido, e o próprio Meireles dava sinal de vida, anunciando seu regresso ao Rio, trazendo em sua companhia representantes da famosa tribo, outrora julgada indomável.

Houve então quem admitisse que a notícia do assassínio de Francisco Meireles tivesse sido um recurso de publicidade, desde que, na mesma ocasião, se anunciava o filme documentário "Sertão", foi feito durante a Expedição Roncador-Xingu. E como é sabido, Meireles participou dêsse empreendimento, que teve a dirigí-lo os irmãos Villas Boas, também experimentados e audaciosos desbravadores das nossas selvas.

E' oportuno recordar o que foi essa expedição. Milhares de quilômetros ela percorreu, entre as bacias do Araguaia e do Xingu, cobertos de cerradões, numa paisagem sem grandes contrastes. Ali estava o dominio dos Xavantes, e por lá desapareceu Fawcet, o famoso explorador britânico. Nessa região vivem os indios Kalapalos.

Descendo no campo de pouso, os indios Kalapalos apareceram aos desbravadores. Êsses, porém, já são indígenas pacificados. Embora desconfiados, êles recebem o homem branco, cordialmente. E sempre seguindo o roteiro prèviamente traçado, vão surgindo indios das tribos Juruna e Camaiurá. Ao que se calcula, êles viveram em guerra durante século e meio.

Mas a luta terminou com a presença do brigadeiro Vasconcelos Aboim, que se lembrou, em boa hora, de aproximar os dois caciques. As pazes foram feitas, o chefe

A CERAMICA tem excelentes profissionais na sua execução pelos índios. Esta carajá, da Ilha do Bananal, Goiás, é uma delas



passado nos quadris. Sem essa «toilette» não aparecem diante de nenhum estranho, demonstrando assim noções de pudor muito diferentes das de mulheres civilizadas. Estas são índias Kuikuros Kamaiurais, tribo situada em Mato Grosso

O PACIFICADOR DOS XAVANTES NÃO MORREU

FRANCISCO MEIRELES DESMENTIU, COM A SUA PRESENÇA, OS BOATOS DE TER SIDO MASSACRADO PELOS INDÍGENAS ★ RECORDANDO A EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU CHEFIADA PELOS IRMÃOS VILLAS BOAS

Texto de JOÃO ALVARENGA

Fotos do filme SERTÃO

Juruna ficou sendo hóspede de honra do chefe Camaiurá, mas, pelas dúvidas, negou-se a dormir na vivenda do seu antigo inimigo... Seguro morreu de velho! Foi quando o brigadeiro Aboim pôs a mão no peito do cacique Juruna, para sentir se o coração lhe batia apressado. Êle respondeu pela negativa: apenas, tinha mêdo do outro índio. Ou melhor, não era, rigorosamente, mêdo, apenas receio de algum feitiço mortal...

A turma expedicionária foi convidada a visitar uma aldeia maior. Prova de confiança em retribuição aos presentes recebidos.

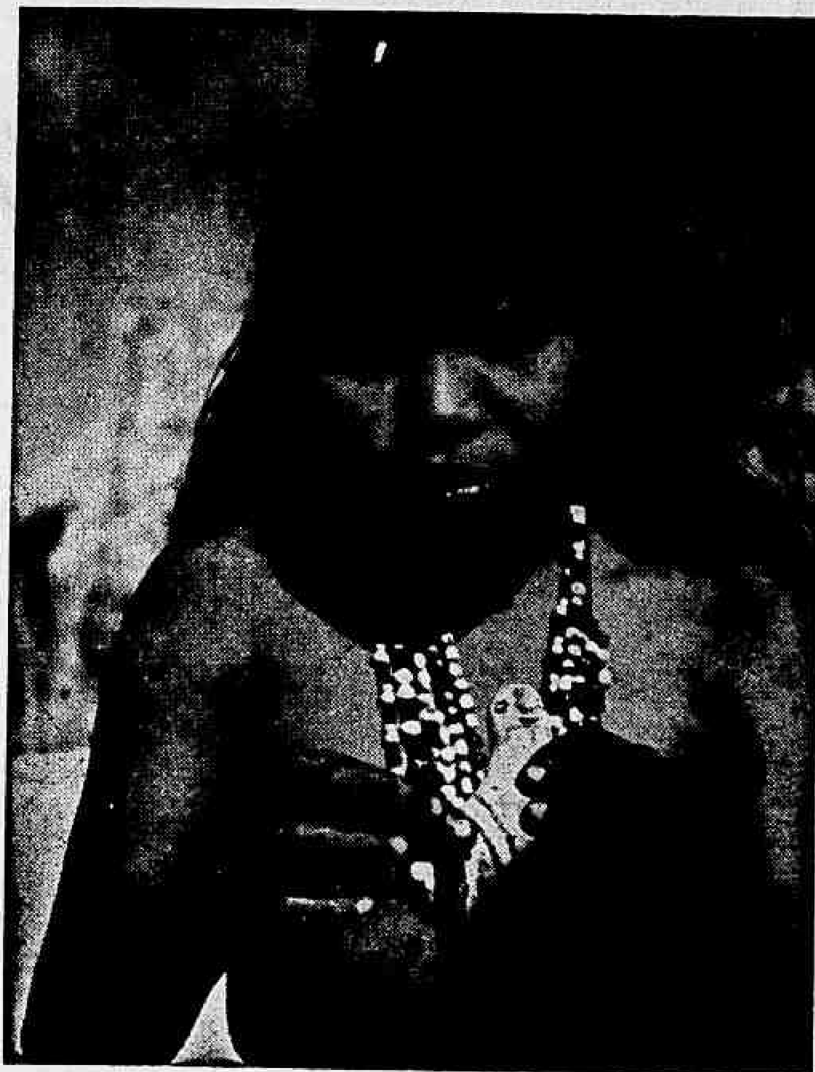
Depois a caravana prosseguiu, agora em canoas e batelões, impulsionados pelas zingas e sempre a remo. Seus componentes passaram um dia numa aldeia dos Kamaiúras. Em cada maloca, cêrca de vinte metros de comprimento por dez de largura, vivem várias famílias, de trinta e quarenta pessoas. O problema da habitação é uma realidade também entre nossos irmãos — os indios...

Dormem os homens, nas rêdes de cima, e as mulheres nas inferiores, porque a elas cumpre o dever de manter sempre acesa a fogueira que os aquece nas frias noites de inverno. Curioso: tôdas as indias que se encontraram, eram senhoras casadas. E algumas não teriam mais de treze anos. As responsabilidades conjugais começam cedo entre os silvícolas...

O banho matinal é coisa que os índios não dispensam. E, se falta o sabão, para compensar a água é de sobra. Não querendo perder a viagem, cada índia leva consigo, depois do banho, uma vasilha com água para beber.

O arco e a flexa são instrumentos de guerra, mas tam-

(Cont. na pág. 60)



NAO E' UM PASSARO «de verdade», mas reproduzido em cerâmica, paciente trabalho dessa índia carajá. Mas o pássaro está perfeito



IRMÃOS ORLANDO Vilas Boas, navegando no Rio Culuene em busca de um ponto onde será construido novo campo de aviação militar



UM DOS CHEFES da expedição, Fernando Vilas Boas, homem que se fêz experimentado e decidido na visita aos nossos irmãos das selvas

CLAUDIO, t…
Expedição R…
chapéu cuja …



ESPIRITO ESPORTIVO dos indios. Vence quem subjuga o adversário derrubando-o pelas pernas. Não há juizes. A lealdade dos lutadores exclui a necessidade de árbitros. Ninguém faz doais...

OS CONTEN…
safiados, a l…
a qualquer v…



EM CIMA: o brigadeiro Aboim, chefe da Expedição Aeronáutica, abraçando um Xavante legitimo. À direita: um BT-15 da FAB faz o seu vôo de reconhecimento por sôbre as malocas xavantinas. A bordo viajava um operador cinematográfico que pôde recolher flagrantes inéditos e de alto valor documentário. Essa é uma região quase desconhecida, cheia de mistérios e surpresas

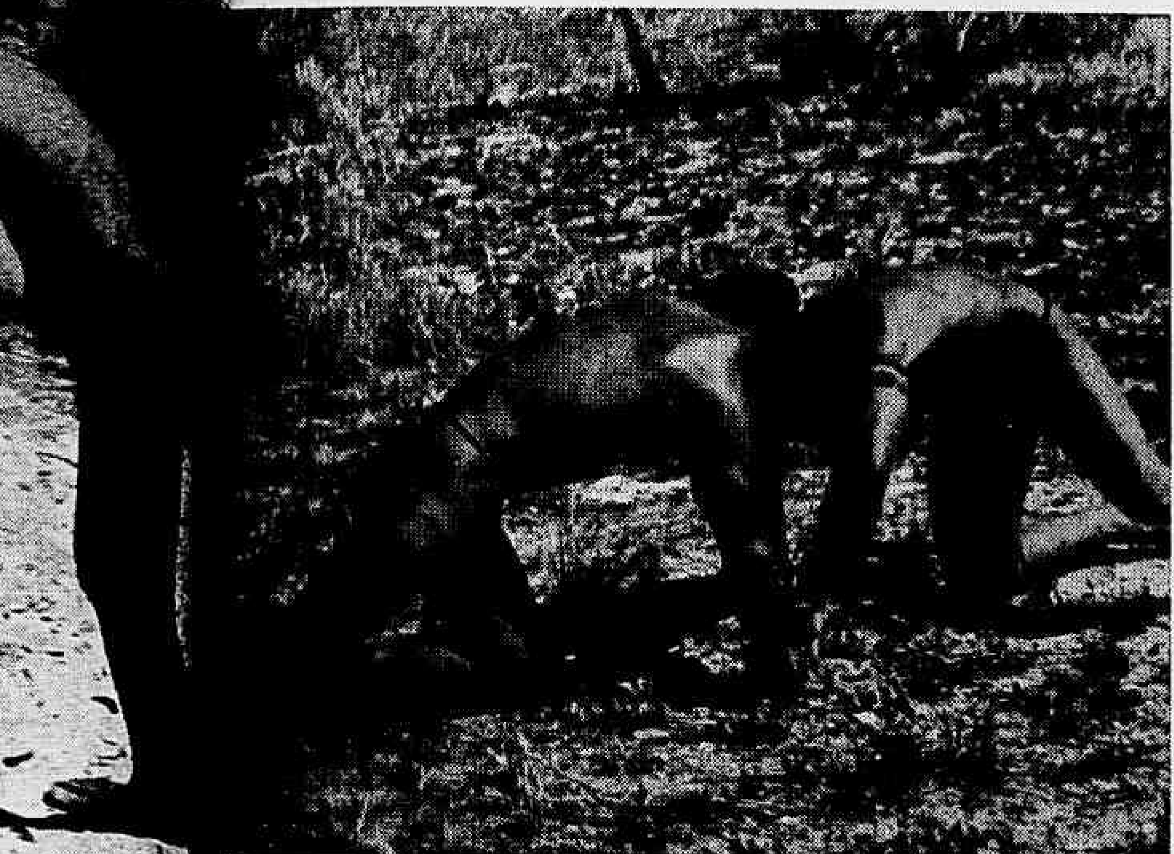




as Boas,
na visita



CLÁUDIO, também Vilas Boas, tal como vivia durante a Expedição Roncador-Xingu. Barba crescida, roupa de mato, chapéu cuja finalidade única é a de poupar o rosto dos reflexos do sol violento



subjuga
há juizes.
árbitros.

OS CONTENDORES entram em campo de braço dado. Desafiados, a luta começa. Quase sempre é uma homenagem a qualquer visitante. A vitória do mais forte é imediatamente reconhecida pelo derrotado



ÊLE NÃO FOI MORTO PELOS XAVANTES — Aqui está Francisco Meireles, com o pessoal da Expedição, viajando em fila indiana para evitar um cêrco dos indígenas. Os Xavantes só contam até dez, daí em diante não tem mais noção de quantidade. Avançando um a um, os brancos dão aos índios, a impressão de se tratar de uma grande exército, quando na realidade não chegam a cinquenta





FRANCISCO SOARES FURTADO MEIRELES, o Pacificador dos Xavantes, acalma o guerreiro índio que se espantou com a máquina fotográfica. Explica-lhe que não se trata de arma de fogo nem mata a ninguém. Meireles foi dado por desaparecido mas voltou com dois índios. À direita, um casal de Kuikuros, sendo que êle é campeão de lutas do Alto Xingu. A espôsa é extremamente jovem

RÉVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 31 ★ 5-8-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

A HONESTIDADE DOS CORREIOS



No momento em que divulga a imprensa certo ato delituoso de uma funcionária postal, queremos chamar a atenção do leitor para os seguintes fatos ocorridos com modestos servidores dos nossos Correios e Telégrafos. Como informa a Diretoria Regional do Estado do Rio, trabalha como servente da Agência Postal Telegráfica de Campos, o sr. Fernando Batista. Êsse modesto empregado ao efetuar a limpeza do saguão da mesma agência, encontrou uma carteira contendo Cr$ 1.378,00. Logo que verificou a existência de dinheiro na mesma, foi ao gabinete do seu chefe, entregando-a para que êste providenciasse a sua devolução ao verdadeiro dono. Como no mesmo objeto houvesse identificação, não foi difícil descobri-lo: tratava-se do sr. Gabriel Paiva Couto, da mesma cidade. Outro caso: o mensageiro Osvaldo de Sousa Rocha, da Agência Postal-Telegráfica da Praça 15 de Novembro, desta capital, ao receber seu ordenado num dos últimos meses, verificou, já fora das vistas do pagador, que recebera a mais mil cruzeiros. Conferindo mais uma vez a importância, concluiu que recebera mesmo de mais um conto de réis. Imediatamente procurou o seu chefe de serviço para revelar-lhe o equívoco e devolver o dinheiro que lhe não pertencia. Em Belo Horizonte, o auxiliar de tráfego, "21", José Gonçalves de Oliveira encontrou entre as cartas simples uma com a importância de Cr$ 40,00, entregando-a à Chefia. E o postalista de Bauru, sr. Deoclécio de Resende Soares, sem nenhum registro, carta com valor declarado com Cr$ 50,00, entregando-a ao Diretor Regional. Probidade é o que impera nos Correios e Telégrafos.

DESCÚLPAS DOS ESPANHÓIS



O clima do Rio em junho e julho de qualquer ano, é primaveril. A temperatura é agradabilíssima e à mesma se adaptam até os povos nórdicos, como sucedeu com os jogadores suecos. Essa felicidade climatérica chega à perfeição, quando os filhos de países frígidos vão morar nas montanhas que cercam o Rio, lá pela Tijuca, Santa Teresa, Paineiras, etc.. Entre as delegações estrangeiras que vieram ao Brasil, achava-se a da Espanha. Os ibéricos foram hospedados num excelente hotel das Paineiras, a quinhentos metros sôbre o nível do mar, entre densas florestas e ventos propícios. Clima do sul da Europa. Temperatura que os obrigava a vestir seus coletes e proteger-se contra o frio saudável das montanhas. Mas os espanhóis, ao chegar à sua terra, alegaram que o time perdeu várias batalhas no Rio e em São Paulo porque estranhara o clima. Ora, se a temperatura no Rio, mesmo no campo do Maracanã, era agradável e suave, à qual se adaptaram perfeitamente inglêses e suecos, povos muito mais habituados a ambientes glaciais do que os espanhóis como justifica-se que a derrota futebolística dos nossos irmãos latinos foi causada pelo clima? Quanto a São Paulo, então essa alegação é absolutamente inaceitável. Todos vimos, nos jornais cinematográficos, como se mantinham os jogadores do Pacaembu nas pôses para os fotógrafos: agitando as pernas para produzir calor pelo movimento, tal o frio ali reinante. Achamos que os espanhóis deviam fazer como os suecos, norte-americanos e inglêses: perdemos porque os nossos adversários jogaram mais e melhor...

REVELAÇÃO DO CENSO



Vejam os leitores o que é êste mundo! Há milhares de pessoas que estão pèssimamente alojadas em apertados quartinhos de casas de cômodos, muitas vêzes se tratando de famílias com cinco, seis e mais pessoas, tudo isto por falta de casas e apartamentos para alugar, quando o recenseamento atual nos veio mostrar uma das faces mais dolorosas da época presente: só em Copacabana há mil e quinhentos apartamentos mobilados, com telefones ligados, energia elétrica e gás, sem que os seus inquilinos morem ali! Somando-se outros imóveis nas mesmas condições, chegou-se à cifra de vários milhares em tôda a cidade do Rio de Janeiro. Pode-se tirar do fenômeno conclusão sôbre conclusão; mas, uma coisa é evidente e tristíssima: enquanto uma grande população paga o preço de sangue das veias aluguéis exorbitantes por um simples quarto sem luz, sem ar, em fundos de casa velha, milhares de apartamentos se conservam simuladamente ocupados, concorrendo para os desajustamentos do carioca, o desequilíbrio social, a desilusão do povo. Estamos de acôrdo que o proprietário de um imóvel faça dele o que bem quiser. Quem puder possuir dois, três, dez ou mais, que os possua; mas, quando se vêem multidões de pais de família, de gente honesta e trabalhadora, sofrendo privações em mansardas a pêso de ouro, enquanto a alguns passos há apartamentos "ocupados" por proprietários ou inquilinos que nunca ali vão, sentimos que nossa sociedade ainda não compreendeu que é preciso haver compreensão humana diante do infortúnio alheio. Que desafôgo para o Rio, se os que têm tantos apartamentos simuladamente ocupados, os alugassem aos que lutam por um cômodo!

E' PROIBIDO FUMAR



O fumar é hábito elegante e já conquistou tôda a sociedade humana. Embora suas origens não sejam lá muito respeitáveis, a verdade é que um cigarrinho após as refeições, ou depois de um café com torradas ou sem elas, dá certo ar de distinção a senhoras e cavalheiros. Mas, convenhamos também, que o hábito de fumar (muitas vêzes vício) tem seus inconvenientes de natureza social. Que um cidadão ou cidadã, tire baforadas de seu cigarro em local onde não se ve[ja] senão o fumante, vá lá. Mas, que o fumante se converta em chaminé de fábrica ou de padaria, enchendo de fumo um ambiente confinado, sem ventilação, sem espaço suficiente para a maior e mais rápida dilatação e rarefação da fumarada, é o que há de mais incômodo para os circunstantes. Se os vizinhos assim incomodados se dão também ao hábito de fumar, ainda é tolerável, muito embora não haja fumante que suporte de bom coração o cigarro, charuto ou cachimbo do outro. O fumo é sempre ordinário, o cigarro não cheira bem, o cachimbo e o charuto são detestáveis. E se a vítima não fuma? Aí então o suplício não tem limites. Veja-se o que se passa em elevadores, em ônibus, cinemas, bondes, lotações, trens, etc.. Uma calamidade. Pois bem: dá-nos o telégrafo uma notícia digna de aplausos e de imitação por parte das autoridades do Rio de Janeiro. Em Manáus, capital do Amazonas, as autoridades proibiram terminantemente que se fume em ônibus e lotações. Multa, inicialmente; depois, prisão. Vamos imitar os amazonenses e estender a proibição aos cinemas?

A PERSONAGEM DA SEMANA

APÓS muitos anos de tentativas sempre frustradas em tôrno da volta do Rei Leopoldo III, da Bélgica, conseguiram as correntes políticas da direita chefiadas pelo Partido Cristão, trazer o soberano ao trono do país. Não se pode, em poucas linhas, descrever-se o que foi essa luta homérica em favor das prerrogativas do filho do grande Alberto, herói e mártir de sua terra, uma das maiores figuras do cenário europeu durante a primeira grande guerra. Contra o regresso de Leopoldo III se arregimentavam e ainda se congregam fôrças populares ponderáveis, elementos de combate ao seu regime, todos chefiados pelos socialistas. Êsse partido não se conforma com a volta do Rei e, logo que foi votado o seu regresso para assumir o cetro, os nove ministros de Estado que formavam na composição do Govêrno belga, telegrafaram ao Primeiro Ministro declarando que se demitiam dos cargos, uma vez que não reconheciam mais Leopoldo III com rei, recusando-se, ao mesmo tempo, a assistir ao Conselho da Coroa. Apesar dêsses prenúncios intranquilizadores, o rei voltou disposto a assumir o poder, declarando que tudo faria para resolver a crise constitucional existente no país e começar um govêrno de reconciliação. Mas, o que se vê é o contrário. O rei, diante da oposição de massas proletárias dirigidas pelos seus sindicatos, declaram-se greves, perturbando a vida nacional e criando sérios obstáculos à marcha dessa mesma reconciliação esperada e prometida pelo soberano. E é de tal monta o estado intranquilo, que o próprio rei, achou mais prudente deixar a espôsa na Suiça, até que os horizontes fiquem mais claros. O Partido Socialista deseja que Leopoldo III abdique na pessoa do filho, desiludindo-se de uma vez por tôdas de continuar na Bélgica, acusado de traição nacional em face da invasão alemã nos primeiros dias da segunda grande guerra. Explodem distúrbios, dinamitações de vias férreas, fechamento de comércio e de fábricas por todo o país enquanto o rei fica no palácio de Laeken, sem ter ânimo de sair. E as sombras de perigosas convulsões internas ameaçam a Bélgica, não se podendo prever até que ponto irá a luta.



Leopoldo III, rei da Bélgica

atração!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 COMO DEVEMOS DIZER OU ESCREVER:
— Dragéa?
— Drágea?
— Dragéia?

2 EM QUE DATA SE FESTEJA, NO BRASIL, O «DIA DO AUTOMÓVEL E DA ESTRADA DE RODAGEM:
— 15 de novembro?
— 1º de janeiro?
— 13 de maio?

3 QUAL O CIRCUITO AUTOMOBILÍSTICO QUE TEM, NO BRASIL, O NOME DE «TRAMPOLIM DO DIABO»:
— O de Interlagos, em São Paulo?
— A Volta da Tijuca, no Rio?
— O Circuito da Gávea, no Rio?

4 QUAL O VERDADEIRO NOME DE VOLTAIRE:
— François Marie Voltaire?
— François Marie Arouet?
— Arouet Voltaire?

5 HÁ EM NOSSO CORPO CERTAS PARTES QUE CRESCEM MAS QUE NÃO TÊM VIDA:
— São as unhas?
— As veias?
— A ponta do nariz?

6 NAS RECEITAS ANTIGAS COSTUMAVAM OS MÉDICOS ESCREVER: a.c. QUE SIGNIFICAM TAIS LETRAS:
— Antes de dormir?
— Depois da comida?
— Antes das refeições?

7 EM QUE PARTE DO BRASIL SE REALIZARAM AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES TEATRAIS:
— Pernambuco?
— Bahia?
— Rio de Janeiro?

8 QUAL O SÍMBOLO COM QUE SE APRESENTA EUTERPE, A MUSA DA POESIA LÍRICA E DA MÚSICA:
— Uma harpa?
— A lira?
— A flauta?

9 DE QUE AUTOR É O FAMOSO ROMANCE «OS MISERÁVEIS»:
— De Alexandre Herculano?
— Alexandre Dumas?
— Victor Hugo?

10 LUÍS XV, QUE SUCEDEU A LUÍS XIV, O QUE ERA DÊSTE:
— Bisneto?
— Filho?
— Irmão?

11 QUANTOS PAÍSES NAS AMÉRICAS SÃO ATRAVESSADAS PELO TRÓPICO DE CANCER:
— Três?
— Um?
— Dois?

12 QUEM FOI SÓLON:
— Um dos Sete Sábios da Grécia?
— Imperador Romano?
— General da África?

13 EM QUE OCASIÃO SE PODE VER A CORÔA SOLAR:
— Nas auroras boreais?
— Com telescópios ao meio-dia?
— Quando ocorrem eclipses totais do Sol?

14 QUAL DESTAS CIDADES FOI SOTERRADA PELO VESÚVIO:
— Sodoma?
— Pompéia?
— Gomorra?

15 QUAL O MAIS BELO EDIFÍCIO DE SEVILHA:
— A Catedral?
— A Giralda?
— O Alcazar?

16 EM QUE OBRA LITERÁRIA SE ENCONTRA A LENDA DO «ABRE-TE SESAMO»:
— Na «Gata Borralheira»?
— Em «Mil e Uma Noites»?
— Em «Branca de Neve e os Sete Anões»?

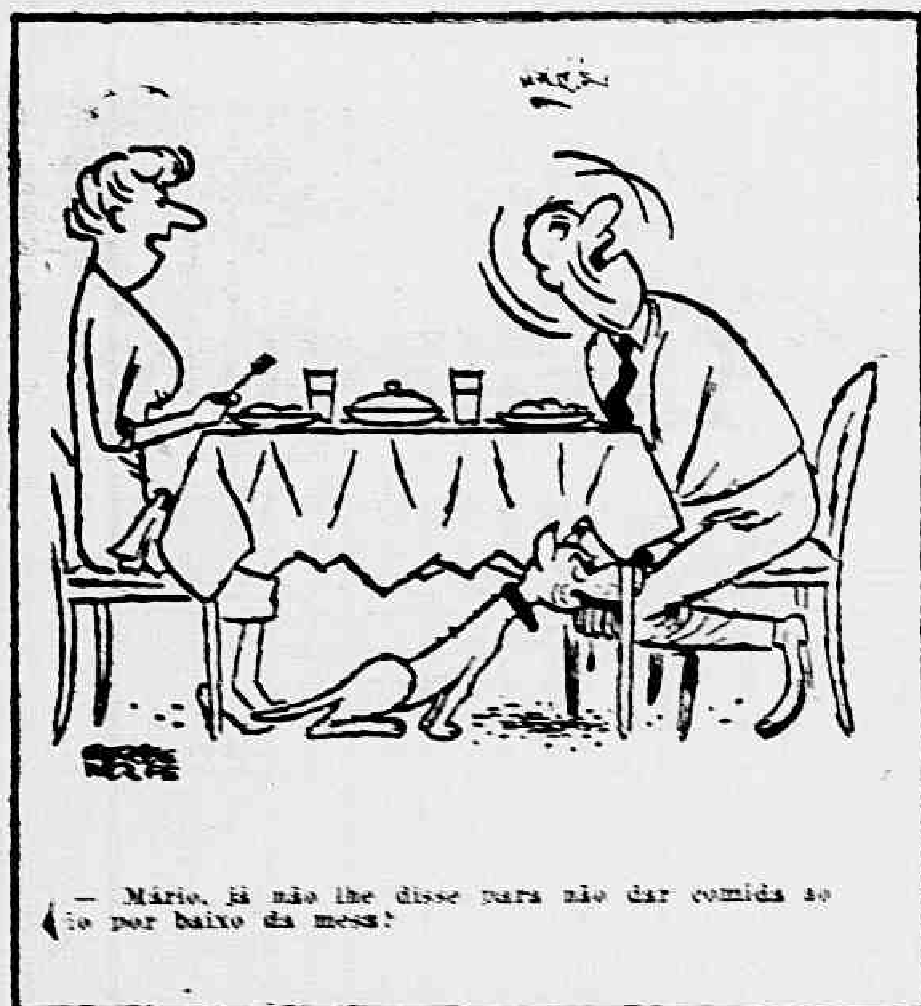
17 QUE QUER DIZER PANTEISTA:
— Os adoradores da Lua?
— Os que não têm religião?
— Os que identificam Deus com a Natureza?

18 QUAL DESTAS UNIDADES DE EXÉRCITO POSSUI MAIS SOLDADOS:
— Uma Brigada?
— A Divisão?
— O Regimento?

19 QUE SIGNIFICA EUROTROFOBIA:
— Mêdo de encabular?
— Ter pés tortos?
— Moléstia dos rins?

20 DE QUE POETA É O «EVANGELHO DAS AVES»:
— Guerra Junqueiro?
— Catulo Cearense?
— Fagundes Varela?

(Respostas na pág. 58)

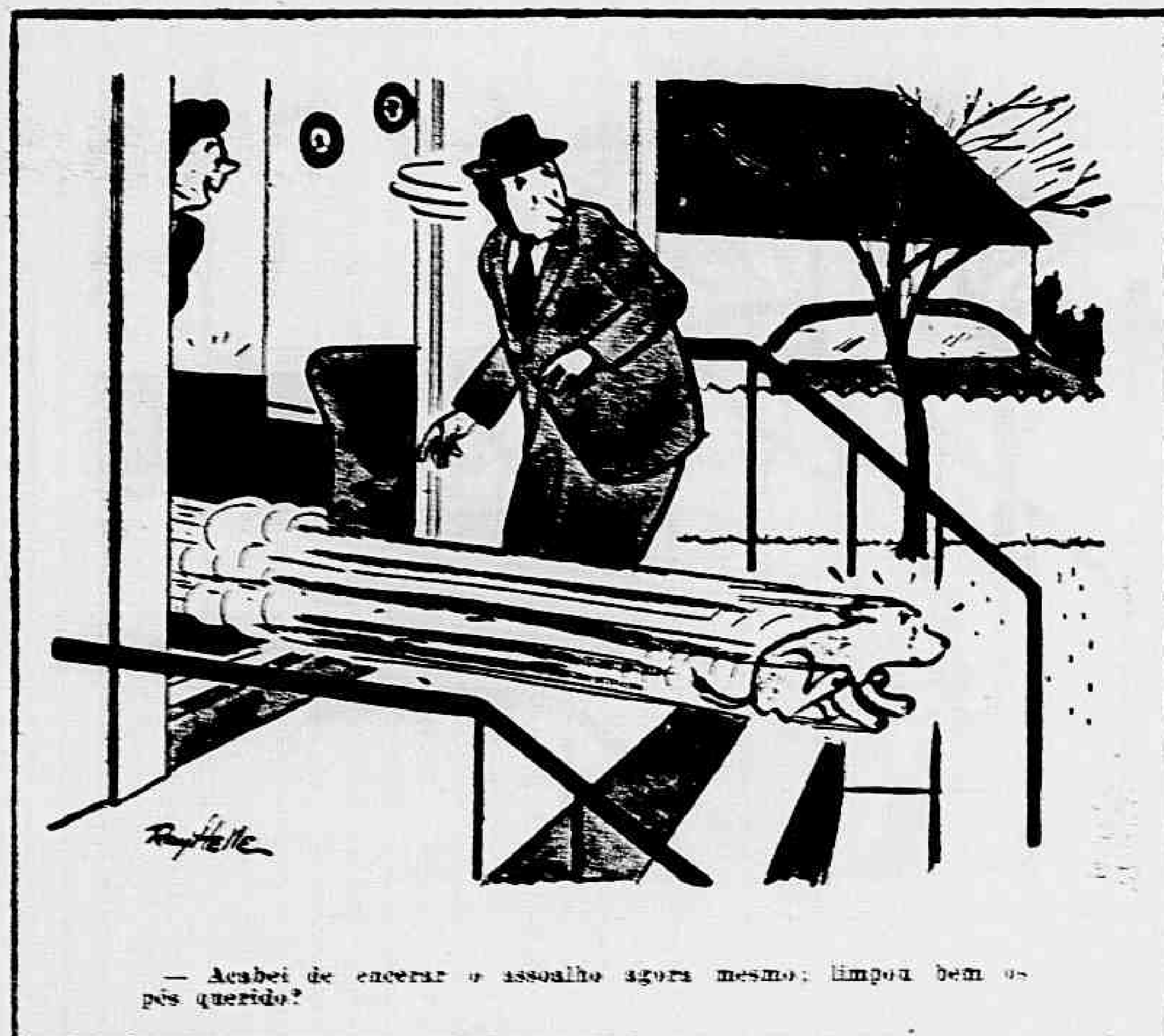


— Mário, já não lhe disse para não dar comida ao cão por baixo da mesa?





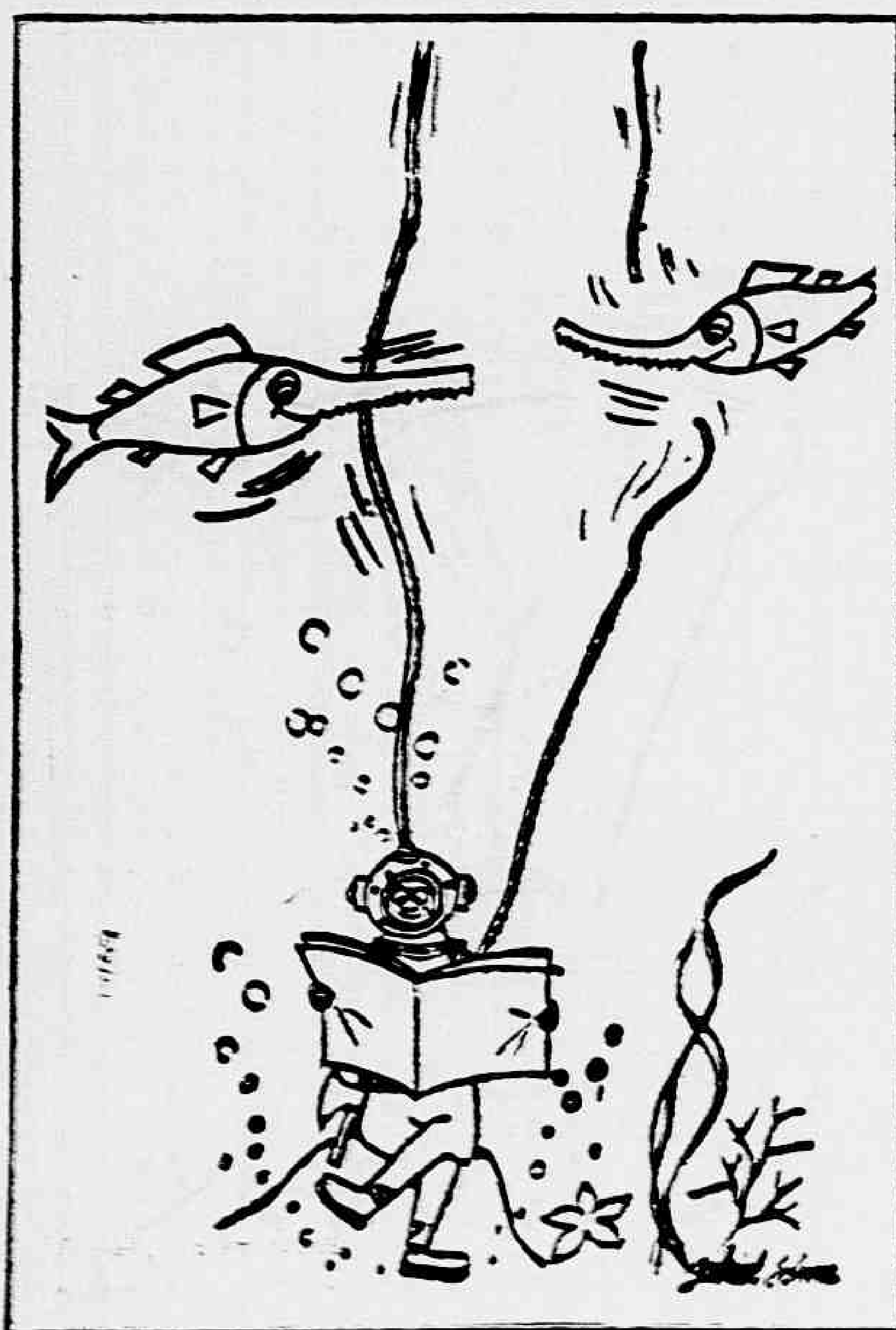
AO FOGO!!!



— Acabei de encerar o assoalho agora mesmo; limpou bem os pés querido?



— Era hoje que a senhora desejava sair mais cedo, Dona Florência?





— Aquele garoto que está atirando flechas na beira da estrada, é seu filho?





TUDO MENTIRA! Não passou de uma refinada farsa o propalado romance de Ava Gardner com o toureiro Mário Cabre. A ex-espôsa de Mickey Rooney e do diretor da banda de jazz Artie Shaw, aqui está, num intervalo da filmagem em Tossa (Espanha), ensinando Mário a falar o inglês. Tudo foi imaginado pelo publicista da emprêsa. Inclusive as ciumadas bôbas de Frank Sinatra... Em baixo: Ava Gardner na intimidade da sua casa em Hollywood, onde mora desde 1941.

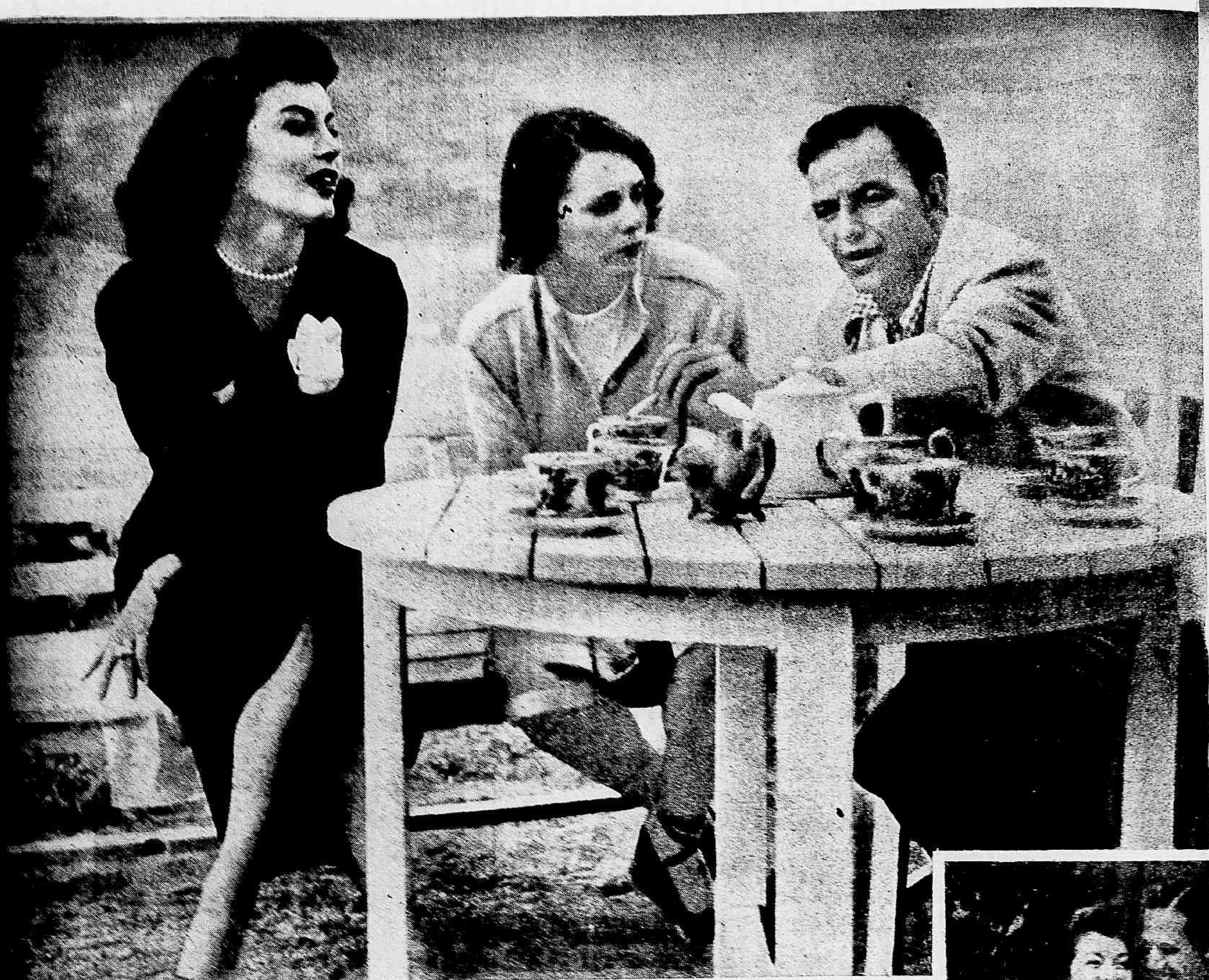
AMOR POR ENCOMENDA

A TÉCNICA PUBLICITÁRIA DO ROMANCE DE AMOR DE AVA GARDNER, TAL COMO FOI APLICADA PELO SEU AGENTE, ENTRE ELA E MAIS TRÊS PERSONAGENS

Texto de AURO ROSELLI



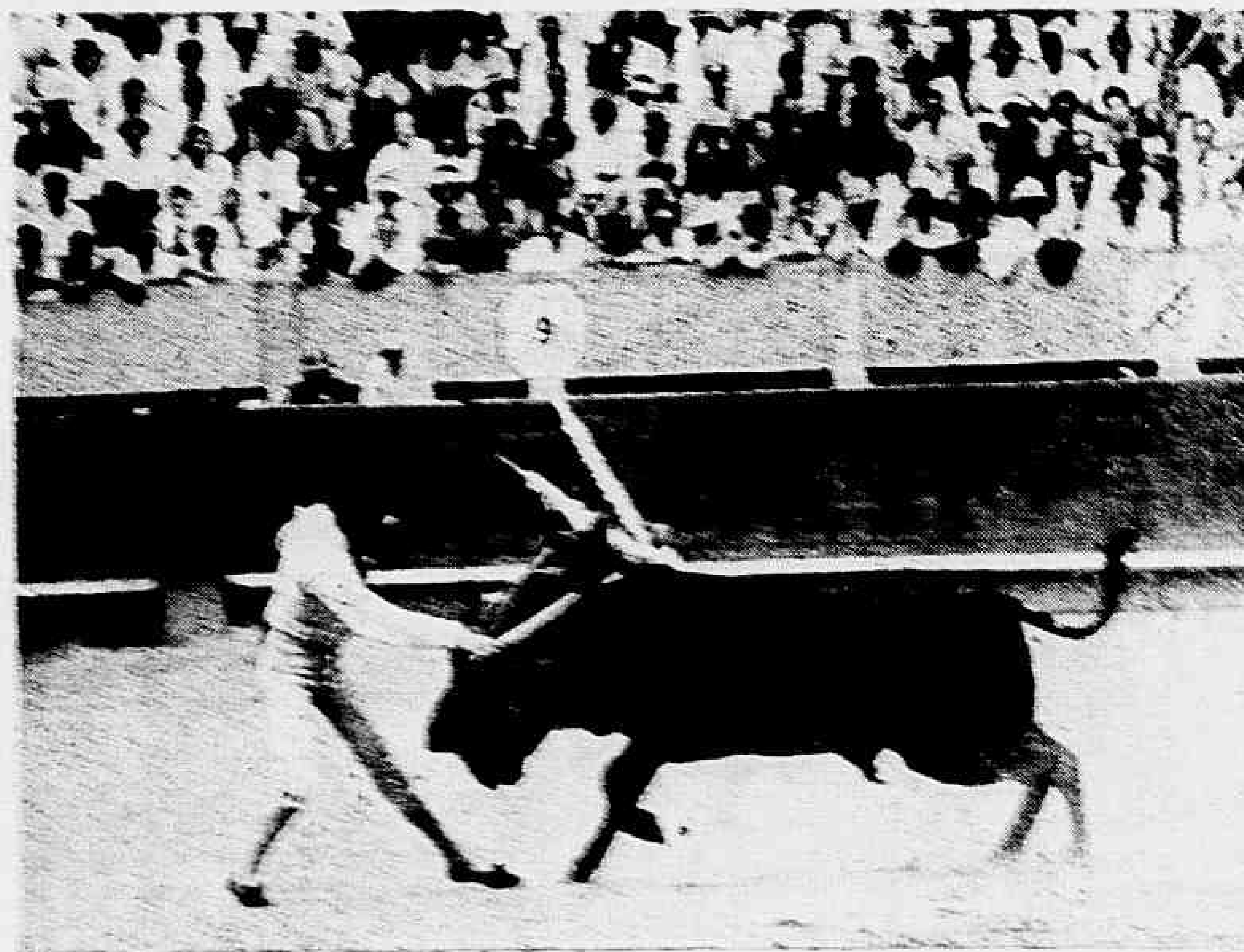
AVA Gardner é uma artista de quem será melhor publicar sòmente as fotografias; escrever sôbre ela é quase sempre difícil e contraproducente. No entanto há três meses atrás foi iniciada uma campanha publicitária para lançar o filme em que tomava parte na Espanha, e o seu Press Agent (agente de publicidade), foi encarregado de divulgar notas sôbre a artista e o filme. Parecia a coisa mais ingrata dêste mundo que pudesse cair em cima de um desgraçado, sempre atento ao "bilhete azul". Citar as piadas de Ava Gardner durante os trabalhos de filmagem era muito difícil, quase impossível. Citar suas impressões sôbre a Espanha era outra emprêsa que necessitava de tato e diplomacia. Mas os jornais precisavam de matéria escrita, além das fotografias. O Press Agent invejava o de Tyrone Power, que desde as Filipinas podia mandar a descrição das aventuras de Ty, escapado por milagre aos rebeldes. A inspiração teve-a o Press Agent quando lia o original da parte de Ava no filme, justamente quando ela deve dizer: "Meu querido Mário", ao "torero" Mario Cabre, a quem tiveram que entregar uma parte, pois não se achou um artista que soubesse pular ao lado de um touro como devia. A história de um pe-



MERA COINCIDÊNCIA! Fingindo uma doença na garganta, Frank Sinatra conseguiu umas rápidas férias e voou para a Espanha, para matar saudades de Ava. Na gravura, os dois apaixonados, e entre êles a espôsa do diretor. Em baixo, Ava e o toureiro Mário Cabre, fingindo de namorados.

queno romance entre Ava e o "torero" teria garantido o sucesso do filme.

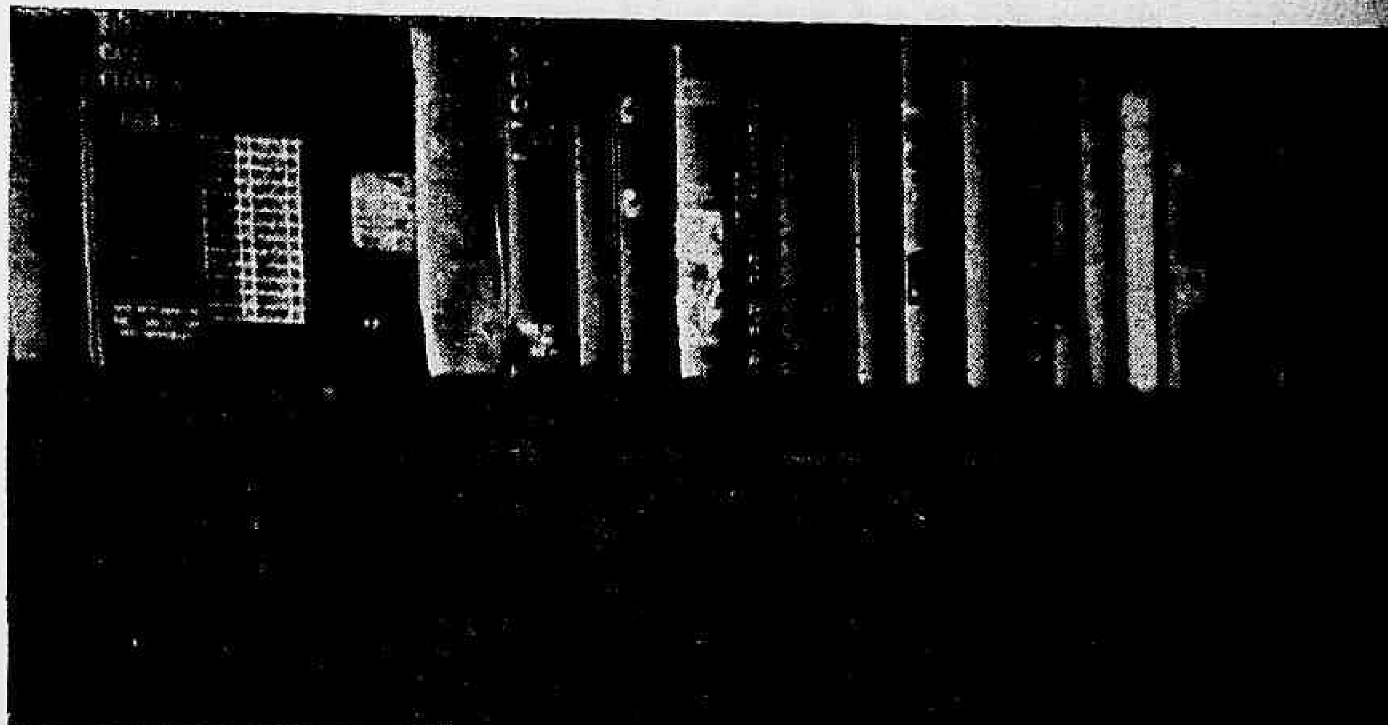
Em nome dos interêsses superiores foi explicado a Ava que não desmentisse aquela notícia e que deixasse os jornalistas na incerteza. Tratando-se de um "torero", Press Agent e os demais publicistas pensaram logo que um simples interêsse pela artista não era suficiente. Êles nunca haviam lido ou ouvido falar a respeito de uma simpatia passageira em que estivesse envolvido um "torero". Era necessária uma paixão violenta, com bastante côr local. Mas surgiu uma dificuldade, se Ava se enamorasse de Cabre, o público americano exigiria um epílogo feliz, isto é, um casamento e as demais consequências: translado do marido para Hollywood, apresentação nas reuniões elegantes, manutenção do mesmo, divórcio e despesas relativas. Para evitar isso tudo chegou-se a uma conclusão: o "torero" se enamoraria de Ava, mas esta, numa atitude bem típica, continuaria fria e enigmática, juntando à sua coleção também o coração despedaçado de Mario Cabre. As partes foram explicadas direitinho aos dois atores, foram sugeridas as respostas para dar aos jornalistas e a história foi enviada à imprensa. Teve um sucesso não sensacional, mas discreto. Press Agent, encorajado, pensou juntar um capítulo sôbre Frank Sinatra. Na verdade o coitado do Frank estava de fato enamorado de Ava, sem a intromissão do agente, mas tinha um contrato que o amarrava ao "Copacabana" de New York, não podendo se afastar. Conhecia naturalmente os truques dos agentes, mas, todo bobo pela Ava, não conhecia as manhas da mesma ou pelo menos não as distinguia das do Press Agent. Ava não respondia às suas cartas, aconselhada pelo agente de publicidade, ou então porque não sabia o que escrever. Sabe-se que passou muito tempo antes de chegar a resposta à última carta de Sinatra, que provocou no cantor uma doença qualquer de garganta, podendo assim arranjar umas férias do "Copacabana" e voar até a Espanha. A história começava a ser interessante e já era dada com títulos em duas colunas nos jornais vespertinos. À chegada de Frank na Espanha, os jornalistas perguntaram-lhe: "Veio por causa do "torero"? Irá falar com êle? Se o encontrar, que irá fazer-lhe?". Sinatra respondeu sempre: "No comment", mas os jornalistas já haviam visto tudo. Sabiam, por exemplo, que Sinatra, apesar de magrinho, é mais ou menos esquentado e que já teve de aparecer frente ao juiz, por haver dado um sôco num jornalista. Bem verdade é que o "torero" era mais forte que o artista americano e mesmo mais forte que o jornalista que havia apanhado. Após o "No comment", os jornalistas entrevistaram Mario Cabre e êste, direitinho, como havia aprendido, respondeu: "Estou louca-



Mário Cabre lidando com um touro na praça de Madrid, sem se preocupar com Ava Gardner. Só pelas suas qualidades automáticas de [illegible] aproveitado para tomar parte nessa lendária



mente apaixonado por Ava". O encontro e a desforra pareciam inevitáveis; no entanto, como num filme de René Clair, os dois, apesar de rondar continuamente em volta de Ava, não se encontraram nunca. Espalhou-se a notícia de que Sinatra havia levado como presente para Ava um colar de esmeraldas no valor de dez mil dólares, mas os dois desmentiram. Em todo caso, com ou sem esmeraldas, as relações entre ambos continuaram cordiais durante todos os encontros que tiveram na Espanha, desiludindo bastante os jornalistas que esperavam se repetisse o que havia acontecido no Hampshire House, um dos mais suntuosos hotéis de New York, onde morava Frankie, e onde se hospedou também Ava Gardner. Uma noite, bem tarde, ou u'a madrugada bem cedo, a polícia foi chamada pelos outros hóspedes e nunca se soube o que na realidade havia acontecido. Enquanto se esperava o encontro Sinatra-Cabre, que por desgraça da imprensa não se deu, entrou em cena, lá em New York, Pepita Marco, a noiva do "torero", bailarina de uma revista de muito sucesso entre os imigrantes de Pôrto Rico. Pepita achou a ocasião ótima para fazer um pouco de publicidade para ela mesma. Dançarina desconhecida, ou quase, até ontem, ficou famosa de repente. Quando todos os jornais publicaram que tinha intenção de voltar para a Espanha e furar os olhos do "torero", a sua revista estava representando pelas últimas vêzes, e Pepita, cujo prazo de permanência estava no fim, devia se feliz. O Press Agent, em segrêdo, conseguiu acalmar Sinatra, que partiu para Paris, e depois deixou de divulgar notícias sôbre os amôres de Ava e de Cabre. Enfim, ficou resolvido pular a cena final, deixando a cada qual o gôsto de terminar à sua vontade. Enquanto isso a gente vai esquecendo. Passados alguns meses, quando o filme fôr exibido, será lembrado ao público o episódio dos amôres de Ava Gard-



NA EMISSORA DE MADRID Ava e o toureiro participam de um animado «sketch». Falsos enamorados!





CAMPEÃ DE MATRIMÔNIOS Ava casou-se em 42 com Mickey Rooney, divorciando-se em 43. Contraiu núpcias em 45 com Artie Shaw, tornando a divorciar-se em 46. E quase se casou com Howard Duff...



aprontar para deixar o território dos Estados Unidos. Agora, no entanto, seu nome é famoso na Cidade do México, onde obteve um contrato tão vantajoso que esqueceu os olhos do toreador. Correndo assim a história, era difícil arranjar um final ner, de modo que os espectadores o reconheçam entre os muitos que serão exibidos contemporâneamente e paguem pelo que foi dispendido em sua publicidade. Enfim, coisas de cinematografistas americanos!

SEU MAIOR AMOR Os casos sentimentais da «estrêla» têm a existência das rosas. Os homens passam e ela fica. — «Meu maior amor é por Ted, que me acompanha há dez anos». Ted é o cachorro.



NA PRAÇA SÃO PEDRO

Robert Taylor e Deborah Kerr, ao chegarem a Roma, vão visitar o Vaticano. Aqui os vemos, frente à Basílica, pedindo informações a um policial italiano. Êle será o intérprete de Vinicius, e sua companheira, Lígia. O papel de Ursus será desempenhado por Buddy Baer. O filme e extraído da famosa novela «Quo Vadis?», de Sienkiewicz



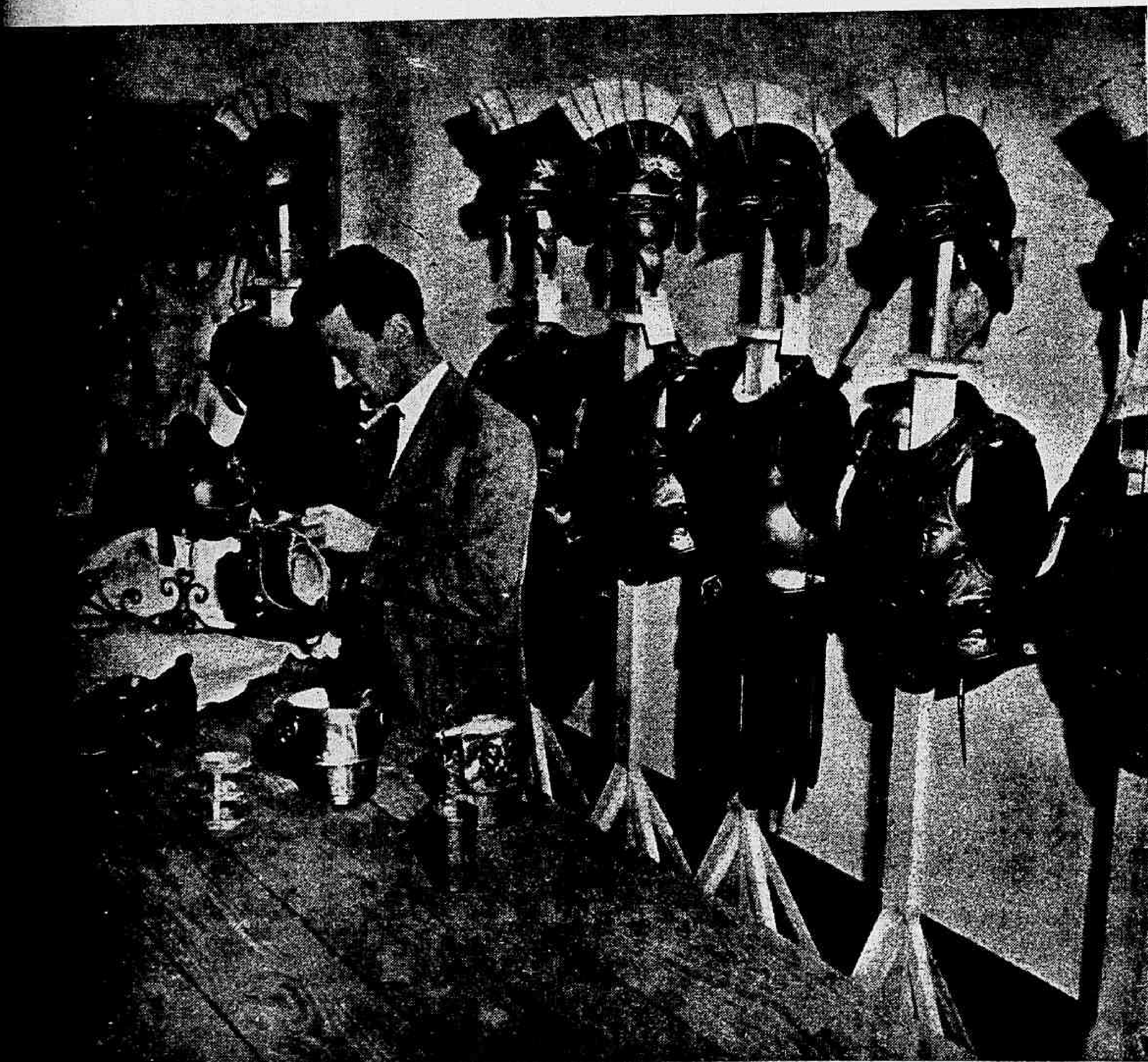
SAPATOS

Aspecto da sapataria instalada especialmente, na Cinecittà, onde «Quo Vadis?» será realizado. Êste calçado destina-se apenas aos soldados romanos. Milhares de sandálias estão sendo feitas

PARA FILMAR "QUO VADIS?"

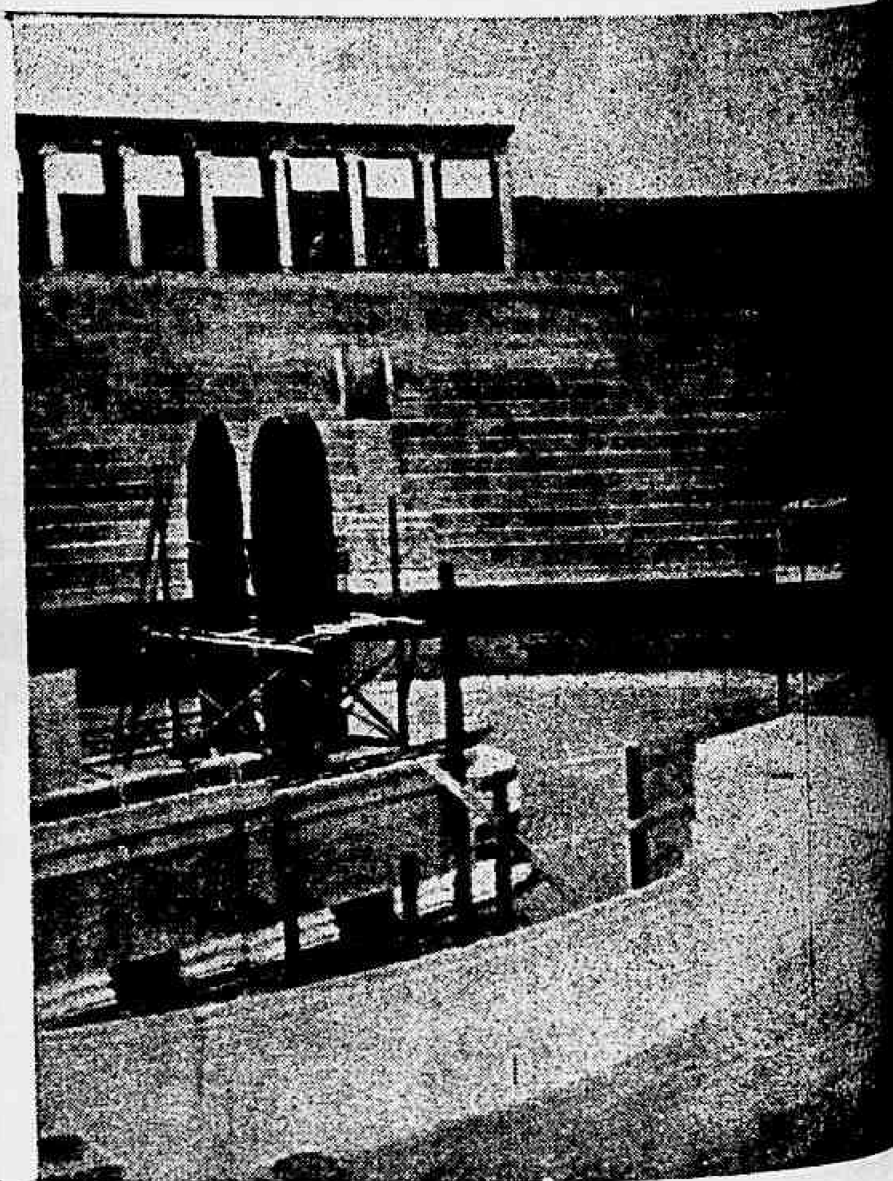
QUATRO MILHÕES DE DÓLARES INVESTIDOS NA PELÍCULA QUE ROBERT TAYLOR E DEBORAH KERR FORAM POSAR EM ROMA ★ E ENQUANTO AGUARDAM AS CÂMERAS, FAZEM A SUA PEREGRINAÇÃO DE ANO SANTO ★ MILHARES DE ELMOS, VESTIMENTAS E SAPATOS, DE HOLLYWOOD PARA CINNECITTÁ

ÊSTE é o primeiro grande empreendimento da cinematografia norte-americana, realizado na Itália. Outros, anteriormente, ali foram feitos, mas nenhum desta grandiosidade. Pela terceira vez "Quo Vadis?" será le-



PREPARATIVOS

A preparação técnica dêsse filme é complicada: milhares de comparsas estão sendo utilizados com os costumes romanos rigorosamente à época. Aqui se vêem alguns acessórios, elmos e couraças para os soldados de Nero. Muitos consultores especializados no assunto foram aproveitados, e o filme, uma vez terminado, ficará por mais de 4 milhões de dólares



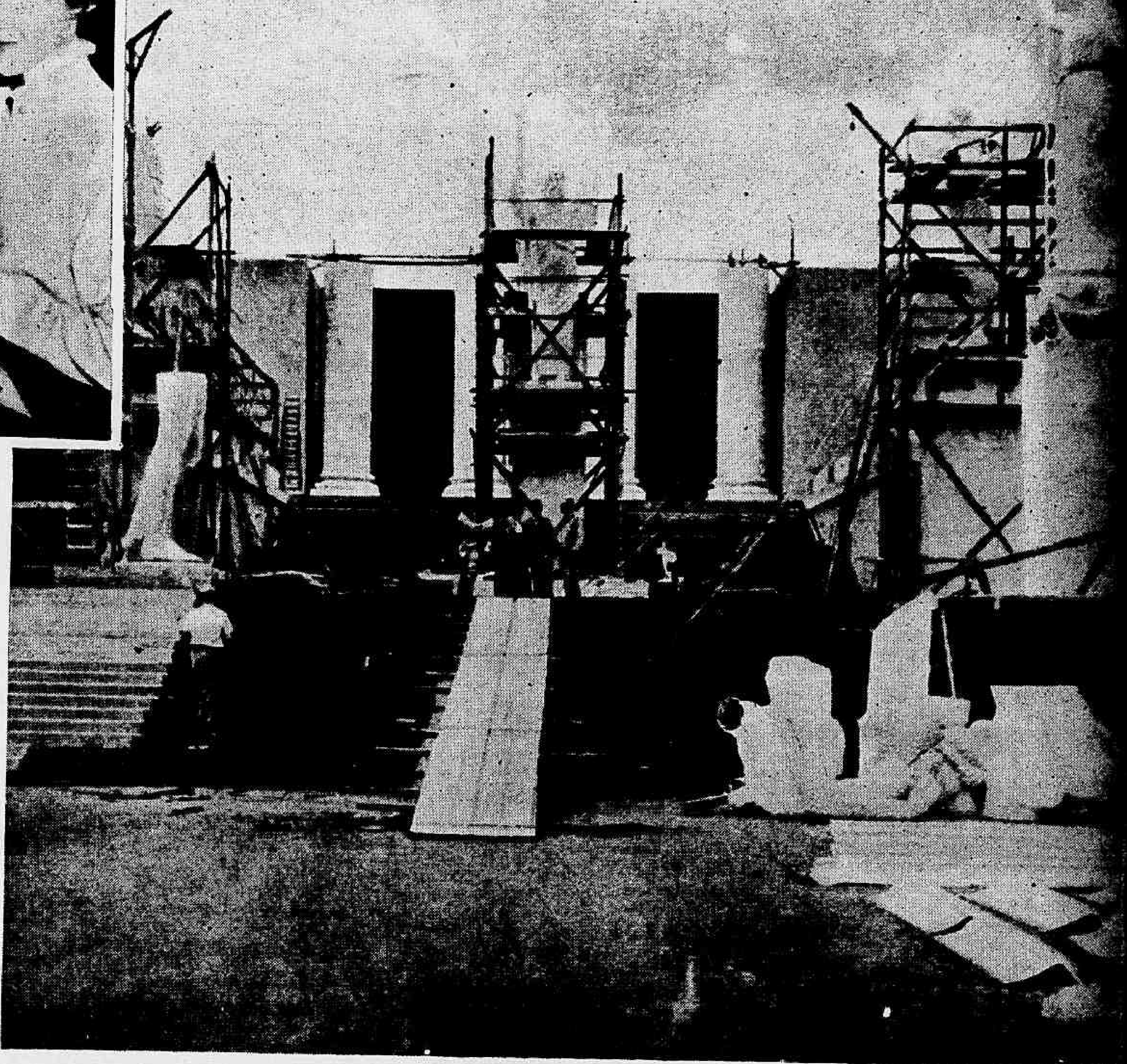
Está sendo reconstituído, com a possível fidelidade, o histórico Circo Massimo, lá mesmo em Roma. Nesse lugar serão filmadas cenas importantes do filme. Leões, ursos,



AS JÓIAS DE LÍGIA

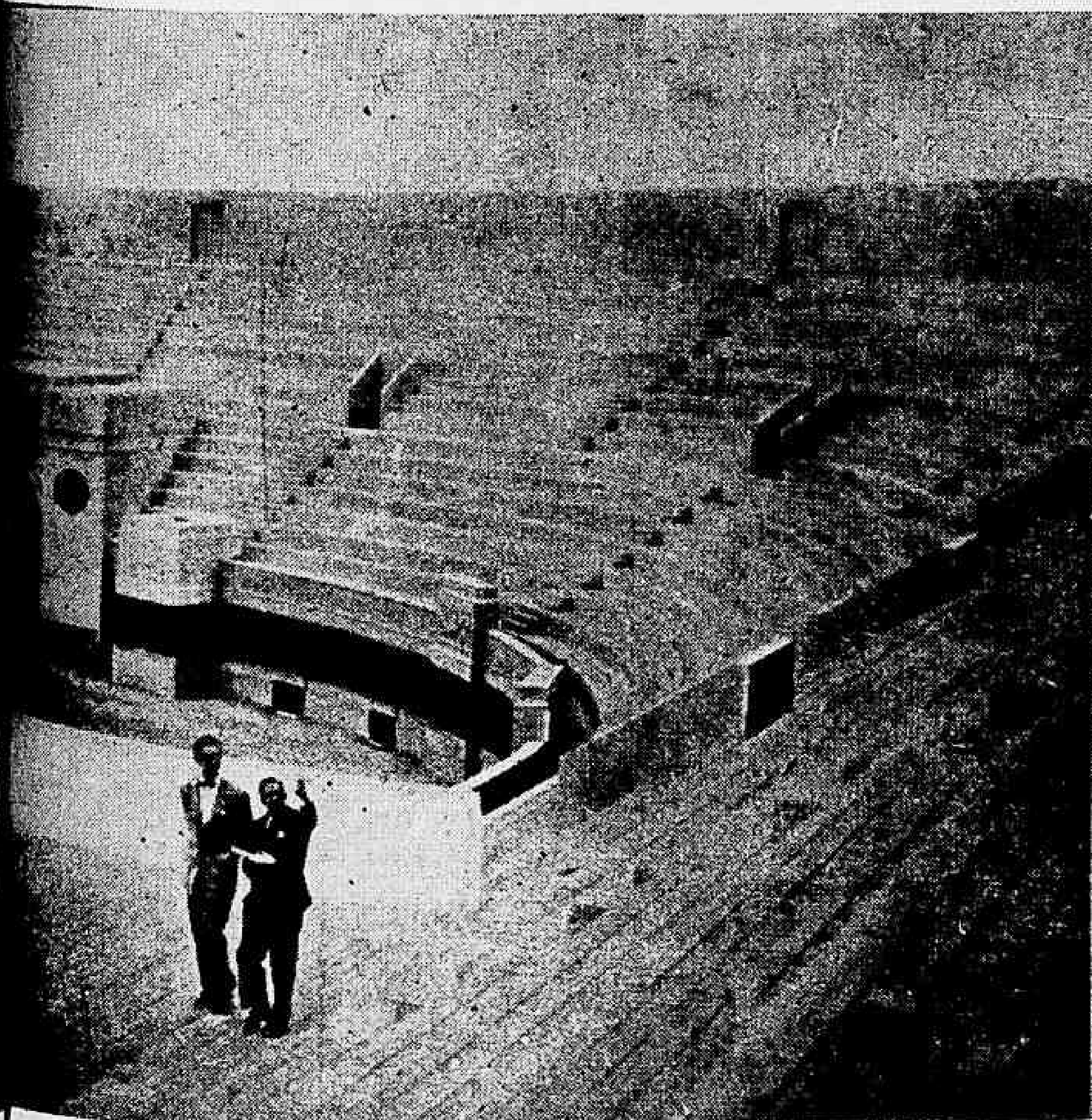
Muitas foram copiadas de originais existentes nos museus italianos, outras fruto de paciente trabalho de imaginação. Deborah Kerr vai aparecer com essas jóias, quando viver o papel de Lígia

vado à tela: a primeira, em 1912, foi iniciativa do cinema italiano, então em fase exuberante, por empreendimento de Guazzoni. Foi seu protagonista Amleto Novelli, que fêz o papel de Vinicius, agora entregue a Robert Taylor. Doze anos mais tarde, o cinema alemão repetiu a proeza — e agora cabe a iniciativa aos produtores da Metro. Em chegando a Roma, os protagonistas dessa pelicula, Taylor e Deborah Kerr — que terá a seu cargo a parte de Ligia — converteram-se em peregrinos do Ano Santo. E lá foram ter, como tôda a gente, à Praça São Pedro, misturando-se com os forasteiros dos quatro cantos do mundo. Nenhum dêles falava o idioma da terra, motivo por que dificilmente se entenderam com os guardas que policiam aquelas imediações. Um dêles, porém, o intérprete, pôde dar ao casal de "astros", as informações que desejavam. Quanto aos trabalhos de filmagem, não foram ainda iniciados porque os preparativos consomem meses e meses de extenuantes labôres. Quatro milhões de dólares serão gastos no filme, que terá cinco mil figurantes, além de um "cast" de extraordinárias proporções. Afirma o diretor Mervyn le Roy que só dentro de dois anos o mundo poderá assistir a essa pelicula, embora os estúdios de Hollywood esperem fazê-lo na metade dêsse tempo. As filmagens de exteriores e interiores fazem-se na Cinecittà, grande parque cinematográfico italiano, situado nos arredores de Roma. Entretanto, muitas paisagens serão colhidas nos próprios locais em que se desenrolou o episódio sacro. E a Via Appia lá está, aguardando a visita dos operadores, dos artistas, de todo êsse pequeno exército que fixará, no celulóide, com a possivel fidelidade, uma página da história da humanidade que ao correr do tempo mais e mais se impõe à reverência e admiração das gerações.

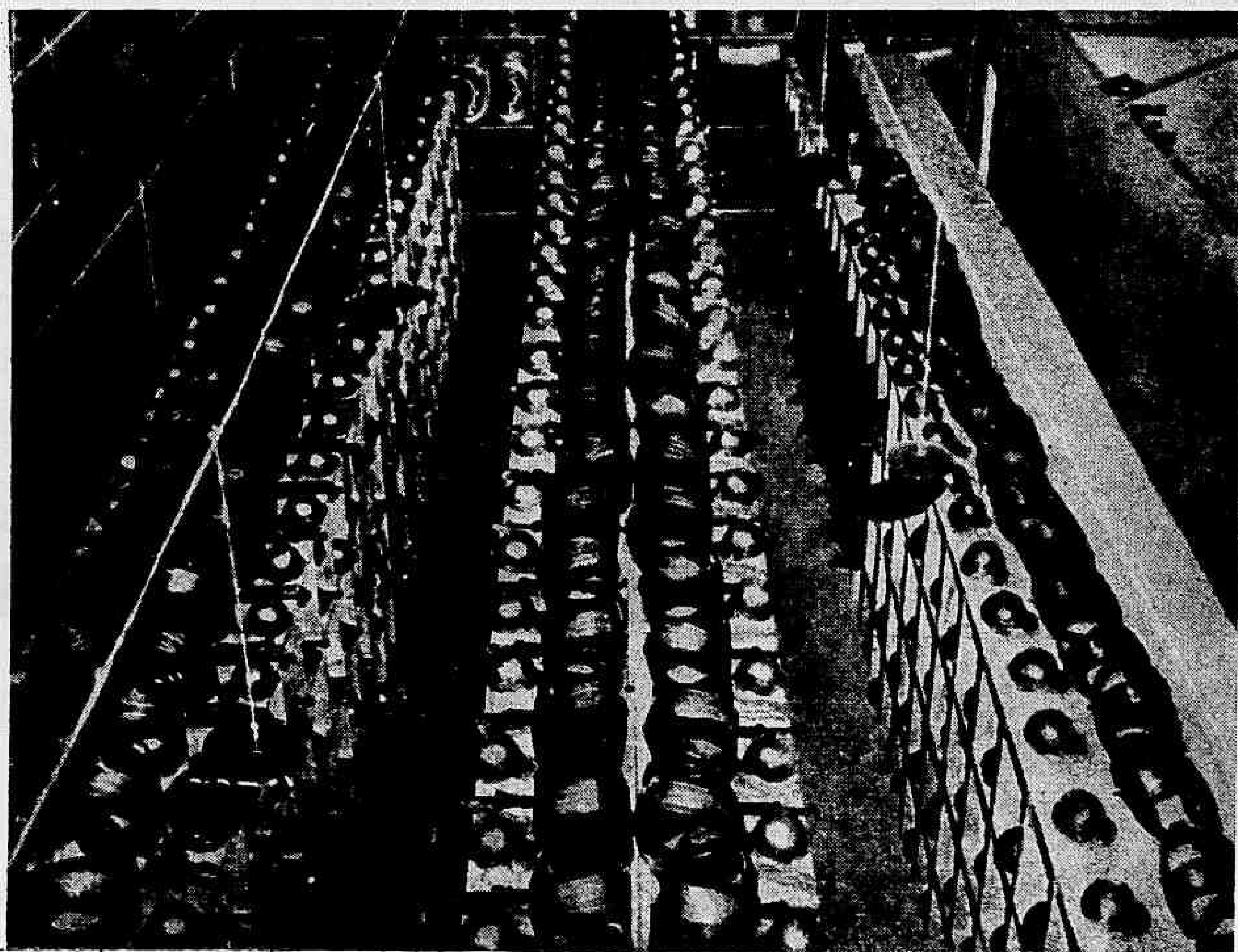


"DOMUS AUREA"

Fachada da «Domus Aurea» de Nero, ainda em construção, com a colossal estátua de Mercúrio (à esquerda) e as de Apolo e Minerva (à direita), tendo ao centro a efígie de Giove. Cada estátua mede sete metros de altura. O material usado é o gêsso, imitando o mármore, e um metal especial que dá a impressão do bronze. Êsses preparativos dão uma pálida idéia do que vai ser o conjunto

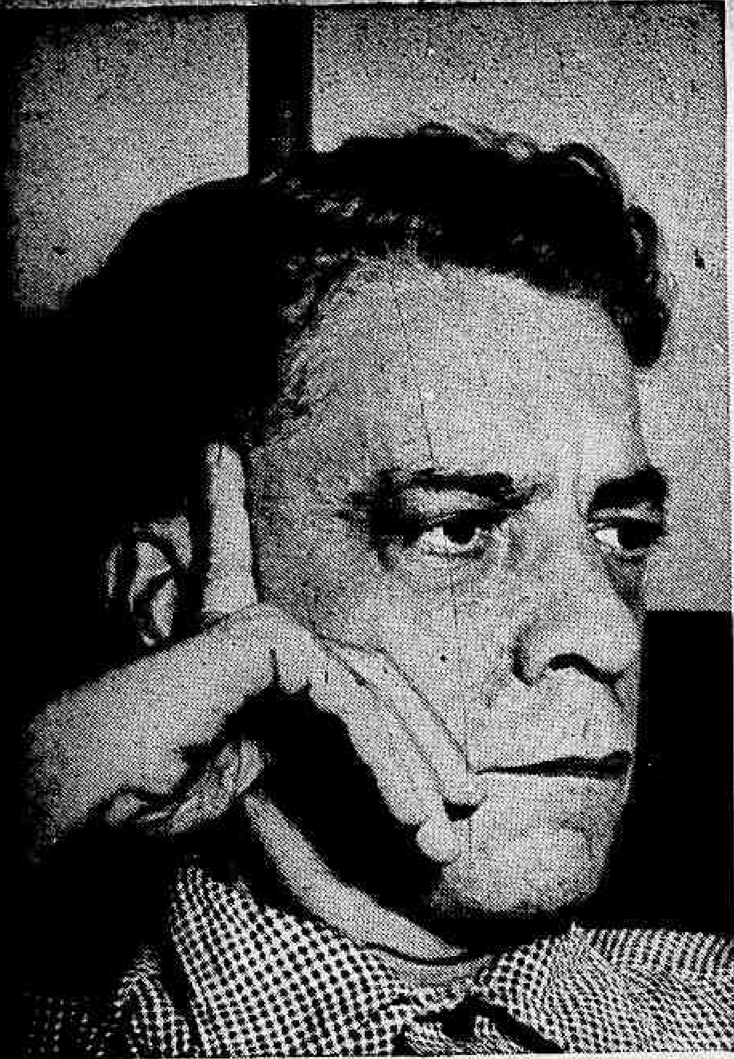


panteras, elefantes em quantidade, estão sendo requisitados pelos produtores — e também domadores especializados. Ao centro, vê-se o diretor Mervyn le Roy, dando instruções a um auxiliar para o curso dos trabalhos



PARA OS SOLDADOS

Espadas, couraças, elmos aos milhares, foram fabricados. Grande parte dêsse material foi confeccionado nos EE. UU. e dali transportado para a Itália. Uma central-elétrica autônoma, de potência reforçada sôbre a atual, foi instalada em Cinecittà, servindo-se do gerador do couraçado «Vittorio Veneto», agora demolido. Mais de um ano foi necessário para todos êsses trabalhos



HUMBERTO DE CAMPOS NÃO PODE SER PUNIDO

A PROPÓSITO DOS CAPÍTULOS INÉDITOS DE SUAS MEMÓRIAS, A "REVISTA" CONSULTA ALGUNS JURISTAS ILUSTRES ★ "DEVE-SE RESPEITAR TUDO O QUE HUMBERTO ESCREVEU", AFIRMA O DESEMBARGADOR RIBAS CARNEIRO ★ "O QUE A LEI COMANDA É O RESPEITO AO PENSAMENTO DO AUTOR", PALAVRAS DO JUIZ SADY DE GUSMÃO ★ "HÁ UM DIREITO DE REPRODUÇÃO ASSEGURADO AOS HERDEIROS. NÃO HÁ O DEVER DE REPRODUÇÃO — OPINA O MAGISTRADO OSCAR TENÓRIO ★ FALAM AINDA SÔBRE O PALPITANTE ASSUNTO O CRIMINALISTA NARCÉLIO DE QUEIROZ E SUA ESPÔSA, A ESCRITORA DINAH SIQUEIRA DE QUEIROZ

Reportagem de CARLOS TENÓRIO

RIBAS CARNEIRO PENSA

Veja só. Quem conheceu Humberto, quem tem presente suas obras e lhe sentiu a franqueza e os hábitos, não poderia agora imaginar que isso fôsse acontecer. Afinal de contas é um patrimônio literário de características históricas e científicas. Da pena mesmo . . .

CERTO dia de março de 1934, saltou de um taxi à porta da Academia, Humberto de Campos. Trazia, sobraçados, dois grossos embrulhos que lhe pesavam às fôrças já bastante abaladas. Subiu os degraus para o jardim, parou no tôpo da escada falando para dentro do prédio:

— Quer me chamar aí o Fidélis?

De lá veio o negro São Pedro do Petit-Trianon. São Pedro foi o nome que um dia a imprensa lhe pôs. A imprensa ou alguém parecido. O que sei é que escolheram mal. São Pedro é o chaveiro do céu, dos que para lá vão, dos mortais. E Fidélis é o chaveiro da casa dos imortais, dos que aqui ficam, dos que não morrem. Não sei se na jerarquia santificada existe algum santo que exerça tal função e lhe possa emprestar o nome. Caso não, êsse será o destino do Fidélis nos etéreos — prosseguirá lá em cima o que em trinta anos fêz cá em baixo. Cuido que algum dia deverá ter, acrescido aos versos que por certo Olegário Mariano ou Manoel Bandeira lhe farão, seguindo o "aqui jaz" o galardão acadêmico do ad imortalitatem.

Entraram ambos. Pararam, depositando na mesa da portaria, para descançar, os volumes. Era o diário.

A história, realmente deveria começar quando, dois anos antes, Medeiros e Albuquerque apresentou em sessão, também de um dia de março, uma proposta para estudo, versando sôbre publicações de memórias de acadêmicos. Nesse projeto Medeiros achava que o autor faria em vida a doação absoluta em exclusividade para a Academia, e que deviam apresentar-se, os originais, empacotados, lacrados, sem o conhecimento de qualquer pessoa. E dizia ainda que salvante determinação judicial não seria permitido fazer nenhum corte ou modificações no que tiver sido deixado pelo autor das memórias, que deveriam ser publicadas na íntegra. Só o autor poderia requisitar a entrega delas e fazer qualquer modificação ou supressão.

Era essa, em linhas gerais, a proposta de Medeiros e Albuquerque. E isso é textual.

Seria, como se vê, um perigo para a Academia e às nulidades que se acobertavam com o teto que para tantos nomes ilustres foi justa guarida.

Receiando isso responderam alguns outros imortais, através a palavra sempre bela de Rodrigo Otávio. Diz que seria um pouco estranho que se quisesse reeditar na Academia o exêmplo do "Inferno" da Biblioteca Nacional de Paris; que Medeiros se pretendesse a criação da arca de segredos, visando a inviolabilidade de suas próprias memórias, optando que, antes da entrega ao editor ou herdeiros, fôssem os originais a exame da Diretoria. Dêsse ponto de vista dizia o seguinte.

Os processos que podem nascer de uma publicação só podem provir de calúnia e

RIBAS CARNEIRO FALA

Antes de tudo autenticidade. Em a família publicar na íntegra os originais, não creio, haja, da parte dos herdeiros, o propósito de injuriar alguém. Era um ironista admirável e nisto bem seguia a lição de Anatole France. O eterno e admirável Anatole



O "INFERNO" DE PARIS, TRASLADADO PARA O PETIT-TRIANON

Na arca de segredos residiam, soberanos, os dois volumes. Quanta impressão e sentimento estarão neles escritos! Quanto fato pitoresco! Quanta amargura e ingartidão aí transcritos! Por isso dizia, talvez, no invólucro: para ser aberto e publicado em 1950

injúria que contenha na publicação, como preceitua o Título XI do Código Penal, que se ocupa dos crimes contra a honra e a boa fama.

Atente-se bem. Calúnia e injúria! O resultado de tudo isso não se sabe. Dizia mais. Que muito embora em seu projeto o sr. Medeiros e Albuquerque ponha a coberto a responsabilidade da Academia, não pode essa arriscar-se a ver seus membros ridicularizados, por isso devia haver revisão.

Passam-se os anos. Humberto falece e os pacotes permanecem no cofre. Entramos em 1950, ano em que deveriam ser publicados os originais, segundo o desejo do autor. Sem que se saiba como, a família foi à Academia requisitar os documentos. Houve uma sessão, a última do primeiro período de trabalhos dos acadêmicos, em 26 de janeiro dêsse ano. Fêz a apresentação do desejo dos herdeiros, votando a favor, Clementino Fraga. Quase todos os acadêmicos aprovaram, também, a entrega em votação. Alegavam que por falta de um documento mostrando desejo expresso de Humberto sôbre o assunto e na ata de 15 de março de 1934 nada constando, entregavam os originais à família. Uf! que desabafo...

Conta-se, entretanto, que uma carta existiu. E para justificar seu desaparecimento fala-se de uma negligência ou curiosidade do então secretário da Academia, Fernando Neri. Era êle um inveterado colecionador de autógrafos. Levou para casa o documento, para a coleção ou estudo — o que é mais provável, tendo-se em conta a idoneidade moral de tal homem — e pouco tempo depois falecia. Sua espôsa, francesa, embarca rumo a Paris. E nunca mais se soube da carta ou ata da sessão.

Conta-se, vejam bem.

Após êsses fatos, o que sucedeu, a reportagem primeira que tratou do assunto, datada de 15 do mês anterior, já apurou e divulgou. No entanto, a repercussão que possuiu excedeu o que se esperava. Em vista de discussões surgidas sôbre os cortes e os reclamos acadêmicos que poderiam vir, caso a integridade da obra fôsse respeitada, resolvemos promover uma "enquête" colhendo a opinião de diversos juristas, focalizando o caso à luz da jurisprudência.

NÃO OPINAR CABEÇA E CORAÇÃO

— "Deve-se respeitar a tudo que êle escreveu, sem alterar uma vírgula. Antes de tudo autenticidade."

Assim nos falava o desembargador Ribas Carneiro, renomado jurisconsulto, referindo-se a Humberto de Campos — quando o procuramos.

Dono de uma simplicidade que caracteriza os grandes espíritos, possui, ainda, uma franqueza que contagia e nos deixa à vontade. Simplicidade, franqueza e inteligência; pouca coisa a mais se poderia acrescentar à perfeição espiritual de um homem.

Residindo numa rua que podia chamar-se "quietude", foi seu bairro, há pouco tempo, avassalado por uma onda de gente que sofreu, sorriu e chorou, num campeonato que marcou época no esporte do Brasil.

A casa de aspecto austero, mas sossegada e bela, convidou-nos a entrar.

Apertamos um botão, atendeu uma empregada. Falamos da entrevista marcada no dia anterior pelo telefone. Penetramos por um jardim que dá acesso a uma pequena alaméda, úmida e gostosa; dela entramos em casa. Sentamos num soumier de couro vermelho, cercado de bibelôs de louça.

Dez minutos após, desce de uma escada interna, dando diretamente no aposento em que nos encontrávamos, o Dr. Ribas Carneiro. E, enquanto em vagarosas passadas mastigava os degraus, falava para estabelecer o primeiro contacto e facilitar a entrevista.

— "Eu já sou ledor da REVISTA DA SEMANA há muitos anos. Vou-lhe contar por isso uma coisa interessante. Lembra-se de uma história antiga em desenhos sôbre um personagem grotesco?"

Não nos lembrávamos.

— "Bem, a revista reeditou essas aventuras que obtiveram grande êxito. Creio que hoje, se o fizesse, ganharia, também, grande procura."

Sentou-se. Achegamo-nos um pouco e procuramos as perguntas no cérebro. Nesses casos a uniformidade num questionário é quase impossível.

Falamos do receio da família em publicar integralmente o diário do escritor maranhense, diante de alguns episódios um tanto injuriosos, focalizando alguns personagens ainda vivos.

— Não posso atribuir à família de Humberto de Campos, ao publicar as Memórias do grande escritor na íntegra, o menor propósito de injuriar a quem quer que seja, de vez que estarão os herdeiros apenas divulgando os conceitos do grande mestre da literatura; tanto mais que, quem conheceu Humberto de Campos e tem presente seus livros, sabe muito bem que êle não visava o descrédito de qualquer pessoa. Sendo um ironista admirável, no que seguia neste ponto a lição de Anatole France no "Jardim d'Epicure".

— Até que ponto vão os direitos dos herdeiros no sentido de usarem os originais a seu gôsto?

— O direito da família de um escritor publicar suas memórias, a meu ver só tem como limite o superior interêsse público. Assim, por exemplo, eu sei que no Instituto Histórico e Geográfico, há memórias sigilosamente guardadas algum tempo ainda, e que dizem respeito à política internacional. Hipótese nem de longe parecida com o caso de Humberto de Campos.

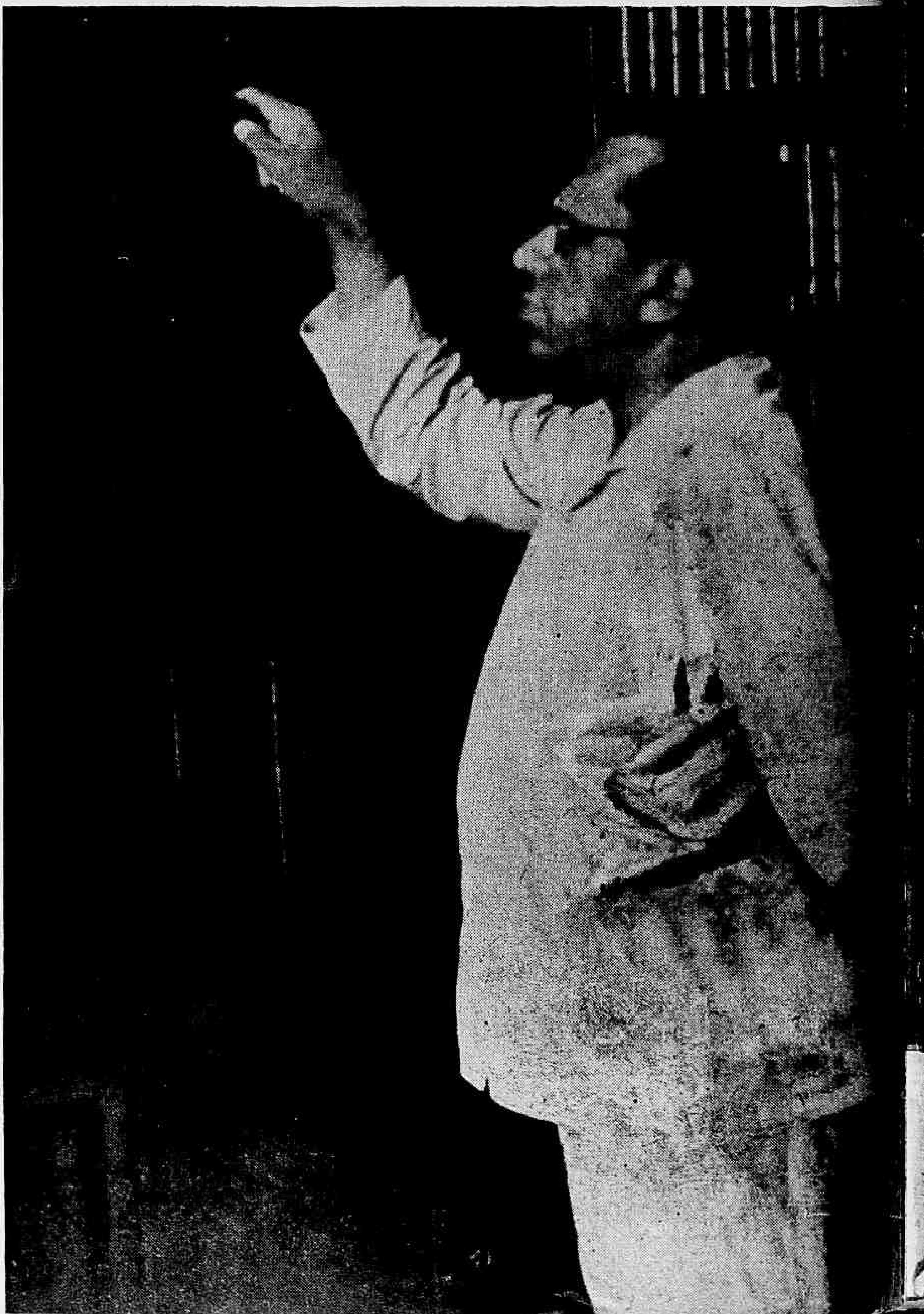
Perguntado se a Academia teria direitos a reclamar ou ir à justiça, sentindo-se ofendida, disse-nos:

— Tenho as maiores restrições sôbre êsse pretendido direito.

— E a autoridade de Humberto, sua responsabilidade, enfim, seu nome ficará comprometido?

— Não se pode punir um morto.

— Procure para outros esclarecimentos — continuava — Sady de Gusmão, o Narcélio



A FONTE DA SABEDORIA

Uma biblioteca de milhares de volumes. Aí se encontrariam, por certo, os compêndios daquele filosófico e insatisfeito Jacinto da obra de Eça de Queiroz. Nela colheu Humberto tôda a cultura que emoldurava sua inspiração. Por aí viajou dias felizes em contato com os mestres que amava



FALA UM JUIZ E PROFESSOR

Outros entrevistados indicaram o dr. Oscar Tenório para também se manifestar no palpitante caso. Êle se incumbiu de explanar os aspectos jurídicos da questão, aqui publicados

de Queiroz, o Oscar Tenório (e citava alguns outros). O Sady é de muito valor, e já agora que você me diz estar interessado em colhêr outras opiniões é bom ouvir a sua palavra".

Guardamos êsses nomes e resolvemos abordá-los, sem outras procuras, ante a exigüidade do tempo.

— Quer que o ajude a subir?

— Não, meu rapaz, vou ficar aqui lendo. Obrigado.

— Obrigado ao senhor.

O carro dá uma curva num largo em que o bonde faz rodeio.

E' manhã cedo, e o Alto da Boa-Vista cheira a mato gostoso.

— E' ali — disse ao fotógrafo.

Paramos à porta do prédio de dois andares. Na varanda superior uma menina ao nos avistar dá um risinho de satisfação.

— Papai vai tirar retrato para um jornal — grita a um grupo de crianças, em frente, parece-nos, já a nossa espera. Mais

SADY DE GUSMÃO FUMA E PENSA

«Mors omnia solvit». E' a velha sentenção latina revivendo pela palavra dêste jurista. Sempre imaginamos um juiz idoso, carrancudo, com uma toga cercada de arminho vaporoso...



inocente e agradável recepção não poderíamos ter.

— Poucos minutos depois, desciam: Sady de Gusmão e a simplicidade.

A praxe foi cumprida; apresentação, palestra inicial e entrada no assunto.

— Crê o senhor, que a família publicando os originais "in-totum", respeitando o que Humberto escreveu, sofrerá algum prejuízo jurídico, com isso?

— A divulgação de uma injúria, sendo feita ciente e conscientemente, recai sôbre quem os publica. Não li os originais, e, de antemão, não posso precisar que serão injúrias.

— Nesse caso, estariam os herdeiros inclinados a fazer cortes, a fim de evitar êsses possíveis aborrecimentos.

— Quanto a fazer correções, a lei assegura expressamente ao autor êsse encargo. O sucessor implìcitamente estaria sem fôrças para corrigir se a obra estiver publicada.

Mas, pensamos, o caso é de originais. Até êsse momento não se procedeu à edições. Como seria então a lei nesse caso?

— Isso perguntamos e deu-nos o ilustre jurisconsulto os devidos esclarecimentos:

— O que a lei comanda é o respeito ao pensamento do autor. O que a moral comanda é que os filhos ou herdeiros, aquêles que nada têm com a obra, a realização intelectual, perpetuem o pensamento do autor.

Nesse momento apresenta-se a filhinha do magistrado. Cumprimenta-nos, retira-se para satisfazer a um desejo do pai. Traz um blusão de lã cinza — beca do lar. Era o momento da fotografia.

— "O sr. compreende, eu sou um juiz, muito embora não tenha cara disso" — dizia glosando sua própria fisionomia calma, contrastante com o tabu que se criou de uma carranca para aquêles que promovem as sanções das sociedades.

— O que pensa o meretíssimo dêsses cortes? — prosseguimos.

— Primeiramente, quero fazer uma ressalva a tudo que disse e vou dizer. Falo em tese a respeito de diversos assuntos relativos ao direito autoral. E' um caso delicado, que pode um dia cair em minhas mãos. E um magistrado não deve opinar antecipadamente, sob pena de quase coação àqueles que lhe podem solicitar justiça. Agora respondo à sua pergunta: a integridade da obra deve ser mantida, em respeito à personalidade do autor.

Derivamos nosso questionário para o mesmo caminho que seguiramos com o desembargador Ribas Carneiro. Parece, à primeira vista, uma pergunta de restrito alcance. De princípio legal comezinho, mas que, veremos mais tarde, salvaguardará respostas a questões duvidosas.

— Claro, um morto não pode ter responsabilidade penal. "Mors omnia solvit" — disse-nos.

— Mas, se fôr um fato histórico, probatório, sem as caracteristicas de uma crítica destrutiva, mas que fale de perto à moral de um acadêmico, frizante, ainda, pelo espirito ironista de Humberto de Campos?

— Há um interêsse superior ao individual, que é o interêsse histórico e científico. E os relatos que tenham finalidades históricas não podem ser condenados, a priori, não obstante a jurisprudência ser rigorosa, mormente a francesa, quanto às penalidades fixadas na lei. Tudo depende, também, do exame dêsses relatos e de suas finalidades. Por essa razão, encontra-se em estudo, aliás comigo, um trabalho do desembargador Carlos Xavier, visando modificações sôbre êsses pontos. Nêle está expressa a tese que só o autor poderá modificar seus manuscritos. Quanto à segunda parte de sua pergunta posso dizer que não há injúria sem o *animus injuriandi*.

★

Citado por todos que procuramos a fim de fazer as entrevistas, resolvemos solicitar do juiz e professor da Faculdade de Direito, Oscar Tenório, sua palavra.

Em virtude de uma divergência de horário e da premência do tempo, não houve pròpriamente entrevista. Demos um resumo das perguntas, fazendo, oralmente, um apanhado geral do caso e, dias após, recebemos a resposta, que transcrevemos:

— "Os problemas que se suscitam por vêzes no Brasil, a respeito da propriedade literária, revelam o atraso em que se encontram o Código Civil e o Decreto n. 4790, de 2 de janeiro de 1924, em face do autor e de sua responsabilidade.

— "Os fatos se têm adiantados sôbre a lei. A questão do direito moral do autor, por exemplo, tem deixado perplexos os tribunais, apesar da existência em nosso meio de monografias relativas ao assunto. As convenções internacionais, que temos subscrito ou a que temos aderido, tratam, apenas da proteção da propriedade literária. Não há convenção de direito uniforme a propósito da matéria.

"A questão da responsabilidade do autor é parte do Código Penal, nos dispositivos da calúnia e da injúria. Se a ação penal se extingue pela morte do agente, evidentemente não se pode condenar penalmente um morto, embora subsista a responsabilidade civil. Entretanto, o direito penal incrimina a ofensa à memória de um morto.

"Ao autor da obra literária pertence o direito exclusivo de reproduzi-la. E os herdeiros e sucessores do autor gozarão dêsse direito pelo tempo de sessenta anos, a contar do dia do seu falecimento. São os textos legais. Há um direito de reprodução assegurado aos herdeiros. Não há, de modo algum, o dever de reprodução. Concludentemente, se o herdeiro reproduz obra injuriosa ou caluniosa, êle pode responder penalmente pelo fato. Do contrário seria permitir, sob o manto da morte o ultraje aos vivos pela vontade dos vivos.

"Bem sei que a tese não deve ter caráter exagerado, pois seria o sacrifício, sob vários aspectos, da história literária, não limitada ao exame dos textos, mas compreendendo os lanços da biografia do autor.

"No caso de receio dos herdeiros, quanto à responsabilidade penal, parece que se deveria admitir ação declaratória. A justiça diria da obra antes de sua publicação."

Fazendo um resumo de sua maneira de pensar, iria certamente responder — sempre nesse estilo agradável — o conhecido jurista. Certamente sintetizava no cérebro, arrumando-as às perguntas formuladas — quando a mente lhe pregou uma peça, e o hábito de juiz, como se fôra dar seu veredictum, se fêz sentir. Atenção, senhores! O Meretíssimo Senhor Juiz vai dar seu parecer:

— "Entendo que o direito moral do autor

resguarda o morto. Censurável a deturpação da obra literária pelos sucessores. O assunto não deve ser encarado de maneira absoluta. Comporta atenuações. Como exceção à regra, merece interpretação restritiva."

E, para completar, aprecia a questão voltado para a imagem que Humberto plasmou em muitos e muitos espíritos. Raramente se encontra, dentre os amantes das obras de literatura, quem se lhe não refira carinhosamente. Foi uma propriedade que êle fêz jus ao ganhá-la. O vulto literário de Humberto de Campos é, dia a dia, premiado com novos elogios. São as medalhas das refregas que venceu, e lhe são oferecidas pòstumamente, pela vida em fora.

"Não é a primeira vez que se discute em redor da obra de Humberto de Campos. O vulto atormentado do escritor faz crescer o debate. A questão da psicologia estêve na arena judiciária, quando se publicaram, com o nome de Humberto de Campos, livros que não eram do seu real acêrvo literário. Debate-se, agora, a propósito de suas "Memórias", guardadas que foram, por alguns anos, nas arcas da Academia Brasileira de Letras, da qual foi êle membro. Saber até que ponto a Academia, como pessoa jurídica, ou cada um dos seus membros, individualmente, pode impedir a publicação integral das "Memórias", é assunto delicado. Entendo que a Academia e seus membros, individualmente, deviam abrigar-se na tolerância, flor de civilização, não tentando qualquer policiamento na obra do ilustre escritor. Êles ficarão desmerecidos se derem qualquer passo em prol da censura, sempre odiosa. Abram o debate. Censurem. Defendam-se. Retifiquem. As críticas de Oliveira Lima, em suas Memórias póstumas, a Rio Branco e Joaquim Nabuco, não esmaeceram os dois grandes vultos. São humanas..."

★

E' um luxuoso apartamento de Copacabana. Nêle vive um casal feliz. Êle, o criminalista e juiz de direito, Dr. Narcélio de Queiroz; ela, a escritora Dinah Silveira de Queiroz, incluída na vanguarda das escritoras brasileiras, na qual figuram Raquel de Queiroz e Lúcia Miguel Pereira. Poucos minutos já deviam passar das quatro horas (hora aprazada para a entrevista). Subimos o elevador; o fotógrafo e eu. Chamou-se gente através do botão da campainha. A porta bela, cinzelada, dava idéia do que por dentro existia.

— Deve ser bonita, a casa, não é Viana?

Atendeu-nos uma gentil senhora, ainda apresentando características de beleza. Era D. Dinah. Apresentamo-nos.

— Ah! Muito prazer. Podem entrar. Narcélio está com visita, mas já lhes atenderá. E, realmente, logo veio. Acompanhava-o um advogado mineiro, há pouco tempo chegado, em visita ao Rio, o Dr. Lourival Vilela Viana (procurador do tribunal militar de Belo Horizonte).

— O que me traz o amigo aqui? — perguntava o Dr. Narcélio.

Fomos falando. Contamos a história da reportagem — os antecedentes e consequentes. Após um breve pensamento, respondeu-nos à pergunta inicial:

— O herdeiro não tem direito de adulterar a obra do escritor. Nem mesmo modificar.

A mesma pergunta se nos acode.

— E a possibilidade de ferir a moral de algum cavalheiro ainda vivo?

— Se realmente houver injúria é claro que os herdeiros poderão vir a responder por elas. Agora, é preciso que se note que é necessária a existência do desejo injuriante, propositado nos herdeiros. Coisa difícil de se precisar por que são sempre casos que diferem de pessoa para pessoa. E falo em tese, veja o senhor. Há ainda que tôdas as leis protegem o direito moral do autor.

Vai a uma sala no interior do apartamento e, de lá, traz um livro. E' o Código Civil Brasileiro; e lê em voz alta o artigo 659: "A cessão ou herança, quer dos direitos do autor quer da obra de arte, literatura ou ciência, não transmite o direito de modificá-la. Mas êste poderá ser exercido pelo autor, em cada edição sucessiva respeitados os do editor". Pedimos o livro, transcrevemos o trecho.

Prossegue ainda:

— Êste dispositivo foi consagrado pela recente convenção interamericana sôbre direito do autor, celebrado em Washington em 1 a 22 de junho de 1946, e ratificado pelo Brasil no decreto doze de vinte e dois de junho de 1948. Assinaram os representantes de — e conta: um, dois, três... — vinte países americanos.

Vem à sala uma menina; mimosa e em tenra idade. Filha mais nova do casal, cremos. Sai acompanhada da espôsa do Dr. Lourival para um local mais claro, examinando-lhe a garganta.

— Ela é médica em Belo Horizonte — explica D. Dinah.

— Ah! Sim.

Opina, então, D. Dinah Silveira de Queiroz, como escritora. — "Isto é um caso semelhante ao acontecido quando do Congresso de Escritores, realizado em São Paulo, no qual tomei parte como única mulher, representando o Rio. Quase todos eram bacharéis. Só eu não era. Em determinada sessão propôs-se que para interêsse do Estado, a obra de um escritor poderia ser modificada à revelia da vontade do autor. Todos concordaram, menos eu. O caso entra em discussão, por essa época Narcélio chega a S. Paulo, e, apreciando o caso me diz que só eu que não era formada em leis havia defendido a questão num ponto do Direito".

— Ou publica ou não publica. O caso é êsse. Mas proceder a corte, não! — retomava a palestra Narcélio de Queiroz.

— Mas se a Academia se sentir ofendida e resolver mover ação?

— A Academia, como entidade, nada pode reclamar legalmente, porque, creio, o ataque, se procedente, seria contra pessoas, individualmente. Poderia a Academia mover ação se as injúrias lhe fôssem imputadas como entidade. No seu todo. Mas, não creio, Humberto o fizesse. Devotava especial carinho a ela.

A conversa fugiu do terreno árido da entrevista. Falou-se de Farias Brito e Rui Barbosa. Quisemos saber a opinião do jurista mineiro. Concordava totalmente com Narcélio de Queiroz. — "O direito do autor é inalienável, e só êle poderia fazer as supressões ou modificações que desejasse".

Soubemos, então, que o Dr. Narcélio funcionou como membro da Comissão que redigiu o Projeto de Código Penal e Processo do Código Penal.

E formulamos, ao final, a invariável pergunta, sôbre a responsabilidade de Humberto no caso de suas "Memórias".

— "E' punível a injúria contra o morto. Mas, não... punir o morto por injúria."

Os ponteiros engoliam, em voltas circulares, o mostrador do relógio. Interrompêramos uma tertúlia, ainda mais com acaracterística de um conhecimento de primeira vez. Saímos acompanhados pelo Dr. Narcélio, até o elevador. Falava-se do Norte.

— Você sabe por que o nortista tem a cabeça chata?

— E' o cálcio, não?

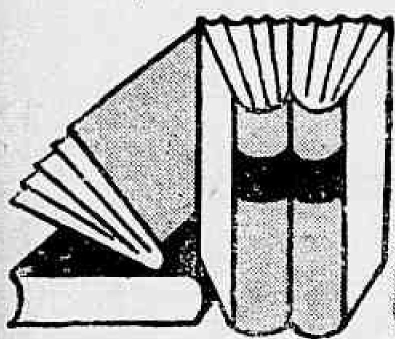
— Não! E' porque, desde pequeno, o pai o chama e todos os dias adverte, batendo na cabeça: você precisa crescer e ir para S. Paulo ganhar dinheiro.

— E êle não cresce. Esmirra. A cabeça chata, faz um triângulo invertido. Aquêles dentes brancos, aquela fala cantante. Eta gente da peste... Rimos os três. Baboseiras de "até logo" cordial...

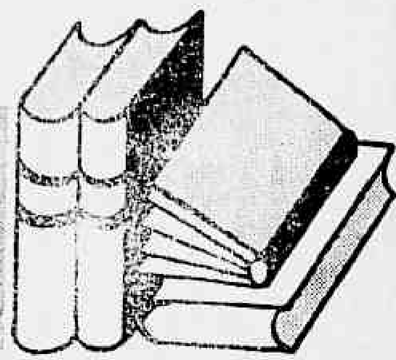


CONVERSA EM FAMÍLIA

Um conhecimento de primeiro contacto, uma tertúlia intelectual a contragosto interrompida. Um advogado e procurador de Minas, dr. Lourival, que opina em caso de alçada pública e nacional. A esquerda, dr. Narcélio de Queiroz e sua espôsa (a escritora Dinah Silveira de Queiroz), Mme. Lourival Vieira Viana e espôso. Resumindo-se: uma conversa em família



SEMANA LITERÁRIA



GALERIA DE CELEBRIDADES



NOEL STREATFEILD, a já célebre escritora britânica, é uma figura literária contemporânea estimada por duas espécies de público. E' que ela escreve para adultos e para crianças. Aliás, ela descobriu uma técnica de escrever livros infantis, cuja divulgação talvez seja de utilidade para os cultores dêsse gênero. Noel Streatfeild dita seus livros para crianças, a fim de obter o efeito de contar uma história. Seu mais recente livro infantil chama-se "The Painted Garden" e seu último romance tem como epígrafe — "Mothering Sunday".

EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS DE MARK TWAIN

Páginas escritas por Mark Twain, uma das mais valiosas coleções deixadas por um importante escritor norte-americano, serão permanentemente exibidas na Universidade de Califórnia.

Mark Twain era o pseudônimo usado por Samuel Langhorne Clemens, humorista, jornalista e autor norte-americano, que se tornou mais conhecido por suas histórias humorísticas sôbre a vida dos desbravadores norte-americanos do século XIX.

Os documentos foram doados à Universidade pela única filha viva do autor, Clara Clemens Samossoud. A coleção inclui 45 cadernos de notas e diários, mais de 100 manuscritos literários, muitos dos quais jamais publicados, fotografias de família e álbuns pessoais, e uma autobiografia publicada apenas em parte. Figuram também na coleção cartas trocadas entre o autor e personalidades como Rudyard Kipling, George Bernard Shaw, Robert Louis Stevenson e William Dean Howells.

Mark Twain é mais conhecido como o autor de "Innocents Abroad", "The Adventures of Tom Sawyer", "The Adventures of Hucklebern Flinn" e "A Connecticut Yankee in King Arthur's Court". Faleceu em 1910.

LIVROS EQUIVALENTES

Creio que os bibliófilos, os críticos e os historiadores literários deviam fazer uma lista de obras, digamos, "equivalentes", para uso dos livreiros. Ontem, estava numa livraria, quando entraram algumas colegiais, procurando o "Quo Vadis". Não havia. Então as meninas apelaram umas para as outras e para o moço que as atendia, a fim de descobrirem um livro "equivalente", para igual fim ou para o mesmo prazer da leitura.

Ouvi que chegaram a ter idéia de substituir o livro em falta pelo "O Crime do Padre Amaro"! E tive vontade de contribuir com a minha sugestão: à falta do "Quo Vadis", poderiam comprar o "Ben Hur", de Lewis Wallace — pelo sabor religioso — ou "Os últimos dias de Pompéia", de Lord Lython, pelo ambiente histórico. Seriam os "equivalentes" possíveis do "Quo Vadis".

MAIS UM ROMANCE DE MAUGHAM

"Catalina", de W. Somerset Maugham, acaba de sair, em português. Desta vez, o ilustre romancista inglês leva seus numerosos leitores para a Espanha da Inquisição, do reinado de Felipe III. Num ambiente histórico revivido com rara felicidade, apresenta-nos um eterno caráter feminino, o da jovem aleijada que prefere as alegrias modestas de um pobre à exaltação da santidade.

GIDE SÔBRE O "DIÁRIO" DE GIDE

André Gide disse a respeito do seu célebre "Journal": — Meu diário me traiu. Êle não fala dos dias felizes.

★

PROLIXIDADE OU PRECAUÇÃO?

Marie Le Hardouin declarou:

— Quando reservo um quarto de hotel, por carta, não consigo fazê-lo em menos de cinco páginas.

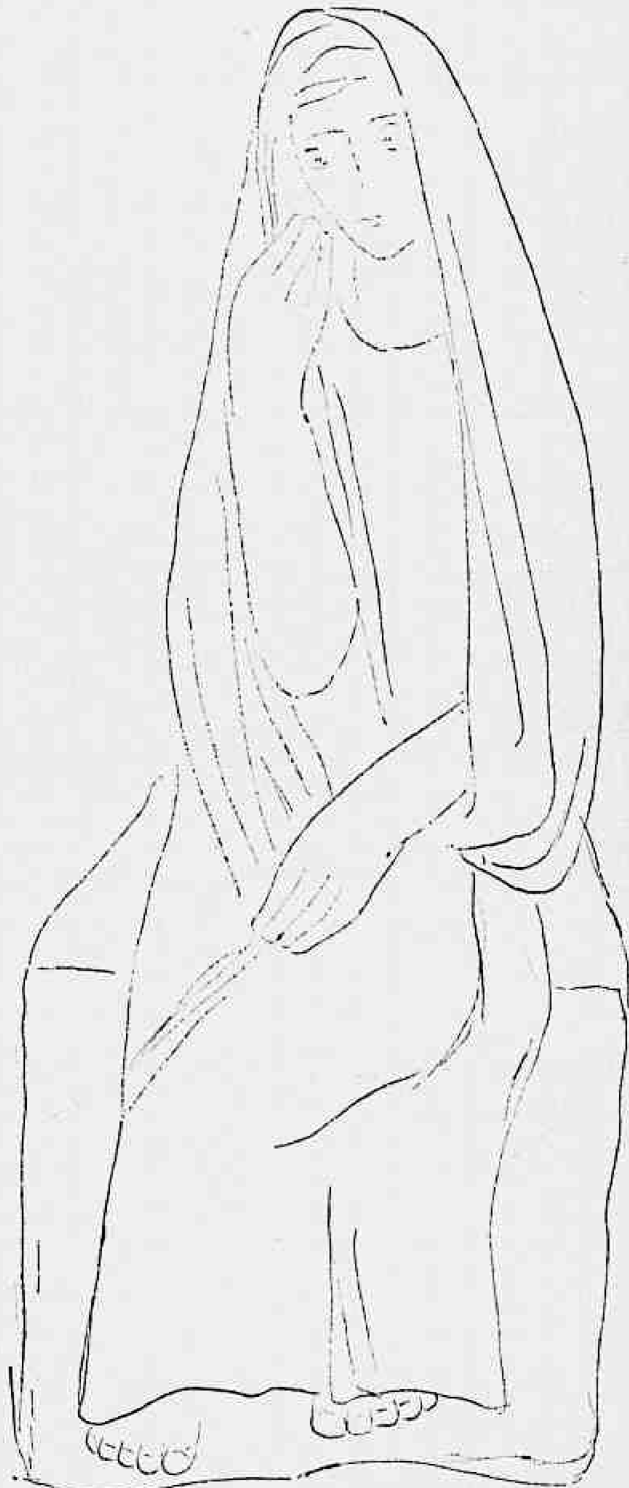
★

O TÍTULO IDEAL

Gallup descobriu que nos Estados Unidos as palavras que se encontravam mais nos títulos dos "best sellers" eram: *Lincoln, doutor* e *cão*. Um genial editor novaiorquino publicou um livro intitulado: "O cão do doutor Lincoln" e só vendeu cem exemplares.

EDMUNDO LYS

NOSSOS ILUSTRADORES



Uma singela e admirável ilustração de Elizabeth Nobling

COMPOSIÇÃO DO GÊNIO

Afirma um cronista parisiense que Dekobra teria dito que o gênio se compõe de cinco por cento de inspiração e noventa-e-cinco por cento de transpiração.

Devemos acrescentar que Dekobra apenas citou Edison — de quem é a definição pitoresca.

★

ÊMULO DE G. B. S.

E, por falar em Dekobra: na porta de seu gabinete de trabalho o romancista certa vez pendurou êste letreiro, aliás em inglês, por motivos ignorados: — "Silence, Genius at work!".

ANDRE' MAUROIS NO ROTARY CLUB

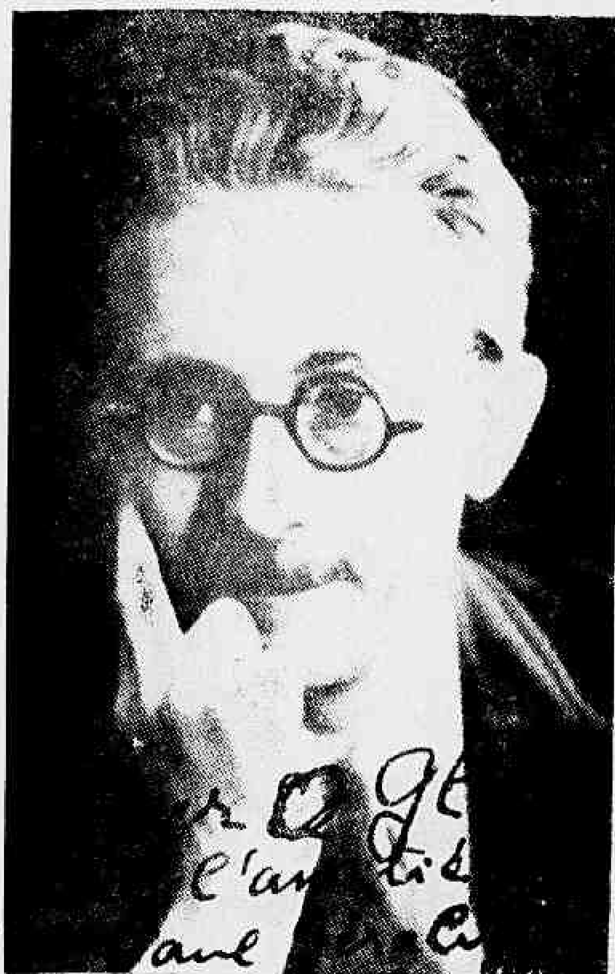


ANDRÉ MAUROIS

A' convite da diretoria do Rotary Clube, o escritor André Maurois, atualmente entre nós, compareceu à reunião comemorativa do 14 de julho, daquela entidade, pronunciando brilhante conferência sôbre a eternidade daquela data, símbolo do ideal de liberdade que anima a todos os homens e que, mais do que nunca, depois das terríveis provas por que passou, renasce neste instante em que o mundo se vê, novamente ameaçado. André Maurois foi saudado, em belo discurso, pelo rotariano Madureira de Pinho, constituindo a comemoração do 14 de julho, no Rotary, uma das mais expressivas de quantas se realizaram no Brasil êste ano.

TEATRO COMPLETO DE PAUL GERALDY

TRAGÉDIES LÉGÈRES



SOB êste título, acaba de aparecer o primeiro volume do teatro completo de Paul Geraldy e a obra abrangerá três tomos. Este primeiro volume, que o autor nos envia de Paris (Edição Rene Julliard), compreende "Les Noces d'Argent", com que estreou o autor, ainda na juventude, no palco da Casa de Molière: "Les Grands Garçons", que serviu para revelar Pierre Fresnay; e "Aimer", que, depois de sua estréia, há cêrca de trinta anos, nunca saiu do cartaz.

Apresentando ao público suas "Tragédies Légères", Paul Géraldy define em algumas linhas a arte estranha, compósita, do teatro, de que não está muito certo, diz êle — que seja um gênero literário.

FESTEJADO LOTI EM NAGASÁKI



PIERRE LOTI

O centenário de Pierre Loti foi muito festejado na França. Agora, sabe-se que o autor de "Madame Chrysanthème", foi também honrado em Nagasaki, no Japão. Uma circunstância curiosa é que a heroína do livro, a quem Loti conheceu e amou, em Nagasaki, faleceu poucos dias antes das festas japonêsas a Loti.

FORA DO PRELO

HOMENS E MULTIDÕES — LOURIVAL FONTES — LIVRARIA JOSE' OLYMPIO — RIO

Entre os livros publicados entre nós, apreciando os homens e os problemas contemporâneos, nenhum mais interessante do que esta coletânea de artigos de imprensa, «Homens e Multidões», de Lourival Fontes. E' que o autor associa uma larga experiência política aos seus dotes de observação e de crítica, escrevendo sempre com essa palpitação e essa agilidade que promovem a simpatia do leitor no sentido de suas idéias e opiniões, que podem ser discutidas, mas, valendo, sempre, como um depoimento pessoal bem fundamentado e bem exposto.

O conhecimento sintético dos problemas atuais seduz sempre, nesta idade do «digest», em que a falta de tempo para a doutrina e o largo estudo prejudica muitas vêzes nosso melhor esclarecimento. Lourival Fontes reuniu aqui uma série de estudos políticos que abrangem desde os primórdios da II Grande Guerra até êste agitado após-guerra que estamos vivendo. Dedica também algumas páginas a figuras líderes do momento de que trata e, fazendo obra de historiador avisado, nos fornece um largo panorama sôbre múltiplos e interessantes aspectos daquilo que se chama a crise de nosso tempo.

★

POR TRÁS DA CORTINA DE FERRO — JOHN GUNTHER — PONGETTI — RIO

Os livros de Gunther serão de futuro um material de primeira ordem para o historiador. Desde hoje, êles representam um depoimento vivo sôbre as mais importantes questões de nosso tempo.

Renovando os processos de reportagem, do fato pelo fato, Gunther deu ao seu jornalismo um valor social e humano, servindo-se da reportagem para selecionar o material daquilo que deseja provar, encontrando-lhes, nos fatos, seu sentido mais profundo e verdadeiro, para além das simples aparências.

«Por trás da Cortina de Ferro» é um estudo sôbre a Rússia, sôbre o conflito, a antinomia irredutível entre a democracia e o comunismo. Êsse estudo prima pelo objetivismo, a isenção, o que realça o trabalho de observação e de pesquisa do autor. Gunther examina a questão de todos os seus ângulos e, sobretudo, dá-nos os aspectos populares, a opinião pública das zonas de influência soviética, situando-nos, exatamente, nessa perigosa encruzilhada em que está o mundo atual, cujo itinerário começa a esboçar-se nestes dias, na guerra da Criméia.

Mais do que nunca, êste livro é oportuno, necessita ser conhecido, pois todo o mundo se encontra, neste instante, em face daquela «cortina de ferro» de que fala o seu título.

★

O ALIMENTO DOS DEUSES — H. G. WELLS — COLEÇÃO SARAIVA — S. PAULO

Uma obra de Wells é sempre um livro de sucesso. Êste, que a Saraiva editou em boa tradução e bela apresentação gráfica, faz parte do que de mais fantástico produziu o gênio dêsse escritor inglês.

Editado em 1904, e desde então em permanente êxito, com edições sucessivas e numerosas traduções, «O alimento dos deuses» nos traz um enrêdo fascinante, onde, ao encanto e à originalidade da aventura, soma-se a arte do escritor primoroso.

«O alimento dos deuses» está entre as obras-primas do romance de aventuras e entre as obras-primas de Wells.

★

OUTROS LIVROS — EDIÇÕES MELHORAMENTOS — SÃO PAULO

Dez mil anos de descobertas forneceram ao homem muito de beleza, confôrto, progresso e civilização. E' o que nos mostra Bruno Káiser em seu livro, edição da Melhoramentos, «Dez mil anos de descobertas», com 366 xilogravuras de Paul Boesch. Quase 500 páginas, que formam uma enciclopédia do gênio criador da humanidade.



★

De certos homens o melhor que se poderá dizer é pronunciar ou escrever seu nome: tal o caso de Schubert. Contando sua vida e reproduzindo diversas de suas composições para piano, em volume publicado pelas Edições Melhoramentos, fizeram apreciável trabalho Opal Wheeler e Sybil Deucher, versão de Mário Donato e Marcos Rei. A obra tem o nome de «Franz Schubert e seus alegres amigos.»

★

Martinho Campos indagara, àsperamente, de Lafaiete Rodrigues Pereira, os meios de que usara para chegar à eminência de Conselheiro. E o grande jurisconsulto: — Subi montado em dois livrinhos de direito! Caso, no outro mundo, perguntassem, à Condessa de Ségur, o modo que adotou, na terra, para se consagrar na admiração da adolescência, ela poderia responder: — Escrevendo as «Memórias dum burro»! E' êste encantador livro que, em volume primorosamente ilustrado, as Edições Melhoramentos acabam de publicar.

★

REVISTAS

Recebemos o volume 11º da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano», com um amplo e opulento índice de matéria assinada pelos seguintes colaboradores: Cônego Florentino Barbosa, Celso Mariz, M. Tavares Cavalcanti, Otacílio N. Queiroz, J. Veiga Júnior, J. Santos Coelho Filho, Estevão de Ávila Lins, José Leal, Ascendino Cunha, Álvaro de Carvalho, A. Rocha Barreto, Mário Monteiro, Otto Prazeres, Miguel Falcão de Alves, Hortênsio de Souza Ribeiro, Apolônio Nobrega, J. Batista de Melo, Olivinha Carneiro da Cunha, Coriolano de Medeiros, Padre Francisco Lima e F. Vidal Filho.

A revista inclui nêste número «Autógrafos de Pedro Américo», inéditos, que representam uma contribuição imprescindível ao estudo biográfico do «pintor das batalhas», além de outras muitas notas e documentos dos mais largo interêsses.

★

Recebemos o número de março do mensário «Acaiaca», revista de cultura que se edita em Belo Horizonte, sob a direção de Celso Brant.

No seu sumário, destacam-se as colaborações de José Lara, Da Costa Santos, Ramiro Lage, Geraldo Costa Alves, Paulo Dias Corrêa, D. Ramon, Vinicius Meyer, Lopes Moreira, Peri Ogibe Rocha, Judas Isgorogota, Edson d'Amato, Kraug Tekhnes, Roldão de Almeida, Ferreira Gullar e Waldir Caldeira de Morais.

Celso Brant, um estudioso de assuntos musicais, apresenta uma bela página bio-crítica sôbre Carlos Gomes, com muitas ilustrações, entre elas um «fac-simile» da modinha «Quem Sabe?». Há ainda um comentário sôbre o inspirado compositor mineiro Luís Melgaço, um Schubert montanhês, cuja obra singela e espontânea possui apreciáveis qualidades de inspiração e estilo.

A DAMA DE VERDE

A Dama de Verde deixou em minha memória uma recordação imperecivel, que jamais se apagará. Eu a vi, pela primeira vez, naquela tarde de tão desastrosas conseqüências para a felicidade e paz de nosso lar; andava então nos meus sete anos de idade.

Estava brincando com minha irmã Dirce, à porta de nossa casa, quando ela chegou. Chamou-me, de pronto, a atenção o seu vestuário; pois trajava-se de verde. Verde era o seu chapéu; verde era também a bôlsa que trazia. Nada nos perguntou; nem solicitou permissão para entrar. Entrou como alguém que tivesse aprazado encontro com outra pessoa.

Surprêsos, paramos o brinquedo em que nos entretinhamos, e prestamos atenção. Não tivemos de esperar muito tempo, pois, em pouco, chegava aos nossos ouvidos forte altercação entre mamãe, papai e a Dama de Verde. Do ponto em que nos achávamos não podíamos perceber o sentido das palavras, entre êles trocadas; mas pelo ardor com que eram pronunciadas, percebiamos que violenta devia ser a cena que, dentro de nossa casa se desenrolava.

Decorridos alguns minutos, a Dama de Verde tornou a aparecer, pálida, trazendo estampada no semblante a mais intensa cólera. Desceu, rápida, a escada; bateu, com estrépito, o portão e sumiu-se no borborinho da rua. Em nossa casa reinava um silêncio de morte. Abriu-se a porta e vimos, com a alma confrangida, mamãe pronta para sair. Nunca vi mamãe assim; trazia as feições descompostas, tão intenso devia ser o sofrimento que a torturava. Não tinha lágrimas nos olhos; mas a lividez do rosto atestava a luta travada em seu bondoso coração. Beijou-nos com amor, nem uma palavra nos disse.. e deixou-nos.

Dentro em pouco papai também saia, tendo antes nos deixado entregues aos cuidados de Júlia, velha empregada em nossa casa.

Não pudemos mais brincar naquele dia. Nem mesmo tivemos vontade de comer alguma coisa, ao jantar. Nossos pequeninos corações pressagiavam algo de indefinido no horizonte.

A noite ficamos, à janela, esperando a volta de papai e mamãe. Sòmente papai voltou.

— Mamãe vai ficar uns dias em casa de vovó — disse-nos, à guisa de explicação, recolhendo-se ao quarto onde passou a noite em longa vigilia, fumando cigarro após cigarro.

Mamãe voltou à casa, volvidos alguns dias. Mas como voltou!... Era outra, inteiramente outra, no fisico e na moral. Devastadores foram os resultados da cena daquela tarde. Com indizivel angústia, viamos que, dia a dia, definhava a olhos vistos. Tristeza mórbida impreganava o seu lindo semblante. Inúmeras vêzes fitava-nos com longos e cruciantes olhares em que havia muito amor e muita amargura.

"Um espirito são num corpo são" é a condição precipua para uma vida longa e feliz. Mamãe tinha a mente conturbada num corpo combalido pelo mais intenso sofrimento. Fatalmente havia de acontecer o que aconteceu... Mamãe não pôde resistir ao golpe desferido pelo destino; cerrou suavemente os olhos, deixando-nos na triste orfandade. Não teve uma palavra de queixa, um lamento sequer. Com todos os confortos da religião, morreu como uma santa.

Nossa dor foi de intensidade sem par. Não menor que a nossa foi a amargura demonstrada por papai.

Durante muitas noites ouviamos suspiros e soluços, que cortavam o silêncio da noite, partidos do seu quarto, vizinho ao nosso. Aquela agonia afligia-nos o coração; então procurávamos distraí-lo, pedindo-lhe que nos levasse a passeios e ao cinema, o que não nos recusava nunca. Assim, procurando o esquecimento em distrações, conseguiamos levar algum lenitivo ao coração amargurado de papai, a quem adorávamos cada vez mais.

Tornamos a ver a Dama de Verde alguns meses após a morte de mamãe. Como da primeira vez, estávamos à porta da rua, quando ela chegou. Sentimos os nossos corações se confrangerem, quando penetrou em nosso lar. Os olhos de minha irmã Dirce procuraram os meus, reçumando mêdo e ansiedade:

— Será que ela vem para ficar? — perguntou, angustiada. Tomei-lhe a mão fria e trêmula, e infundindo-lhe confiança, afirmei, convictamente:

— Não, Dirce; ela não se atreverá a tanto. E se isso acontecesse, iriamos, imediatamente para casa de vovó.

— Vamos ver o que ela quer? — convidou.

De mãos dadas, subimos a escada e sentamo-nos no limiar da porta de entrada, onde fácil nos seria ouvir o que conversavam.

Pelo que nossos ouvidos aprendiam, papai devia estar dominado por incontida e intensa cólera. Tratava a visitante com a maior aspereza; êle que sempre primava em ser atencioso e delicado com as pessoas do sexo oposto. Aquilo nos surpreendeu e nos alegrou ao extremo. A discussão acalorou-se e papai prêsa de transbordante ira, exclamou:

— Tu não passas de uma assassina!... Mataste minha espôsa... Assassinaste minha mulher!

Ela não teve palavras para responder; nem pôde dizer nada mais. Arrebatadamente, deixou a sala, dirigindo-se para a porta onde nos encontrávamos. Rápidos, saimos do seu caminho. Num relance, foi-me possivel ver-lhe o rosto extremamente pálido, por onde as lágrimas deslizavam.

Deixou, dessa vez, o nosso lar, para sempre.

E os anos foram passando. Papai conservou-se fiel à memória de mamãe; não contraiu novas núpcias, não obstante ser bastante moço ainda, quando mamãe morreu. Viveu para nós, ùnicamente para nós, a quem adorava estremecidamente, até o momento extremo da sua morte. Devia ter eu dezenove anos, quando um colapso cardiaco o levou.

Sentimos sobremaneira a sua morte. Depois de mamãe nos ter deixado, êle se tinha tornado tão amigo nosso, tão carinhoso, procurando ressarcir a falta de mamãe com desvelos maternais. Passou a ser o nosso companheiro constante em todos os passeios, em tôdas as diversões. A sua falta trouxe um grande vácuo em nossas vidas.

E o tempo continuou a passar. Dirce casou-se, indo residir no interior de São Paulo. Fiquei sòzinho no Rio, com os meus estudos e minhas saudades. Não tinha ninguém, parente algum que me guiasse os passos naquela quadra tão perigosa dos vinte anos.

E o inevitável aconteceu. Em uma festa de formatura da Faculdade onde estudava, fui apresentado a Sônia, uma borboleta de salão, contra quem as bôcas maliciosas murmuravam. Agradou-me o seu aspecto atraente e mesmo provocante, se bem que mostrasse não ser muito jovem.

Entabolamos conversa. Dançamos umas duas ou três vêzes. À saida, fez-me prometer que a visitaria um dia qualquer. Embevecido, prometi visitá-la em seu apartamento, e nos separamos, seguindo cada um o seu destino.

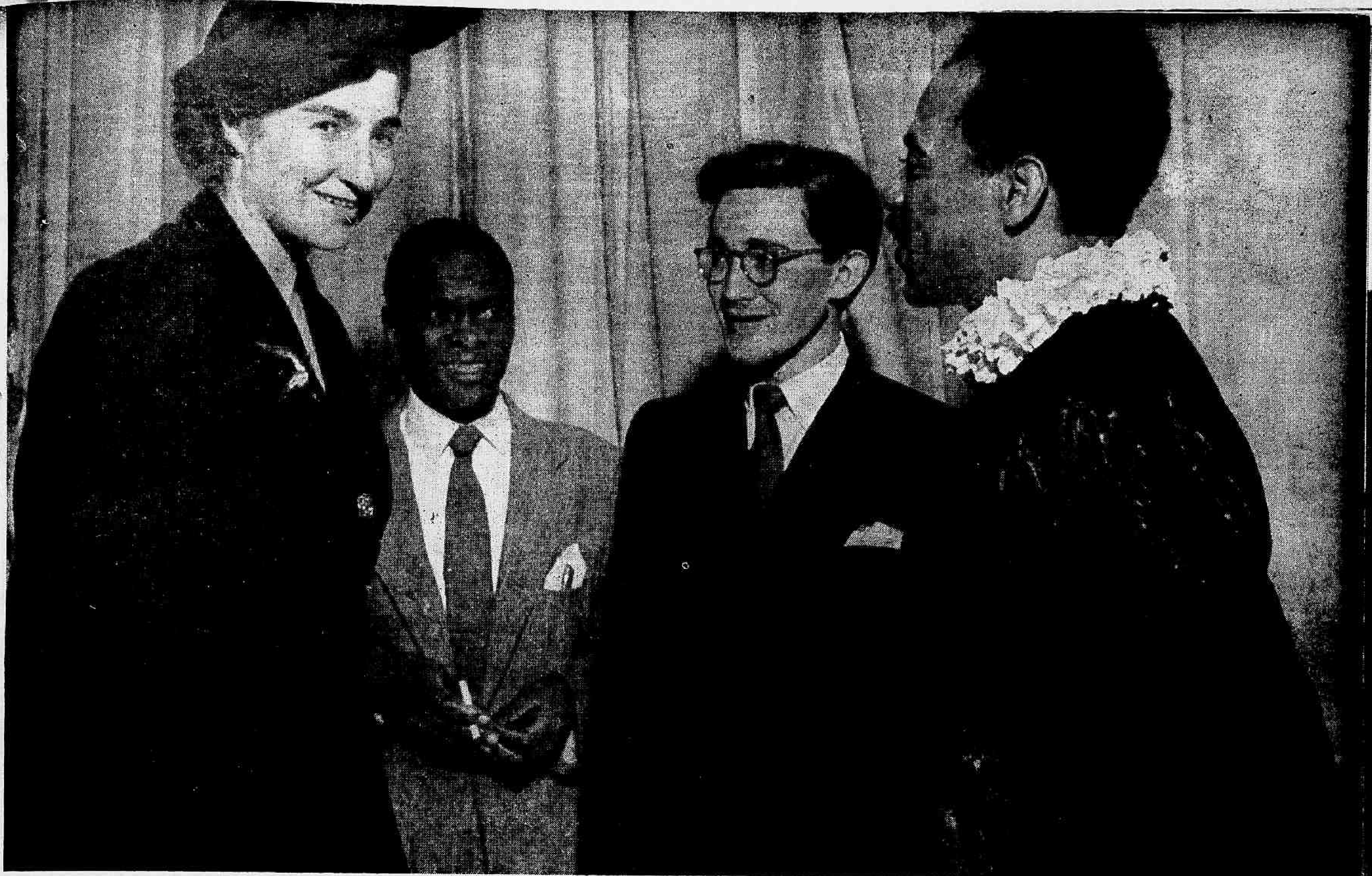
Não me foi possivel cumprir o prometido. A presença de Dirce, de visita ao Rio, com o marido, fizera-me esquecer a palavra empenhada.

Tornei a encontrar Sônia num baile em casa amiga, em companhia de um cava-

(*Cont. na pág. 48*)

NOVELA DE ÁLVARO ROSADAS





A PRINCESA D. Maria Teresa de Orleans e Bragança, por ocasião do 2º aniversário do T.E.N., comemorado no Regina em fins de 1946, após a representação de uma cena de «Otelo», de Shakespeare, por Abdias e Cacilda Becker (Desdêmona), foi aos bastidores cumprimentar o intérprete negro. A foto fixa êsse instante, vendo-se em segundo plano o ator Aguinaldo Camargo e o sr. Áureo Nonato, secretário do Teatro do Estudante do Brasil

O CRIADOR DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

CANDIDATO DOS HOMENS DE CÔR

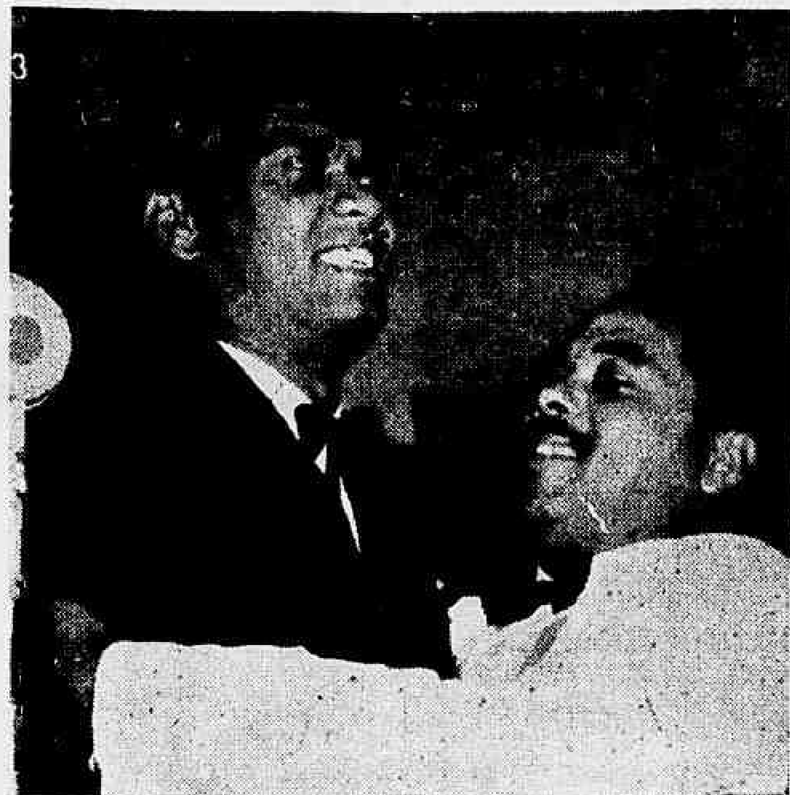
UM NEGRO CONTA COMO SE FÊZ DOUTOR ★ UM COMÊÇO HUMILDE ATÉ VENCER ★ FERIDO NA REVOLUÇÃO, CONFERENCISTA NA ARGENTINA, PRESIDIÁRIO, AUTOR E ATOR ★ UM EXEMPLO AOS DESPROTEGIDOS DOS HOMENS E DAS LEIS

Reportagem de ARMANDO PACHECO

(Fotos do arquivo do entrevistado)

HÁ mais ou menos coisa de cinco anos, os negros brasileiros vêm dando bons, salutares exemplos de cultura e civilização, participando de todos os nossos movimentos artísticos. Através do já vitorioso Teatro Esperimental do Negro, de conferências, de publicações, de mostras de arte, os nossos irmãos de cor vêm justificando seu lugar no espaço, correspondendo à espectativa de um punhado de brancos infensos aos preconceitos descriminatórios estupidos, creaturas de boa vontade e de bom senso que por todos os meios estimularam essa cruzada com que procuram provar que negro também é gente e filho de Deus, que tendo oportunidade de acessos o homem de cor sobe e vence na vida.

Entre outros preciosos elementos, tem sido um líder dêsse movimento o jornalista, autor e ator Abdias Nascimento, que é candidato a vereador pelos negros do Distrito Federal nas eleições de outubro. Como Romão da Silva, que se orgulha da sua raça e que tem exaltado os grandes negros da História do Brasil, Abdias vem sendo um continuador da tradição de Luís Gama e José do Patrocinio, na batalha pela valorização espiritual e social do elemento descendente do africano em nosso meio.







DA ESQUERDA para a direita: No dia 13 de maio dêste ano o embaixador do Haiti, sr. Pierre Rigaud, compareceu ao Baile da Abolição promovido pelo T.E.N. No transcurso da festa S. Excia. pediu a palavra e fêz uma saudação ao povo brasileiro. Terminou abraçando Abdias dizendo estas palavras: «— Um abraço dos negros do Haiti aos negros brasileiros». Para a formação do gôsto estético popular e divulgação dos valores da civilização brasileira, Abdias Nascimento realiza anualmente os concursos da «Rainha das Mulatas» e da «Boneca de Pixe». Na foto, Catty Silva «Boneca de 1950» e Maria Teresa «Boneca de 1948». Abdias Nascimento e sua espôsa d. Maria de Lourdes Vale Nascimento



O sociólogo prof. Guerreiro Ramos, em cima, no momento em que lançava a candidatura de Abdias Nascimento à Câmara Municipal, vendo-se ao seu lado o escritor Ody Fraga, engenheiro Jael de Oliveira Lima, dr. Esperança, médico, sr. Pedro Láuria, administrador do Teatro Municipal, ator Claudiano Filho, e outros. Ao centro: Em 1946 a doutora Irene Diggs, cientista norte-americana veio ao Brasil e não pôde se hospedar no Hotel Serrador pelo fato de ser negra. A gerência do Serrador negou a existência de



preconceito de côr nesse estabelecimento. Abdias Nascimento e sua espôsa hospedaram-se no Serrador durante uma semana e ofereceram um coquetel aos seus amigos, brancos e pretos, que se vêm na foto, entre os quais os vereadores Carlos Lacerda e Tito Livio, maestro Abigail Moura, ator Sérgio Cardoso, escritor Pascoal Carlos Magno, prof. José Pompílio da Hora, pintor Santa Rosa, e muitas outras personalidades da inteligência brasileira. Em baixo: Abdias Nascimento colaborou com a O.N.U., integrando,



em 1949, a Comissão Nacional que julgou as teses do concurso internacional sôbre «Como tornar realidade a Declaração dos Direitos do Homem». Na foto os membros da Comissão: srta. Rosemonde de Castro Pinto, srs. Austregésilo de Ataíde, A. Carneiro Leão, diretor da Faculdade de Filosofia, Gabriel Landa, embaixador de Cuba, Peregrino Júnior e Cláudio de Souza, acadêmicos, Abdias, e Paul V. Shaw, representante da O.N.U. no Brasil

DÊEM CHANCE AOS NEGROS NA SOCIEDADE

Abdias é ainda muito jovem, porém, são numerosas as suas iniciativas em favor dos brasileiros de cor que lhe devem uma diretrís política e cultural num acervo de realizações de repercussão nacional e internacional, corolario de sua luta dentro da linha de coerência com a nossa formação histórica. Natural da cidade de Franca, Estado de S. Paulo, nascido a 14 de março de 1914, êle é filho de um sapateiro descendente de africano e português, e dessa origem humilde Abdias Nascimento, enquanto estudava para bacharelar-se em comércio, tendo sido no curso primário e secundário um menino prodigio, foi lavador de vidros numa farmacia, aos 16 anos, entregador de leite e de carne, encerador de casas e professor primário nas fazendas circunvizinhas.

Como soldado voluntário do exército serviu na artilharia pesada e na infantaria, participou de revolução de 30, esteve na frente de Itararé, lutou na revolução constitucionalista de 1932 tendo sido ferido em combate, sendo também comissionado oficial das fôrças rebeldes paulistas. Findo o movimento armado foi instrutor de tiro de guerra e foi nos ocios dessas atividades que se apaixonou pela economia política. Tudo corria muito bem até uma noite (há sempre uma noite no meio para atrapalhar), a história do preconceito aconteceu. Era na Paulicéia. O heroi de 32 dirigia-se com amigos a um restaurante para jantar, quando, à entrada, barram-lhe os passos. Pretexto: ser negro. Surgem protestos. Um delegado presente fica do lado do gerente da casa. Abdias não se intimida. Resultado: sério conflíto. Tiros, tiros, tiros. No dia seguinte: prêso pela polícia política, um mês de prisão, expulsão ou exclusão do exército (dá no mesmo). Inicia nova odisseia. Racismo, racismo, racismo mascarado à moda paulista de 400 anos. E' muito dura a luta. E êle vem embora p'ró Rio.

NEGRO COM ANEL DE DR. E OUTROS TITULOS

Na Cidade Maravilhosa, Abdias Nascimento lutou muito para vencer, e pouco tempo depois tirava seu diploma e anel de doutor em leis, ciências economicas e administrativas, isto em 1938. Em maio do mesmo ano organizou o I Congresso Afro-Campineiro juntamente com Geraldo Campos, Agnaldo Camargo, Agenor Sampaio e Lino Guedes. Êste certame realizou-se no Instituto de Ciências e Letras de Campinas, contando com a colaboração eficiente dos alunos do curso de sociologia da Escola Normal da cidade-natal de Carlos Gomes. Ainda em S. Paulo, Abdias exerceu várias profissões, inclusive caixeiro-viajante e contador do Banco Mercantil de S. Paulo. Voltou ao Rio em 1941 e participou da experiência patrocinada pela Santa Hermandad, grupo de jovens sem compromissos dedicado a pesquísas em termo de um novo humanismo. Integrado nêsse movimento Abdias viajou por tôda a América. Em Iquitos, no Peru, sob os auspicios do clero e do govêrno realizou uma conferência sôbre Euclides da Cunha, assistida pelo Estado Maior do Exército. Pronunciou uma outra sôbre política econômica no Seminário de Economia da Universidade Mayor de S. Marcos, com o comparecimento de apristas, tendo nessa oportunidade, após a palestra, sido apresentado a Haya de la Torre, criador do aprismo, já fora da lei naquela ocasião. Vivendo e estudando as questões de contacto de raças humanas viajou pela Colombia, Equador, Uruguai, Bolivia, Chile e Argentina. Em Lima, assistindo o "Imperador Jones", de Eugene O'Neill, encenado por Hugo de Vieri, nasceu-lhe a idéia de criar no Brasil o Teatro Ezperimental do Negro.

PRISÃO DE NOVO, UM ROMANCE VIVIDO E ESCRITO NAS GRADES E T. E. N.

Abdias Nascimento concluiu seu rodeio pelas Américas em Buenos Aires, onde passou oito meses como hospede de honra do Diretorio da Faculdade de Economia. Da capital portenha voltou a Paulicéia, sendo prêso mal puzera os pés na terra bandeirante, pois em virtude de uma briga com um oficial fôra julgado à sua revelia. Passou os anos de 1943 e 1944 na Penitenciaria de S. Paulo condenado que fôra. Os dias vividos e sofridos entre as grades, vendo e ouvindo centenas de presidiários, enfim a experiência amarga colhida na prisão tudo isso está num romance escrito alí. Em 1945 regressou ao Rio e com outros companheiros de ideal fundou o Teatro Experimental do Negro. No mesmo ano fundou também o Comitê Democratico Afro-Brasileiro, para o qual convidou elementos de tôdas as tendências e que por uma questão atôa o expulsaram do Comité, que, todavia, morreu logo com a sua saída. Organizou em 1947 a Convenção Nacional do Negro, cuja primeira grande assembléia teve lugar em São Paulo, e a segunda em 1948 aqui no Rio, dela participando nomes como do deputado Gilberto Freyre, Benicio Fontenele, Hamilton Nogueira, Isaías Alves, Thales de Azevêdo, Claudino José da Silva, deputado de cor. Aí repetiu-se a

(Continua na pág. 46)



ABDIAS NASCIMENTO
EM "HAMLET", DE SHAKESPEARE



A FOTOGRAFIA ACIMA nos mostra a área de uma cidade como New York em face do poder destruidor das duas bombas: a atômica e a de hidrogênio. No primeiro espaço com uma extensão de duas milhas, estaria a área de ação da Bomba Atômica; no segundo a da de hidrogênio. Por um confronto entre ambos os círculos notamos o poder destruidor da BH

A VERDADE SÔBRE A BOMBA DE HIDROGÊNIO

UMA DAS AUTORIDADES EM CIÊNCIA ATÔMICA, FAZ À AMÉRICA A PERGUNTA QUE TODOS FAZEMOS: EM QUE ESTADO ESTAMOS QUANTO À BOMBA DE HIDROGÊNIO? SERÁ ELA MUITO MAIS DESTRUIDORA DO QUE A ATÔMICA? E, A DESPEITO DA TRAIÇÃO DE FUCHS, SERÁ QUE PODEREMOS FABRICÁ-LA ANTES DA RÚSSIA?

A primeira vez que ouvimos falar em bomba de hidrogênio foi na primavera de 1945, em Los Alamos, Novo México, onde os cientistas terminavam seus preparativos para a bomba-atômica.

Para maior surprêsa, soubemos que, como trabalhos adicionais daquela bomba, os cientistas estavam tratando de obter resultados satisfatórios por meio de novas fórmulas e desenhos para a bomba de hidrogênio.

A admiração do mundo chegou até ao estado de estupefação, ao ouvir-se de um dos cientistas, o Dr. J. Robert Oppenheimer, que Los Alamos era uma espécie de Quartel-General dêsse mundo dantesco em que se estavam experimentando os mais terríveis engenhos humanos pela desintegração dos átomos de urânio ou plutônio, os elementos básicos para tais engenhos.

Diziam que a energia dessa bomba seria uma arma com um potencial correspondente a nada menos de 20 mil toneladas de TNT! Foi um repórter, então, saber do Prof. Hans A. Bethe, da Cornell University, uma das maiores autoridades em teoria física e que chefiava verdadeiras elites nos laboratórios de Los Angeles, o que havia de verdade. Êle diria algo sôbre a bomba de hidrogênio, mil vêzes mais poderosa do que a já incrivelmente poderosa bomba-atômica.

O Prof. Bethe, como todos sabem, é uma das maiores autoridades em física nuclear e foi o primeiro cientista que explicou como se processa a fusão de hidrogênio no interior do Sol, e como se produz essa fonte inesgotável de energia que pode tornar possível a vida na Terra ainda por biliões de anos.

— E é verdade o que dizem por aí a respeito da superbomba? — indagou o jornalista. — Será mesmo cinquenta vêzes mais destruidor o seu efeito do que o das bombas de urânio ou de plutônio?

Jamais se esquecerá o repórter, de sua resposta calma e sincera a olhar para os lados da cadeia de montanhas que tem o nome de "Sangue de Cristo", naquele silencioso crepúsculo: — "Sim. Essa bomba pode ter um poder igual a um milhão de toneladas de TNT". — E depois de ligeira pausa: — "Mesmo muito mais de um milhão de toneladas".

E tudo isso se processava, se realizava e fazia, quando, ali mesmo, nos laboratórios de Los Alamos, vivia e observava, um espião da Rússia, o coletar segredos nucleares para os entregar aos cientistas soviéticos!

As primeiras notícias sôbre as possibilidades do hidrogênio foram divulgadas na América pela publicação do Prof. Francis William Aston, do "Franklin Institute", de Filadélfia, em 10 de março de 1922. Êsse sábio obteve o Prêmio Nobel de Química, abrindo-se os horizontes para estudos da energia solar na seara da combustão.

O Prof. Aston chegou mesmo a profetizar o que ainda os sábios poderiam alcançar com a energia atômica do hidrogênio. Em 1945 houve quem provasse que muitas coisas estavam erradas nas previsões do mestre de Filadélfia. Uma das profecias daquele sábio era a de que poderiam os homens transformar, de súbito, todo o hidrogênio da Terra, logo que uma superbomba dêsse elemento houvesse explodido. Mas, dez anos depois de lermos as declarações proféticas do Prof. Aston, é descoberto no mundo um novo tipo de hidrogênio entre os segredos da natureza que nos envolve. A êsse novo tipo de hidrogênio deram os sábios o nome de *deuterium*. Constitui 1/5000 parte da água terrestre e um pêso atômico do dôbro do hidrogênio comum.

O núcleo do átomo do deuterium é chamado deuteron, distinto do núcleo do átomo comum do hidrogênio, que tem o nome de proton. Por êsse motivo, passou o deuterium a chamar-se, vulgarmente, de hidrogênio pesado. Daí o nome de "água pesada", quando a água contém dois átomos de deuterium.

O mais importante princípio do deutérium foi o que lhe garantiu para explosões atômicas a mais tremenda das energias. Para conseguir-se isso, porém, travou-se verdadeiro "match" de pesquisas cientificas e de experiências. Para ter-se uma idéia do que foi necessário até chegar a êsse resultado, basta dizer-se que foi indispensável produzir uma temperatura de 50 milhões de graus centigrados, ou seja, duas vêzes e meia a temperatura do interior do Sol...

Em virtude de sua pavorosa energia destruidora, deram à bomba-atômica o nome popular de "Bomba do Inferno".

A primeira experiência da nova arma de guerra, a bomba-atômica, teve lugar a 16 de Julho de 1945 nos desertos do Novo México. Dentre as pessoas que tiveram a ventura de assistir a tais experiências, estava um jornalista dos Estados Unidos. Diante do apocaliptico espetáculo, produzindo-se aquêle calor incrivel e subindo às nuvens uma coluna de gases de mais de oito milhas de altura, tudo o que já se produzira na terra parecia mesquinho.

E, andando livremente naquele meio, vendo e anotando, estava um Judas, Klaus Fuchs, nome que permanecerá eternamente infame entre outros traidores da história.

Cinco anos mais tarde é êle mesmo quem confessa ter entregue à Rússia dados circunstanciados, não sòmente quanto à bomba-atômica, como ainda sôbre a de hidrogênio.

Desde a atitude do traidor até antes de haver o Presidente Truman declarado, oficialmente, que a Rússia havia experimentado em certa zona de seu território uma bomba atômica de sua fabricação, uma pergunta continua a preocupar todos os americanos: terá a Rússia possibilidades para fabricar a bomba de hidrogênio? Teriam fornecido à mesma potência os dados cientificos que lhe proporcionaram a fabricação da primeira bomba?

Por êsse motivo foi que o Govêrno Americano tratou de, imediatamente, começar a fabricação de outra bomba ainda mais poderosa, a bomba de hidrogênio, pois, quanto a esta, ainda não se provou que tenha a URSS possibilidades para fabricá-la, como já o fêz com a atômica.

E' interessante frisar que, cinco anos depois da explosão atômica de Hiroshima, muitos norte-americanos, mesmo os mais cultos, inteligentes e perspicazes, tinham dessa arma uma vaga idéia.

E' tremenda a luta entre os cientistas para que possam os Estados Unidos manter-se à vanguarda de tais descobertas indispensáveis à paz do mundo. Nos laboratórios do Estado, dirigidos por sábios e mestres de absoluta confiança, não se cansa a ciência de procurar descobrir todos os segredos da Natureza em favor de uma era de paz para a humanidade.

A literatura sôbre tais pesquisas, os estudos sôbre o urânio e outros minerais, empolgaram os meios cientificos e os populares. Todo mundo está interessado em saber como se pode conseguir a desintegração do átomo, os seus efeitos, e se é possivel evitar as guerras com tais armas.

Mas, por maiores que sejam as conjecturas, ainda nada se sabe, exatamente, o que sucederia ao mundo em caso de empregar-se uma certa quantidade dessas bombas tremendamente carregadas de principios radioativos.



O DR. ROBERT OPPENHEIMER e o seu filho Peter. Mostra-lhe o sábio que criou a primeira amostra de «super-água pesada», o novo elemento que, se vendido a pêso, custaria apenas um bilhão de dólares o quilo! O menino, terá dito: Só?...

Antes de explodir a bomba-atômica, nas primeiras experiências das autoridades militares, houve mesmo quem dissesse que o mundo inteiro se partiria ao meio se os experimentadores deflagrassem o terrivel engenho. Também afirmaram que o espaço que envolve a Terra ficaria intoxicado, cheio de radioatividade, matando os sêres viventes com a sua inalação.

Mas nada disso se deu. A bomba atômica sôbre as cidades de Hiroshima e Nagazaki teve fins militares, em plena guerra do Japão e contribuiu para apressar a queda do inimigo.

Depois, já em tempo de paz, realizou-se a experiência de Bikini, tendo-se em mira o efeito de uma dessas bombas para a destruição de esquadra em pleno mar. Os resultados foram geralmente satisfatórios.

Depois, veio a observação de radiação nas costas do Pacifico, nos Estados Unidos. Os aparelhos de deteção norte-americanos registraram efeitos de radiação atômica uma semana depois da experiência realizada no atol de Bikini.

Ao chegarem às costas de S. Francisco da Califórnia, essas emanações já vinham muito fracas, quase imperceptiveis, mas, ainda assim, foram captadas.

Em face dêsses resultados, falou um dos grandes cientistas construtores das bombas-atômicas, Prof. Teller: "Se tais bombas forem elevadas a grandes números, a irradiação livre depois de explosões, poderá pôr em perigo tôda a costa norte-americana do Pacifico".

Mas, tôda a preocupação não reside, pròpriamente, nos efeitos de irradiação dêsses engenhos, e sim, saber se está a Rússia de posse de elementos cientificos, matemáticos e naturais que lhe possibilitem a fabricação de bombas-atômicas e de hidrogênio em massa, em quantidade capaz de colocá-la em posição de fazer face a uma outra potência que foi a sede de tais descobertas.





O ESPIAO E CIENTISTA Klaus Fuchs, à esquerda, a serviço da URSS, e que lhe entregou segredos atômicos. O outro é o cientista e físico Hans A. Bethe, que afirmou ter a Bomba de Hidrogênio poder igual a um milhão de toneladas de TNT



PARTE DE UMA EQUIPE de cinco pequenos e engraçados basset, conhecidos pelos entendidos como «dachahund». Seguros por correias de couro, tanto se mexeram, tanto pularam, que terminaram por se entrelaçar num bôlo em que estavam compreendidas as pernas do seu proprietário. No entanto, os nomes dêsses cães não revelam inquietude: Apolo, Minerva e Vênus

VIDA DE CÃO... DE LUXO

CONDIÇÕES E QUALIDADES NECESSARIAS A UM CÃO PARA SER CLASSIFICADO NUMA EXPOSIÇÃO CANINA - RAÇAS, JULGAMENTO, PREMIOS E DESCONTENTAMENTO NA 34ª. EXPOSIÇÃO DO BRASIL KENNEL CLUBE

Texto e Fotos de SABINO CANALINI



A PEQUERRUCHA está satisfeitíssima, segurando nos braços, como se fôsse uma linda boneca, o minúsculo e interessante «Sir Rex», campeão entre os «Pinschers»

PELA trigésima quarta vez realizou-se em nosso país a tradicional Exposição Canina do Brasil Kennel Club, efetuada nas dependências do Tijuca Tênis Clube. Desde as oito horas da manhã de um ensolarado domingo, começaram a chegar os 130 concorrentes aos julgamentos que se prolongariam por tôda a tarde. Para não cansar os leitores com uma descrição fria e esquemática do que foi o certame, procuraremos explicar para os leigos de que maneira são feitos os julgamentos e quais as características peculiares que determinam a entrega dos prêmios e a classificação. Podem ser inscritos na exibição cães de qualquer raça, nacionais ou importados, contanto que não sejam aleijados e doentes, estejam vacinados, licenciados e com seus pedigrees (isto é, a árvore genealógica) registrados nos clubes especializados. Uma vez examinados pelo veterinário de plantão são encaminhados ao lugar próprio, de onde só poderão sair para o "ring", o lugar de julgamento. Os cães são divididos em classes, conforme a idade: novíssimos, júnior, sênior, veteranos e especial de campeonato, para os já premiados com título de campeão. São divididos em seguida, em raças, com separação de sexo. As raças são reunidas em grupos: caça, utilidade, terrriers, luxo e companhia. Os cães concorrem primeiro ao título de "melhor da raça". Êstes concorrem em seguida ao titulo de "melhor do grupo". Entre os melhores dos grupos é escolhido o melhor exemplar da Criação Nacional e o melhor de tôda a Exposição. Isto quer dizer que se um cão possuir qualidades reais que o habilitem, pode sucessivamente competir às diferentes gradações do concurso e vencer inclusive o título mais ambicionado, o de "Melhor da Exposição". As características que fazem preferir um cão a outro, dizem respeito às medidas, à dentição, ao porte, ao andar, à conformação da cabeça, à linha das pernas, à curva dos ombros, ao comprimento do pescoço e a muitos outros detalhes que não deveriam escapar aos juízes. Há taças

(Cont. na pág. 50)



NADA COMO ASSISTIR de camarote ao desfile dos co-irmãos. Vemos Sir Rex no bolso do dono. Na página ao lado, está Ifá da Zita (boxer) que também é campeã

A ETERNA VIGILÂNCIA

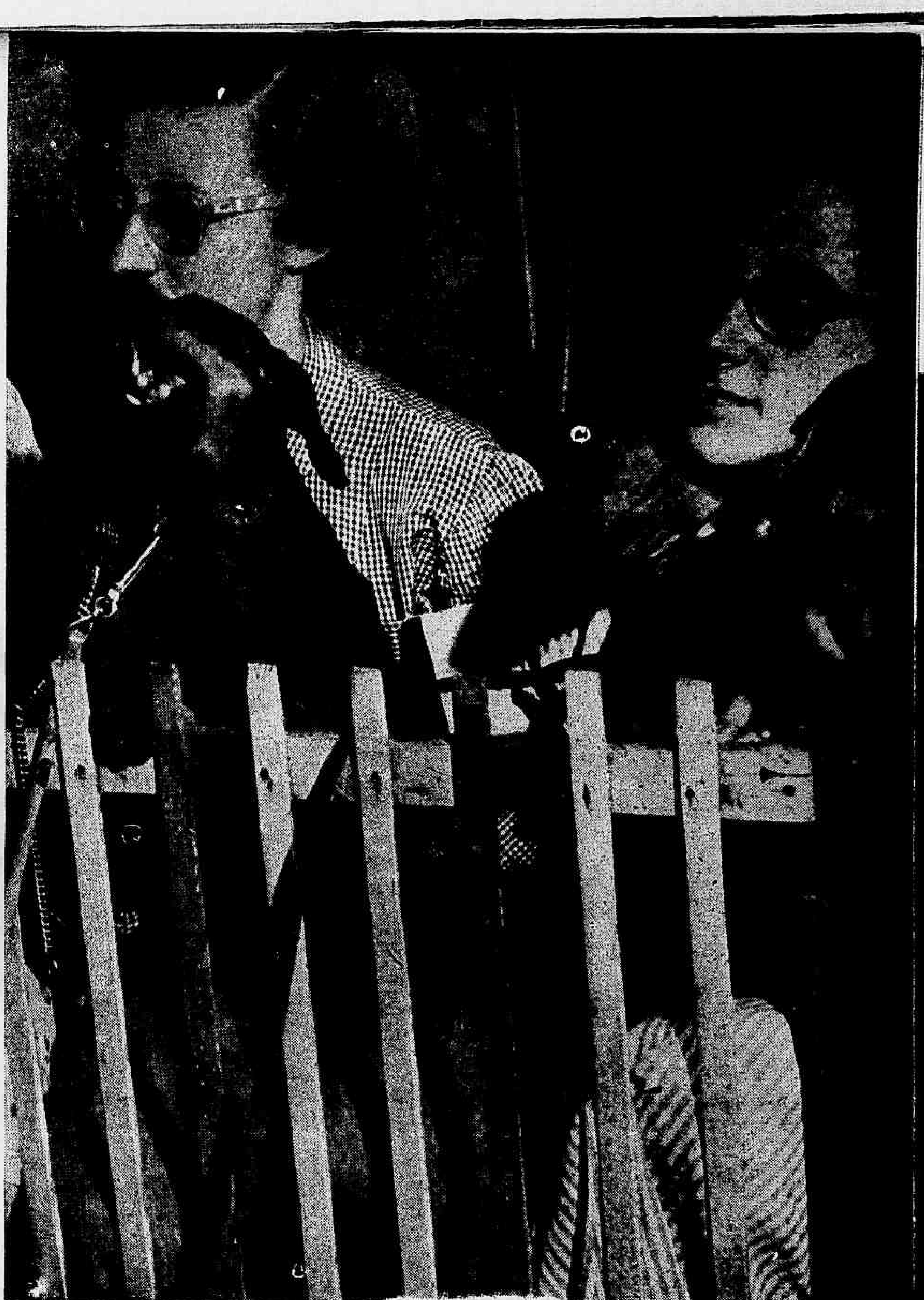


A VIDA COM BALANÇO É OUTRA COISA

XUXU E' O [illegible]OME dele, isto é,
sportings», d[illegible]ompanhia. Preto,

VEMOS EM[illegible]AIXO, pela orden
chegados da[illegible]glaterra e ainda
presos num[illegible]iola, como se fô





XUXU E' O NOME dele, isto é, do cão «poodle», classe júnior, classificado melhor do grupo «non sporting», de companhia. Preto, com os pés e o pescoço raspados, pósa com a sua linda proprietária

NOS JARDINS DO TIJUCA há um parque infantil. Natural que os pequenos... cachorros quisessem brincar, como êsses «dachshund», que ficaram atrás da cêrca, loucos para subir nos cavalinhos de pau

VEMOS EMBAIXO, pela ordem, uma dupla de delicados e peludos «yorkshire terriers», recém-chegados da Inglaterra e ainda não refeitos da viagem de avião. No centro estão dois filhotes presos numa gaiola, como se fôssem passarinhos. À direita, um esplêndido «chow-chow», de nome Wupei-Moonery, dono de um belíssimo pêlo de côr fulva, macio como um veludo. Todos os cães apresentados nesse interessante certame primavam pelo trato e aparência, que demonstravam o carinho e a dedicação de seus proprietários, ostentando, ao desfile perante os juizes, ótimas condições físicas





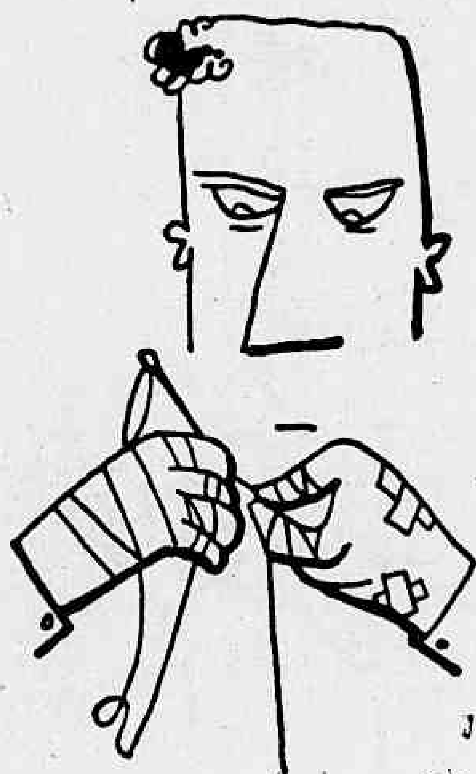


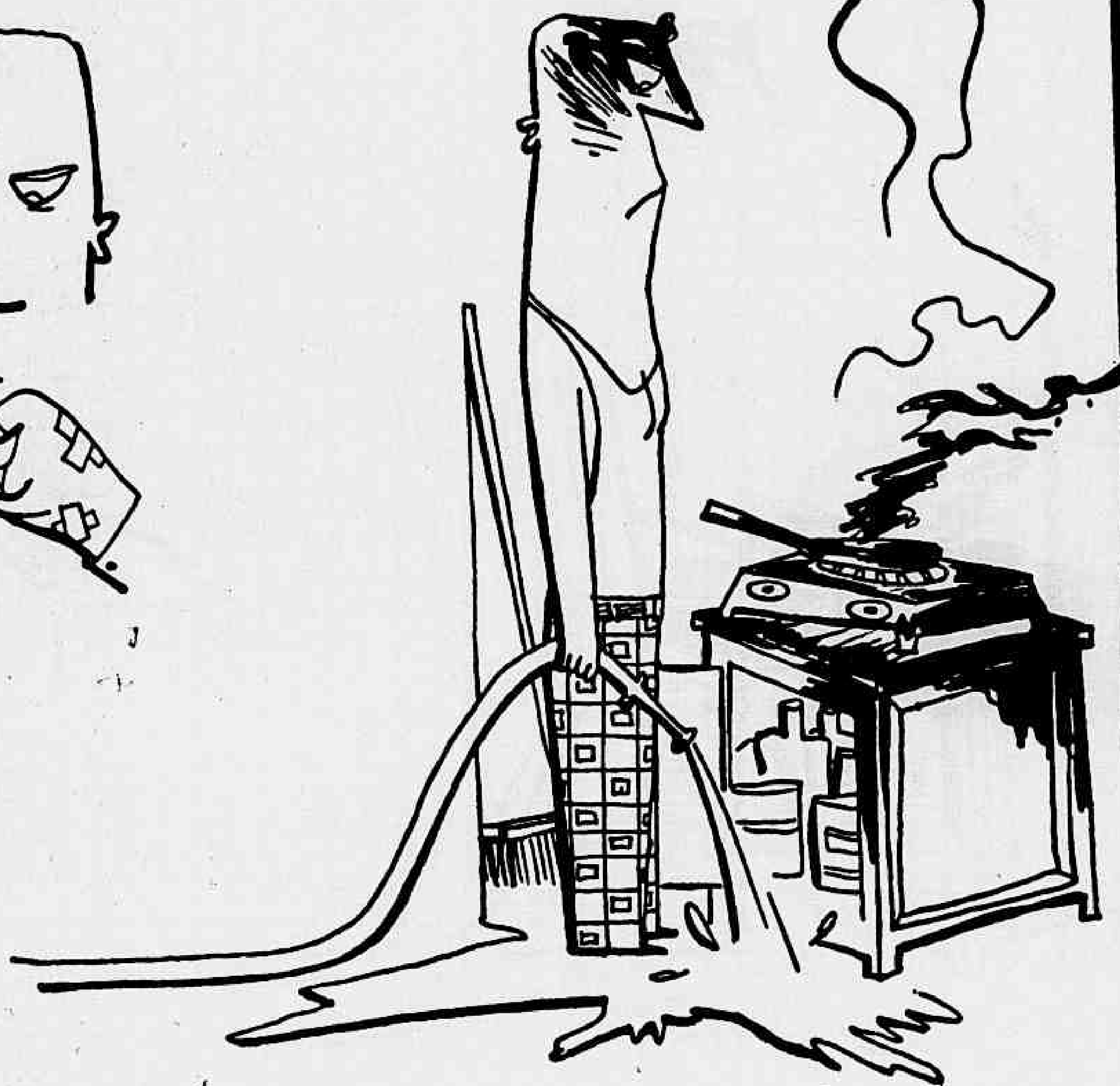
NICODEMUS CAIU COMO OUTROS CAÍRAM OU CAIRÃO NA

ARMADILHA

DESGRAÇADA É A VIDA DE SOLTEIRO: PRECISA-SE LAVAR ALGUMA ROUPA...







PRECISA-SE CERZIR UM COLARINHO...
PRECISA-SE ESTALAR UM OVO NA MANTEIGA...
E NÃO SE SABE, E NÃO SE SABE
E IDEM, IDEM...

MAS QUANDO SE TEM A FELICIDADE INFINDA DE ENCONTRAR PARA ESPOSA UMA VERDADEIRA MESTRA UMA PERFEITA DONA DE CASA...



...NÃO MAIS TEREMOS AS ROUPAS FUXICADAS, OS OVOS QUEIMADOS, O LIXO DEBAIXO DO TAPETE...

NÃO!

DEPOIS DE CASADO, A COISA MELHORA MUITO: AGORA A GENTE JÁ FAZ TUDINHO COM MUITO MAIS DESEMBARAÇO...



GRUPO FORMADO, ao alto, durante a recepção oferecida pelo cônsul Jaime de Barros e sra., em Paris. Em baixo, o cônsul Jaime de Barros em palestra com o sr. e sra. Kurcoeffer

NOITE BRASILEIRA EM PARIS



FESTA ÍNTIMA OFERECIDA PELO CÔNSUL JAIME DE BARROS E SENHORA, AOS ARTISTAS BRASILEIROS EM VIAGEM NA FRANÇA ★ UMA REUNIÃO EM FAMÍLIA ★ "SENTIR-SE EM CASA É DE ALGUM MODO UM MEIO DE SE ESTAR EM CASA"

BERNARD ROLL (Exclusividade da IPA — REVISTA DA SEMANA)

Paris (Por via aérea) — «A saudade da Pátria sòmente a Pátria cura». E o cônsul brasileiro em Paris, sr. Jaime de Barros Gomes, que todos os franceses estimam e admiram pelos seus gestos liberais e simpáticos, parece ter sentido, ùltimamente, bem mais intensa essa saudade — talvez porque as atenções do mundo ficassem voltadas para o Brasil, com a realização do campeonato mundial de futebol — porquanto S. Excia. acaba de reunir em sua residência, nos luxuosos apartamentos de um hotel parisiense do bairro de Lêtoile, grande número de artistas brasileiros em viagens na França, numa festa íntima, à qual denominou de «Noite Brasileira em Paris».

A elegante reunião, que foi presidida pelo embaixador Souza Dantas, aproximou a família brasileira na França, em ambiente de cordialidade e alegria, diante da atenção que madame de Barros dispensava a todos os seus convidados.

A nota característica da festa foi a indispensável mesa de doces que o cônsul Jaime de Barros e sra. ofereceram no intervalo da reunião artística, e que foi o regalo dos menores.

— «Isto me aproxima da Pátria — disse o cônsul brasileiro em Paris — porque não deixa de ser uma reunião em família».

Os artistas brasileiros constituíram o indispensável elemento para a aproximação da Pátria distante. Notadamente os pianistas Átila Soares e Armando Estrêla, êste último recentemente contratado para recitais em Londres, que foram muito aplaudidos na França.

Portinari, considerado pelos franceses o mestre da pintura brasileira, e os pintores Antônio Bandeira, de Fortaleza, Iberê Camargo e Carlos Sciliar, do Rio Grande do Sul, trocaram observações sôbre a evolução da pintura francesa e a decadência de certa tendência ao surrealismo, que se afasta perigosamente dos princípios usados pelos grandes mestres da pintura contemporânea e do século passado, aos quais a pintura brasileira continua fiel. E diante das telas de Van Dongen, Vlamynck, Monnet e de Portinari, da coleção do cônsul Jaime de Barros, não era sem orgulho que se ouvia os artistas brasileiros defenderem a arte latina, da qual possuem o direito de se pretenderem também depositários.

Diversas outras personalidades também compareceram à reunião familiar do cônsul Jaime de Barros e sra., o ministro Nemésio Dutra, encarregado dos negócios do Brasil em Paris; sr. Perilo Gomes, cônsul do Brasil no Havre; sr. Kurcoeffer e sra., presidente da Câmara de Comércio Franco-Brasileira; sr. Guimarães Rosa e sra., secretário da embaixada; srta. Ibert, encarregada da missão na França do Ministério da Educação do Brasil; sr. Ulman, secretário da Casa da América Latina; sr. Camiaguis, do Quai d'Orsay, antigo secretário da embaixada da França no Rio de Janeiro; sra. Cordélia Dumaine, espôsa do

(Cont. na pág. 50)





O PIANISTA Arnaldo Estrêla, na foto à esquerda, e as sras. Cordélia Dumaine, Arnaldo Estrêla e Jaime de Barros. Na foto à direita, da esquerda para a direita: sr. Ulman, secretário da Casa de América Latina, Cândido Portinari, cônsul Jaime de Barros, embaixador Souza Dantas, o pintor Antônio Bandeira e o pianista Arnaldo Estrêla.

NÃO É CARMEN MIRANDA, MAS LILY MORENO. TALVEZ POR IMITAR A "GAROTA NOTAVEL", SEU SUCESSO É GRANDE EM PARIS

UMA SAMBISTA CARIOCA "ASSOMBROU" A EUROPA

"CHIQUITA BACANA" UM DOS MAIORES SUCESSOS DE LILY MORENO EM PARIS ★ "REQUEBRA" TÃO FRENÈTICAMENTE QUE FOI APELIDADA EM MADRID "O TRASEIRO ELÉTRICO ★ E OS HOMENS VOLTAVAM TÔDAS AS NOITES PARA APLAUDÍ-LA ENTUSIÀSTICAMENTE

De FRANÇOIS JACQUES

PARIS, julho — Lily Moreno conta atualmente 24 anos. Depois de uma longa e proveitosa permanência na França, quando cantou durante seis meses num dos mais elegantes cabarés de Paris, o "Carroll's", Lily deixou finalmente êste país, para uma "tournée" através da Espanha e depois o Brasil.

Lily Moreno, a talentosa sambista, vem de difundir no estrangeiro o ritmo da mais brasileira de tôdas as músicas brasileiras: o samba! Gravou centenas de discos, tanto na Espanha como na América do Sul.

Lily é de fato interessante. Ligando sua capacidade aos seus dotes fisicos, ela não sòmente difundiu a música brasileira entre os europeus, como os deixou boquiabertas com a "alma" de suas interpretações: quando ela canta, "requebra" tão frenèticamente, que os espanhóis a cognominaram de o "traseiro elétrico".

Foi um cabaré de Boulevards que fêz com que ela viesse ter a Paris. Oito dias, apenas, depois da sua estréia, o proprietário do cabaré fugiu com a caixa do estabelecimento, fechando-o! No dia seguinte, Frède apresentava Lily ao público dos Champs Elysées, no famoso "Carroll's", fazendo-a assim um ídolo de Paris. Foi por causa de um desgôsto de amor, que Lily veio para a França. Em Madrid, seu noivo, um jovem brasileiro rico, impôs-lhe uma condição: Ela teria que abandonar o canto. E ela nada mais fêz, diante da imposição, do que recusar, assinando o seu contrato em Paris. Os dois maiores sucessos de Lily, na França, são: "A gasolina já chegou" e a famosissima canção existencialista brasileira, "Chiquita Bacana".

Órfão logo aos 10 anos, Lily Moreno começou a trabalhar com essa tenra idade, no "Copacabana" do Rio. Aos quatorze anos, ganhou um concurso de representação, que foi sem dúvida o seu primeiro degrau galgado, tornando-a popular do dia para a noite. Passou em seguida a cantar no Cas-



ASSIM ELA SE APRESENTAVA NO "CHEZ ROLL'S", AO PÚBLICO DOS CHAMPS ELYSÉES. JÁ ESTÁ CANTANDO A "CHIQUITA BACANA" MAS AINDA NÃO APRENDEU A "BALZAQUEAR".

sino da Urca e no Atlântico. Tendo mais tarde firmado contratos na Espanha, Lily cantou por mais de dois anos no famoso "Casablanca", de Madrid, e no "Rosaleda", de Barcelona. Tomou parte também num filme colorido que foi rodado em Madrid, "La printa del Latigo". Mais tarde foi chamada para representar em Lisboa o papel de uma rainha. Foi a estrêla do primeiro filme americano colorido (R.K.O.), rodado no Rio de Janeiro por Orson Welles, sôbre o carnaval carioca, mas filme que não foi concluido.

— "Paris — confessou a artista — é a primeira cidade que se parece com a minha terra natal, o Rio de Janeiro". — Disse, até, que os famosos Champs Elysées muito se assemelham à Avenida Rio Branco, no Rio.

Lily Moreno tem um ar que bem poderia ser confundido com o de uma parisiense. Seus cabelos são pretos e seus olhos amendoados. O seu grande sucesso,

(Cont. na pág. 46)

HELOISA E ELZA

SAÍ do escritório contrafeito e de máu humor. Há três dias, Elza chegara ao Rio, e eu já dera tôdas as desculpas imagináveis a fim de adiar aquêle encontro. Não era possível mais. Ela telefonara propondo avistar-se comigo naquela tarde.

Tomei o ônibus, quase inconscientemente. Acendi o cigarro. Pús-me a considerar a situação crítica em que me achava. Estávamos noivos há um ano e agora, com essa ausência de três mêses, apaixonara-me por outra mulher. Que faria?

A imaginação exaltada reproduzia tôdas as fáses do meu novo romance. Nem eu nem Heloisa tivemos culpa. Agimos lealmente e de boa fé. Só o destino era responsável.

Eloisa era colega de repartição. Costumávamos sair juntos do trabalho, e como morássemos no mesmo bairro, tomávamos quase sempre a mesma condução. Um dia, convidei-a para jantar. A princípio, surpreendi-me da minha própria idéia. Notei surprêsa no olhar que me dirigiu.

Poucos dias depois, fiz-lhe igual convite. Outros vieram e não mais nos admiramos. Íamos a quase todos os lugares juntos. Já não podia sair sem ela. Quando sucedia não querer acompanhar-me, sentia dela enorme falta.

Quanto às cartas de minha noiva, felizmente escasseavam (porque fôra passar tempo na fazenda) e, dêsse modo, também eu ficava desobrigado de escrever-lhe. Finalmente veio um telegrama seu, comunicando-me o regresso, na tarde do dia seguinte. Recebi-o na repartição. Heloisa, que trabalhava defronte a mim, deve ter pressentido o que se passava, pelo vinco formado em minha fronte. À saída, como de costume, nos encontramos. Juntos, deixamos a repartição. Caminhavamos em silêncio. Não sabia como dar-lhe a notícia. Até aquêle momento, nenhuma palavra dissera com relação aos seus sentimentos.

Alí, então, parecia-me que perdera a própria faculdade de pensar e resolver as coisas. Sòmente quando Heloisa estendeu-me a mão para despedir-se, defronte à sua casa, foi que consegui, à custo, sair daquela espécie de torpor mental em que me encontrava.

— Escute — balbuciei, — preciso falar com você...

Retive suas mãos nas minhas.

— Sua... noiva? — disse ela com sorriso forçado.

— Sim, Heloisa, — falei eu, súbitamente animado por ver que ela me ajudava, — é a respeito de Elza. Avisou-me que deverá chegar amanhã, à tarde.

Mostrei-lhe o telegrama. Silenciosa, ela desviou o olhar para longe. Perguntou-me de repente:

— Você vai à Central esperá-la?

— Creio que não...

— Acha que... isso resolverá alguma coisa?

— Não sei... respondi com voz sumida. De qualquer maneira, ela perceberá a pouca vontade que tenho de revê-la, após tão longa ausência...

— Bem, Carlos... é conveniente nos despedirmos. Faz-se tarde... Até amanhã! — terminou resoluta.

— Espere um pouco. Heloisa, falei aflito. Não vê que não é possível separar-nos assim?

— Por que?... Talvez seja melhor.

Segurei-a pelo braço.

— Heloisa! — disse, emocionado, — E' preciso que saiba que... estou louco por você! Infelizmente, existe êsse noivado e não quero ser canalha. Entretanto... peço-lhe compreender a situação, crer na minha sinceridade e esperar com paciência.

Ela me olhou com um dêsses olhares perscrutadores.

— Carlos, em questão de amor não deve haver meio têrmo. Se você chegou à conclusão de que Elza lhe é indiferente e é a mim que ama — penso — deve agir sem receio e sem titubear. — Porque — serei bastante franca. —Jámais toleraria atitude dúbia de sua parte...

— Mas... Heloisa, — continuei angustiado, não tenho dúvida sôbre meus pensamentos. Amo-a. Estou absolutamente certo disso. Mas... sou noivo de Elza há um ano. Sempre foi correta para comigo. Devo, pois, proceder com elegância e prudência para não feri-la. Ela não merece outro procedimento.

Heloisa teve um gésto de enfado. Não me quis compreender. Talvêz fôsse devido ao egoísmo muito feminino e ao desejo de domínio de certas mulheres.

— Carlos, é preferível nos afastemos um do outro, já que tem êsse compromisso. Seja êste, o nosso adeus...

(Cont. na pág. 50)

Conto de VERA MILWARD DE CARVALHO
Ilustração de ARMANDO PACHECO

PACHECO





SÔBRE AS TEORIAS DO AMOR

ESTÁVAMOS falando nos teoristas do amor. Desde Sthendal. Depois, veio à discussão o livro recente de um psicólogo mundano e alguém citou alguns de seus paradoxos e algumas de suas "boutades". Ela então objetou:

— E' um livro que faz sorrir, mas sorrir com melancolia... Sorrir das suas verdades e das suas conjecturas... Vamos lendo essas páginas e, a certa altura, encontramos o protesto do autor contra as idéias e as teorias de Schopenhauer e de Nietzsche, sôbre o amor...

— Por que?

— Porque — diz o autor — êles ignoram mesmo esta coisa elementar, que o amor não é uma ciência, mas experiência, uma "suite" de experiências, cujos resultados são sempre diferentes.

— Então?

— Então, ficamos a conjecturar: não será êsse o caso também do autor? De acôrdo com sua própria teoria, quem nos assegura de sua experiência? E não seria melhor lermos, em vez dele, as memórias de Casanova, cuja autoridade não sofre discussão, ou "A Confissão de um Filho do Século", que é a garantia de uma experiência? Isto porque nos faltam as memórias de Don Juan e do Barba Azul, está claro...

Sorrimos. Ela prosseguiu:

— George Sand já assegurou que quem consegue saber falar sôbre o amor está mediocremente apaixonado... E a verdade é que nenhum homem, realmente de posse da experiência amorosa, se compraz em escrever sôbre o amor... Tôda a literatura sôbre o amor, inclusive a ética e a metafísica, não decorre da experiência, mas da falta de experiência, digamos mesmo, da falta de capacidade amorosa...

— Mas, os poetas?

— Sim, alguns poetas, pelos milagres da poesia, se aproximam da verdade, às vêzes... Já citei Musset... Entretanto, para que a verdade, mesmo poética, em matéria de amor? Para que a certeza, quando a própria substância do amor é fluídica e imprecisa?... Para que, se essa matéria toma a conformação e as nuanças de nossos sonhos — nada havendo de mais vago e indefinível...

Enquanto pensávamos, ela parou um momento, depois concluiu:

— Falta a êste livro um pouco de sonho, de fé, com a graça das imagens e das frases... E' um livro que não faz amar o amor... Que nos desgostaria do amor, se convencesse... E como é amarga esta sabedoria, às vêzes graciosa, às vêzes brilhante às vêzes, poucas vêzes — sábia...

LYSE







VARIADOS

NESTA página, apresentamos alguns sugestivos e variados modelos, exibidos em cima por Joan Leslie e Joan Fontaine (R.K.O.) e, em baixo, Martha Toren (Universal-International), ao centro, Joan Bennet (Columbia) e Virginia Mayo (Warner).



MODELOS SÓBRIOS

A característica principal dêstes vestidos é a sobriedade ao lado do corte perfeito. Pela discreção de suas linhas, adaptam-se perfeitamente para qualquer hora do dia. Nesta página temos: modêlo de duas peças em faile com mangas três quartos e casaco bem transpassado. Vestido em lã marrom, com o corpo na frente formando uma aba, imitando casaco e atrás com um pano pregueado, sôlto. Elegante modêlo em sêda pesada, de dois tons. O pano sôlto da saia e as mangas, são forrados da mesma fazenda do resto do vestido, mas em tom diferente. Costume prêto com casaco bem transpassado e bolsos embutidos. Uma grande gola de fustão branco, bordada, quebra um pouco a sobriedade do modêlo.







CASACOS

ÀS vêzes há necessidade de um casaquinho para ser usado com vestidos ligeiros ou saias. Estas são algumas sugestões apresentadas por costureiros franceses, confeccionadas nos mais diversos tecidos. Em cima, à direita: Balenciaga é o criador dêste casaco em tafetá, com mangas bem franzidas em cima e bôcas estreitas. Em baixo: é ainda Balenciaga o autor dêste casaco sôlto, em casemira listrada, com grandes bolsos. À esquerda: para fazer conjunto com saia de casemira e uma blusa listrada, Jacques Fath apresenta êste casaquinho mais comprido atrás que na frente, com a lapela bem descida. Novamente em cima: êste encantador casaco é confeccionado em lã pêlo de camelo. Apresenta grande transpasse e gola bem larga.

CINCO HORAS

NAS confeitarias elegantes à hora do chá e nas "matinées" dos teatros é que se pode realmente apreciar a elegância feminina no seu gráu mais acentuado. Êstes modelos por certo concorrerão para a sua elegância em tais ocasiões. Em baixo, à direita: Jean Dessés apresenta um vestido em lamé, inteiramente plissado, acompanhado de uma capa godê em tafetá. As luvas compridas, também em tafetá, têm as bôcas franzidas. Em cima: Neste modêlo há o contraste do casaco branco abotoado e o vestido em sêda negra, também inteiramente abotoado. A gola do casaco sobe até às orelhas. À esquerda: Jean Patou é o criador dêste "tailleur" discreto, em lã preta. As mangas possuem largos punhos, bordados em branco.













"PIED-POULE"



REALMENTE o tecido mais empregado nos modelos de inverno é o "pied-poule", que com seu quadriculado miúdo, dá nota de elegância em trajes completos ou simplesmente como adôrno. Em cima, à direita: saia justa em "pied-poule" e casaco em lã preta com a gola e os punhos enfeitados com o mesmo tecido da saia. À esquerda: vestido em lã preta, com amplo decote. Cacaso da mesma fazenda do vestido, enfeitado com "pied-poule". Em baixo: costume esporte em quadriculado grande. Casaco com gola esporte e duas abas. Saia com grande prega na frente. Elegante modêlo para tarde. Saia enviezada, bem justa. Corpo com decote em V e mangas três quartos, japonesas.



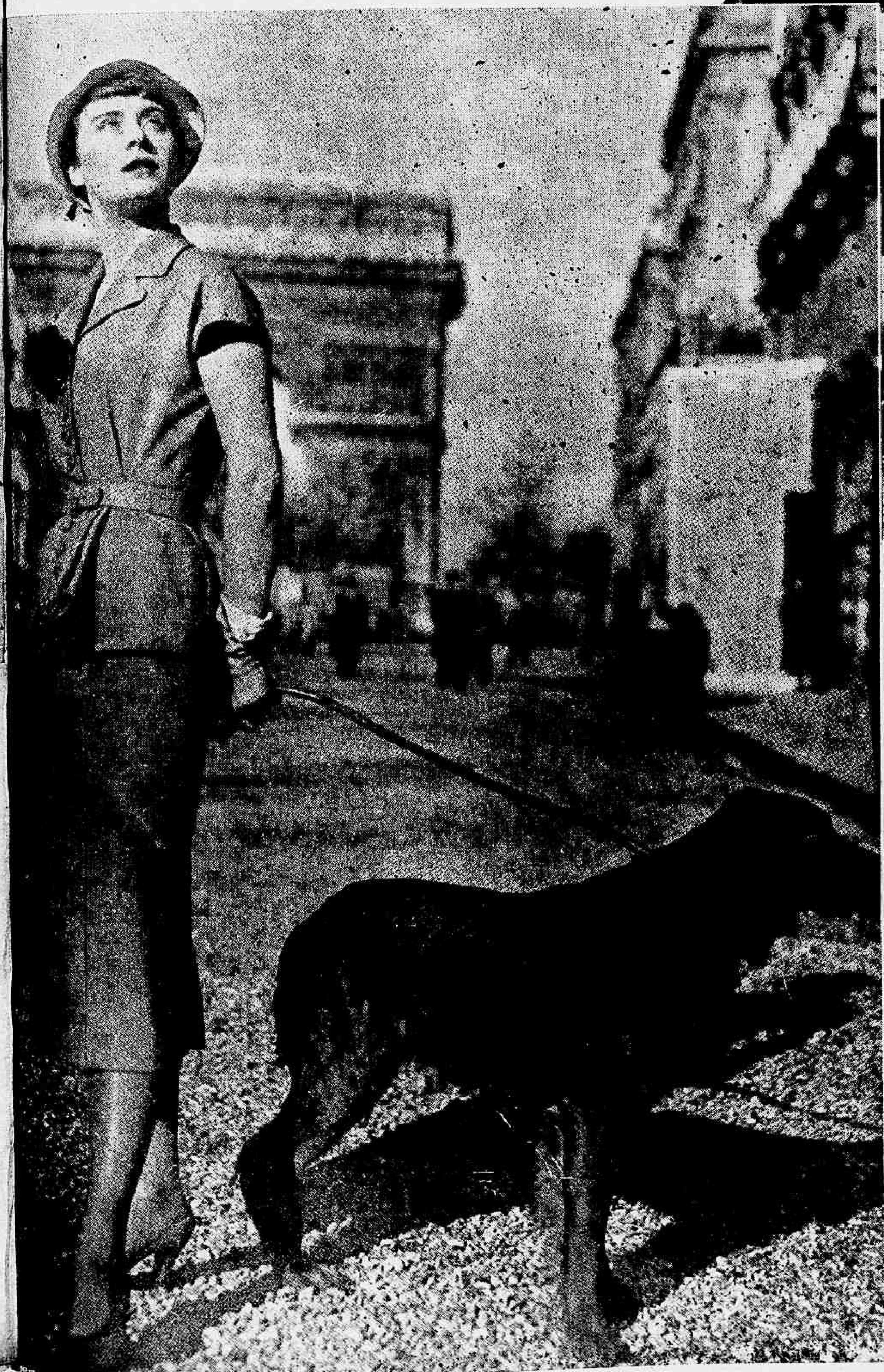
TAFETÁ

ESTÃO em plena moda os tafetás lisos, listrados ou estampados. Aqui estão alguns modelos que apresentam sugestões para êste tecido. Nesta página temos: traje de noite de Maggy Rouff. O corpo tem as listras formando desenhos e a saia possui dois panos enviezados, presos atrás. Costume de Christian Dior, com saia justa transpassada. O casaco também transpassado é um pouco mais comprido atrás que na frente. Êste modêlo pode ser usado com uma capa do mesmo tecido. Para ser usado com um vestido de renda, Jacques Mougin sugere êste casaco godê mais comprido atrás que na frente, formando gomos. Carven nos apresenta mais uma de suas famosas criações neste vestido bem justo abotoado na manga e em baixo na saia. Uma tira do mesmo tecido forma um laço no pescoço.







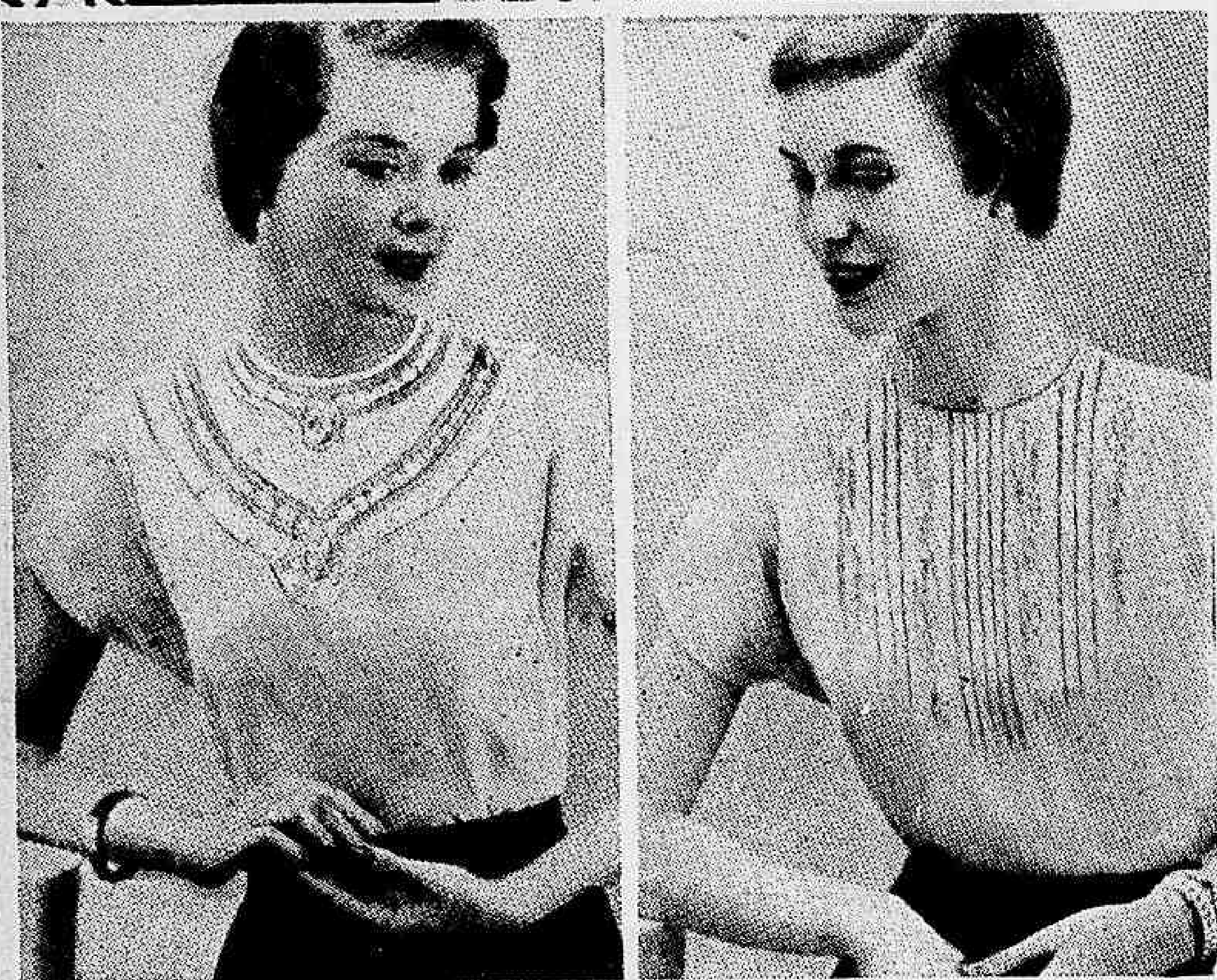


O "TAILLEUR" ESPORTIVO

O costume esporte é de grande utilidade no guarda-roupa feminino, por ser prático para viagens e saídas ligeiras. Vemos aqui, em baixo: modêlo de duas peças em lã fina. Casaco de mangas japonesas, inteiramente abotoado tendo os bolsos embutidos. Prêsa ao cinto, da mesma fazenda, cai uma franja. À direita: casaco bem comprido com mangas três quartos japonesas e largos punhos. Aba arredondada e gola em ponta. Em cima: costume em «ottoman», saia de panos e casaco com mangas franzidas, gola em ponta, finalmente, um «tailleur» em faile prêto. Casaco transpassado com aba godê e bolsos embutidos. A gola e os punhos são em branco.







EM tôdas as épocas do ano as blusas ocupam lugar de destaque no guarda-roupa feminino, principalmente agora que são necessárias para serem usadas com os costumes de Outono. Esta coleção de blusas apesar de simples, por certo agradará, os únicos ornamentos que apresentam são feitos com rendas ou bordados e no entanto tôdas, desde o modêlo esporte à mais trabalhada, possuem muita graça e elegância.





WEEK-END NA

MORANGOS A SOBERANA

500 gr de morango, 250 gr de amoras vermelhas, 2 colheres de sopa de caldo de limão, 200 gr de açúcar, ¼ de copo de água, 6 fôlhas de gelatina, 1 xícara de creme Chantilly.

Amassam-se os morangos crus, passam-se por uma peneira grossa e bate-se uns cinco minutos com o caldo de limão e o açucar. Deixa-se a gelatina uns 10 minutos em um pouco de água fria, derrete-se depois em ¼ de copo de água fervendo, passa-se em um passador fino e juntam-se à massa dos morangos. Arruma-se em um prato, cobre-se com creme Chantilly e deixa-se 1 a 2 horas em geladeira ou lugar bem



frio. Ao servir, enfeita-se com amoras açucaradas.

OVOS E SALADA ITALIANA

Sôbre um prato arruma-se a salada italiana de modo a formar um monte bem alto. Aliza-se êste monte que se cobre com maionese. Tomam-se alguns ovos cozidos que se cortam ao meio no sentido do comprimento e colocam-se os mesmos sôbre a salada. Sôbre cada metade de ôvo, colocam-se 4 rodelas de pepino em conserva. Consegue-se maior efeito com êste prato, se sôbre as rodelas de pepino se esguichar uma cruz de maionese prèviamente colo-



rida de rosa, guarnecendo-se ainda com trufas e alcaparras. Em volta do prato, colocam-se recortes de limão, tomates e salsa. Calculam-se 2 metades de ovos para cada pessoa.

CREME QUEIMADO

1 litro de leite, 200 gr de açúcar, 20 gr de açúcar de baunilha, 6 ovos inteiros e duas gemas, 1 cálice de rum. Ferve-se o leite que se leva ao fogo juntamente com o açúcar, despejando-o em seguida sôbre os ovos batidos, mexendo-se bem. Queimam-se 100 gr de açúcar com o qual se forra uma fôrma liza. Quando êste açúcar estiver frio, enche-se a fôrma com qualquer creme, levando-se ao forno em banho-maria mesmo, sôbre o fogo brando. Depois de gelado, vira-se o creme sôbre um prato.

Observação: A água do banho-maria não deve ferver para evitar que o creme encaroce.

TORTA DE MERENGUES

3/4 de litro de nata, 10 merengues grandes, 80 gr de açúcar e 1 pacotinho de açúcar de baunilha. Bate-se a nata com o açúcar, esparramando-se uma camada de 1 cm de grossura sôbre o prato. Sôbre esta camada, arrumam-se o merengue, de modo que a parte arredondada fique para cima. Sôbre êsses merengues vai outra camada de creme Chantilly, creme êsse, com o qual se contornam os lados da torta, a fim de cobrir totalmente os merengues. O resto da nata serve para, em saquinho apropriado guarnecer a torta.

CEBOLAS RECHEIADAS COM ESPINAFRE

Cozinhe no caldo da sopa 6 cebolas grandes, corte ao meio e ponha de lado 12 combucas grandes e 12 bem pequeninas. Cozinhe uns 4 molhos de espinafre, só as fôlhas, sem água, basta o bafo. Esprema bem, bata com uma faca e leve ao fogo numa caçarola com ½ colher de sopa de manteiga, ½ de farinha de trigo, 2 ou 3 de leite, sal e 1 colher de café de açúcar. Deve ficar delicado mas não mole de mais. Encha com êste creme as combucas de cebolas, arrume numa assadeira, com um pouco de manteiga e na hora de servir, leve por alguns minutos ao forno. Deite as menores sôbre as maiores.

RAGOUT DE CARNEIRO

Tome 2 quilos de peito ou de costelas de carneiro, e parta em pedaços grandes. Leve a tostar em gordura quente com 1 cebola picada. Quando os pedaços estiverem tostados, junte ½ colher de farinha de trigo, volte ao fogo, passe mais um pouco e molhe com 6 xícaras de água. Junte 8 tomates picados ou 1 colher de massa de tomate, 3 cenouras, 1 ramo de cheiro e sal, e leve a cozinhar vagarosamente. Quando a carne estiver bem macia junte 24 cebolas pequeninas, tostadas em ½ colher de manteiga e outra de açúcar, 24 batatinhas cozidas com cascas e depois peladas. Deixe ainda cozinhar em fogo brando, por ½ hora. Retire o môlho, desengordure e torne a juntar a carne. Sirva com arroz sôlto.

ARROZ SÔLTO

Lave 1 k de arroz em muitas águas, e deixe a escorrer numa peneira. Bote numa panela 3 colheres de banha, 1 colher de cebolas bem picadinhas e refogue, sem tostar. Despeje então o arroz, o qual deve deixar fritar bastante se o quiser bem sôlto, mexendo sempre para que não pegue. Se preferir que fique rosado junte tomates sem peles ou 1 colher de massa de tomate. Molhe com água quente, até cobrir o arroz todo. Tempere com sal e leve a ferver. Logo que ferva retire para fogo brando com a panela tapada e quando estiver quase cozido, pode retirar para lugar quente, porque só com o bafo ficará pronto. Antes de tirar para o prato, revolva com o garfo para soltar os grãos. Também nunca

NA COZINHA

deixe cascas de tomates, porque numa cozinha bem feita os temperos não devem aparecer. Se preferir arroz empapado, não o deixe fritar e bote um pouco mais de água.

GELATINA EM PORÇÕES

Deita-se um pouco de geléia fria em forminhas, no centro de cada uma das quais se coloca uma alcaparra, ou um pouco de salsa picada e uma rodela de ovos. Despeja-se mais um pouco de geléia e, sôbre esta, uma fatia de presunto ou qualquer outra carne e acaba-se de encher a fôrma com geléia. Leva-se para gelar e quando gelada, vira-se.

FRITOS DE SEMOLINA

½ k de semolina, ½ a 3/4 de litro de leite, 200 gr de açúcar, 150 gr de passas (sem carôço), sal e manteiga. Deita-se a semolina no leite fervendo, juntando-se-lhe as passas. Deixa-se descansar durante 1 ou 2 horas. Rasga-se então esta massa com um garfo, junta-se sal aos pedaços, que se frigem de todos os lados, em gordura quente. Antes de servir, pulverizam-se com açúcar.

PUDIM DE QUEIJO

100 gr de manteiga, 100 gr de farinha, 300 gr de leite, 5 ovos, 4 colheres de queijo suíço ou 'Chester" cortado em quadradinhos um pouco de queijo do reino. Põe-se a manteiga em uma caçarola e, quando estiver derretida, juntam-se-lhe a farinha, sal e o leite mexendo-se bem. Cozinha-se esta massa até despegar da caçarola. Tira-se do fogo e, quando fria, misturam-se-lhes as gemas, os quadradinhos de queijo, a pimenta e as claras batidas em neve. Deita-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e assa-se em fôrma regular por 20 a 30 minutos.

PANQUECAS DE QUEIJO

Massa de panquecas, ½ k de rigota. Prepara-se uma massa de panquecas com 4 ovos, 2 colheres de farinha, leite e sal. Deita-se a massa de panquecas, à qual se juntou rigota na manteiga quente e, quando começar a ficar consistente, rasga-se a massa com dois garfos, juntando-se-lhe então um pouco de salsa picada.

OVOS FRITOS COM TOUCINHO

Cada ôvo deve ser cuidadosamente frito, conforme a receita básica. Colocam-se em um prato, cobrindo-os com fatias fritas de toucinho defumado.

Modo de preparar: Cozinham-se os ovos durante nove minutos. Colocam-se em água fria e descascam-se. Ou: colocam-se os ovos em água fria que se esquenta até 70° C. Tapa-se a caçarola e deixa-se assim os ovos durante três quartos de hora, tendo-se o cuidado de não deixar ferver a água. Em seguida colocam-se em água fria, a fim de que êles possam ser descascados fàcilmente. Ovos preparados dêste modo não dão a sensação de peso no estômago.

SOUFLE DE BATATAS

Leve ao fogo numa caçarola com água fria, 1 k de batatas descascadas, até ficarem bem macias. Reduza o pirão, junte pouco a pouco, 1 colher de manteiga, 1 pitada de noz-moscada, 2 xícaras de leite (se tiver nata ou creme é ainda melhor), e, por último, 6 claras em neve. Bata ligeiramente e deite num prato de ir ao forno, untado de manteiga. Dê uma forma de cúpula, endireite com uma faca e leve ao forno regular, por uns 25 minutos. Pode juntar 3 colheres de queijo ralado.

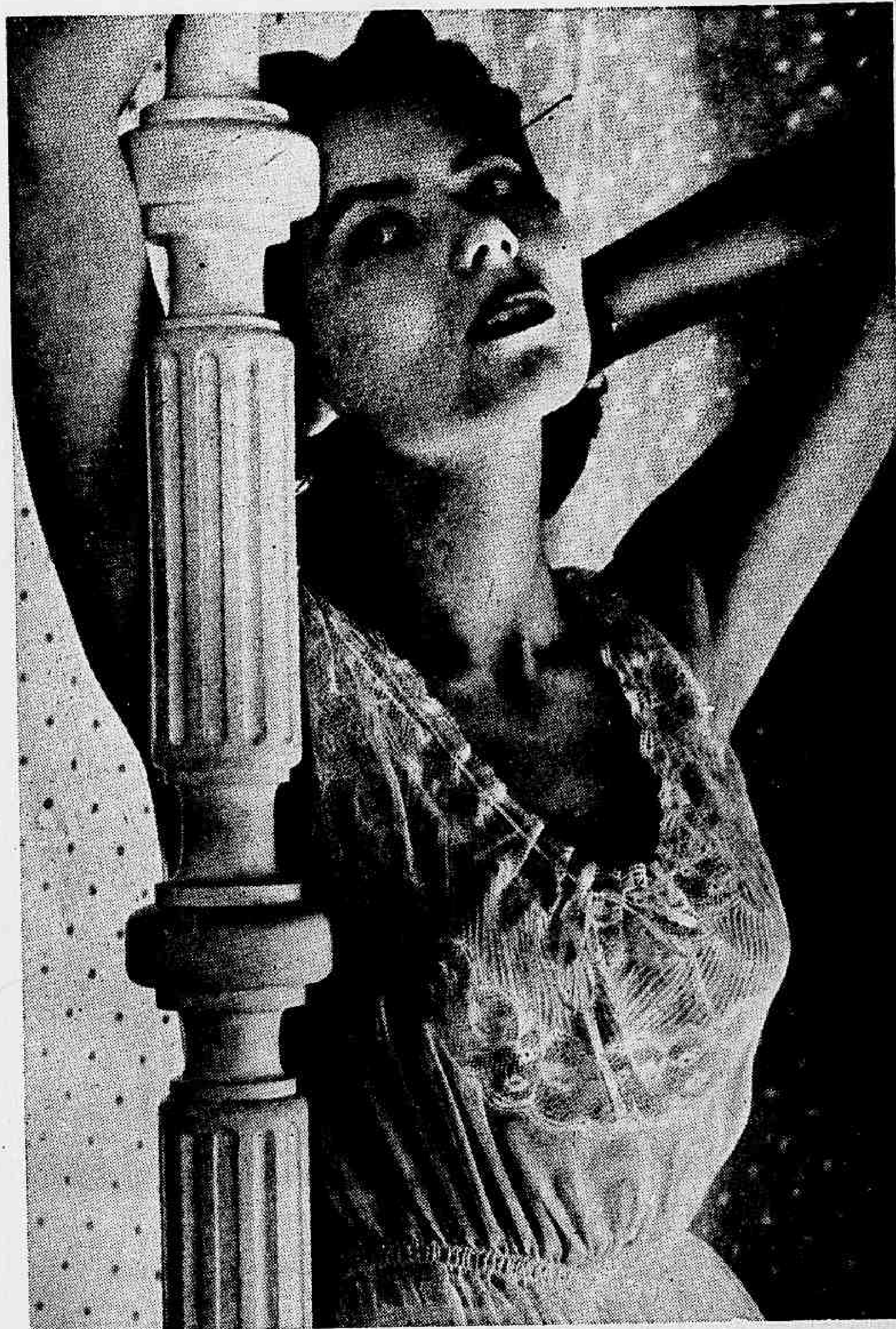
MUQUECAS DE SARDINHAS

Limpe as sardinhas, corte as cabeças e puxe as espinhas pela cauda, lave bem e leve ao fogo numa panela tapada com um bom refogado apimentado. Corte rodelas de fôlhas de bananeiras, passadas no fogo para murcharem, do tamanho da frigideira e vá arrumando uma camada de sardinha, molhe com o môlho coado, polvilhe com farinha de mandioca e cubra com uma rodela de fôlha de bananeira. Repita êste processo até acabarem os ingredientes. Leve a assar no forno e despeje num prato redondo sem retirar as fôlhas, a fim de não desmancharem as camadas. Sirva na molheira um môlho de pimenta malagueta socada com limão e 1 colher de água quente.

OVOS EM PIRAMIDE

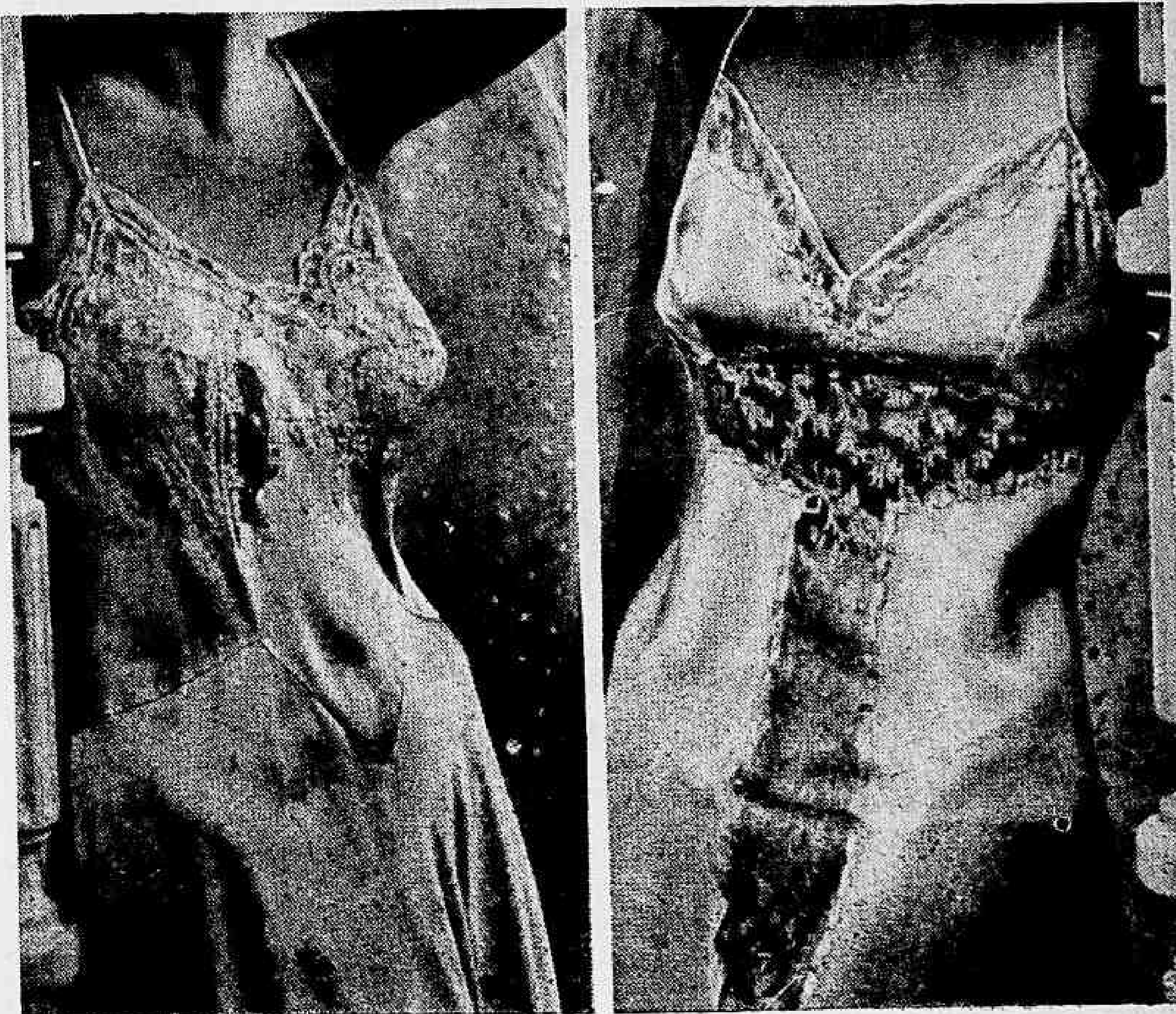
Tome 2 cebolas regulares, picadinhas, deite dentro 1 colher de manteiga bem quente; deixe tomar côr em fogo forte; junte 2 colheres de farinha, deixe alourar para não diluir com 3 xícaras de caldo e 1 cálice de vinho Madeira ou Pôrto. Retire para fogo brando e deixe cozinhar por alguns minutos. Corte 12 ovos cozidos em fatias finas e arrume em pirâmide, em um prato que vá ao forno, untado de manteiga. Dez minutos antes de servir, despeje o môlho por cima; polvilhe com queijo ralado e leve ao forno, apenas para tostar.

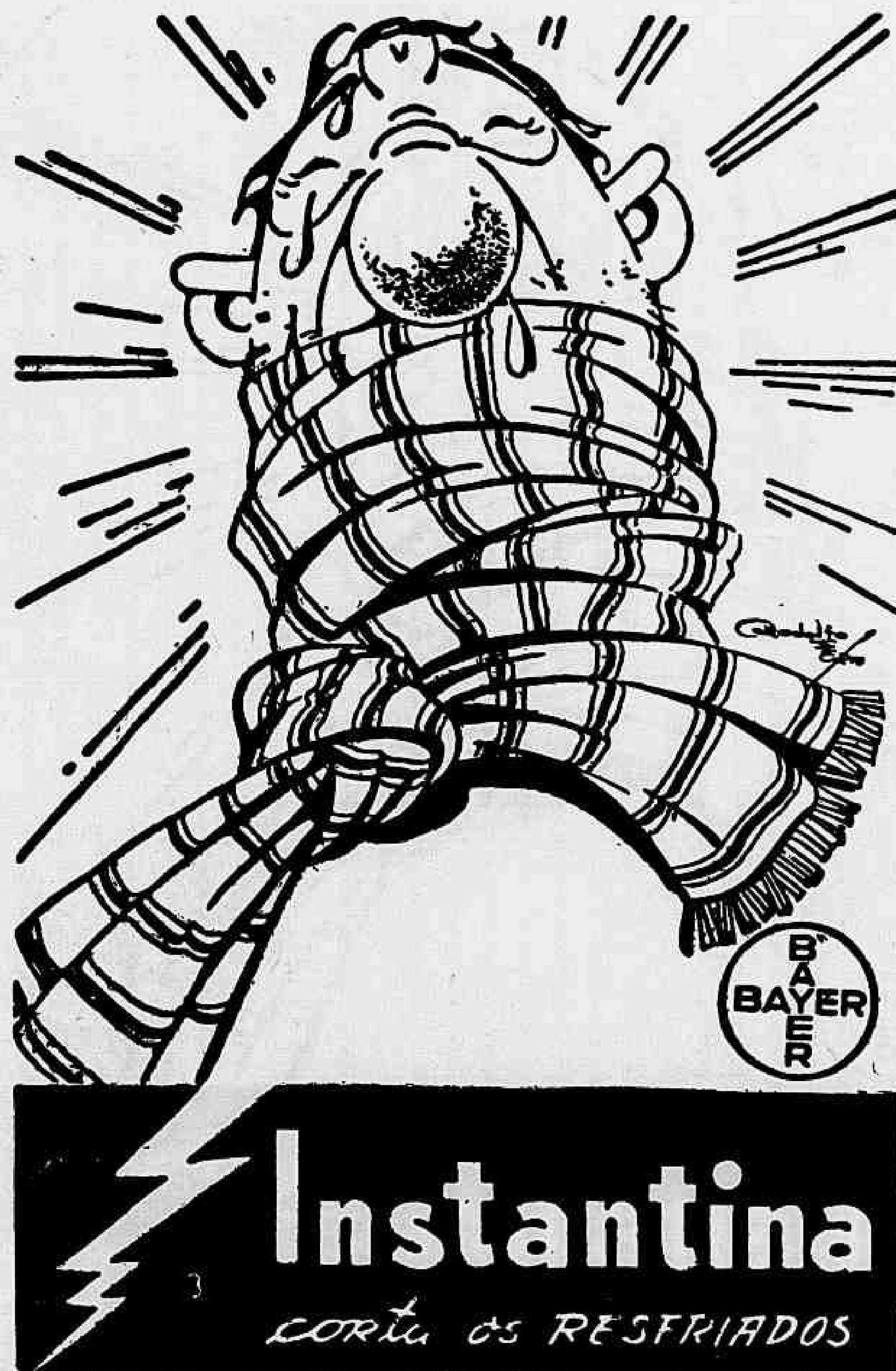




LINGERIE

A elegância não se refere apenas aos trajes de rua, mas também às roupas de interior. Êstes modelos de combinações e camisolas, trabalhados em rendas, possuem graça e proporcionam comodidade. Em cima: linda camisola em gaze. Saia e corpo franzidos. Pala enfeitada com rendas e pequenas pregas, decote redondo. Em baixo: combinação de cetim. Corpo enfeitado de renda, formando a cintura e descendo pela saia. Camisola em sêda rosa, com saia franzida e a cintura trabalhada em pregas. O corpo possui uma pala também com pregas e enfeitada de rendas.









UMA SAMBISTA...

(Cont. da pág. 35)

no entanto, foi devido quase que exclusivamente às suas interpretações típicas, que mereceram os aplausos das melhores platéias. O seu modo de interpretar o samba é extraordinário. Os movimentos de seu corpo são uma sequência de vibrações e de êxtase, ritmo puro do verdadeiro samba. Quando Lily canta "A gasolina já chegou", a conhecida canção popular brasileira, tudo se torna frenético. Os homens se levantam, aplaudem com entusiasmo e voltam tôdas as noites... Dizem que ela não passa de uma perfeita imitadora de Carmen Miranda. Será verdade? Têm a palavra os seus patrícios.

Candidato dos homens...

(Cont. da pág. 24)

cena do Comité e Abdias foi expulso sob a acusação de estar dominando ou absorvendo tudo. E como da outra vez a Convenção extinguiu-se.

O POLITICO E O CANDIDATO ÁS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Já sabemos que é Abdias Nascimento o animador e criador do Teatro Experimental do Negro, diretor da revista "Quilombo", lida nos EE. UU. e Europa, jornalista, autor e ator, líder do movimento em favor de melhores chances aos homens de cor, candidato ao futuro pleito. Os negros que defendem a candidatura de Abdias, antigo crítico de teatro do "Diario Trabalhista" do tempo de Eurico Oliveira, afirmam que querem Abdias por que êste conhece os problemas da sua gente, e dentro das premissas de que "não formam quistos, não pleiteiam direitos de minorias, não pretendem criar problemas ou um sério problema racial no Brasil, que a atual geração negra tem o privilégio de dar um passo mais decisivo, depois da abolição, para que o povo de cor ganhe o sagrado bem da personalidade livre, numa comunidade, dentro de um Brasil prospero e forte, querem por que querem Abdias Nascimento, de sua raça no Parlamento. Falando ao repórter o criador do Teatro Experimental do Negro dissenos que quem contar com o apôio de homens de côr disporá de uma fôrça telurica, incoercivel, decisiva.

— Com fé em Deus e a esperança no meu povo irei para urnas, e, vitorioso, saberei honrar meu mandato colaborando eficiente e conscientemente pela solução dos problemas inadiáveis do meu país.

— E o Teatro Experimental do Negro?

— O Teatro continua. A política não matará a arte que vem do povo. Até lá, muito bons dias, amigos!

O MONSTRO DA CASA

(*Cont. do número anterior*)

— E você não vai me dizer nada sôbre isso, querida?

Vim à tona:

— Não posso me esquecer de seu irmão, Haroldo. Aquela cena me deixou muito impressionada. De qualquer forma, você devia ter me falado sôbre êle.

O carro rodava ao longo da praia. O mar era belíssimo nesse entardecer de verão. Muito belo e muito triste. Recostei a cabeça no encôsto do banco. Havia alguma coisa errada que eu não podia atingir plenamente. Haroldo se furtava a maiores explicações. Percebendo minha inquietação, simulava desapêgo ou naturalidade:

— Não se preocupe por causa disso, Lavinia. Henrique faz sempre questão de ser indesejável. Isso porque nunca me perdoou ter eu nascido perfeito, enquanto êle é todo deformado.

Surpreendi-me:

— E você nunca tentou dissuadi-lo dêsse complexo? Nunca se aproximou dêle procurando ser seu amigo?

Fêz um gesto vago:

— Henrique é assim por natureza, um caso patológico, a meu ver. Nada adianta insistir.

Calei-me. Não porque concordasse com êle, até pelo contrário. Intimamente eu tinha convicção de que Henrique era mentalmente tão perfeito quanto qualquer pessoa da casa. E bem depressa eu iria me inteirar da verdade...

Haroldo me conhecera numa de suas viagens de negócios ao Rio Grande. Nosso romance *fôra* breve e decisivo. E como êle precisasse retornar logo ao Rio, onde os afazeres lhe reclamavam a presença, ins-

CORREIO DA REVISTA

Alayde Miguel de Souza — Amparo — São Paulo — Aguarde a remessa pelo Correio. Muitas felicidades.

Haydée — Rio — Recebemos o seu conto «Para uma vida nova». Vamos lê-lo e julgá-lo. Será prazer inscreve-la entre nossos colaboradores. Aguarde.

O. D. Junqueira — Rio — «Noite de São João» vai ser julgado.

Aluísio Silva e Ramos — Rio — Muito justa a sugestão que nos manda. Vamos estudar o assunto.

Glória Lameirão — São Paulo — Sua carta foi entregue à Gerência.

Waldemar I. Fernandes — Piracicaba — Recebido o seu conto «Dona Andreza». Aguarde o julgamento.

José de Oliveira Nunes — Rio — O amigo tem razão. E' para desanimar. Entretanto, são incontáveis as pessoas no mesmo caso. Contudo, sempre resta uma esperança. «O ponto luminoso» foi aprovado em 19 de julho p.p. Sua alegria, portanto, já deve estar próxima. «Maria Clara» está na ponta da fila. Coragem!

V. S. — Cuiabá — «Caminhos Opostos» e «Na estrada de Canaan» foram recusados a 20 de março e a 23 de junho, respectivamente.

G. M. — São Paulo — Não houve meio para aproveitar o seu «A dor de uma saudade». O estilo não ajudou.

C. B. de P. — Belo Horizonte — Procure melhorar seu português e tornar mais conciso o estilo. O amigo tem imaginação; mas não é tudo.

M. M. V. — Salvador — Não chegou ainda ao nosso poder. Se tiver cópia, mande.

C. D. — Curitiba — Não enche seus contos com tudo quanto há de figuras de retórica. Um estilo bem vivo, com suas metáforas, comparações, etc., é agradável; mas, como sucede com o tempêro de um prato, tudo deve ser na medida do aceitável.

Mlle. X — Pôrto Alegre — Para ser-se escritor não é preciso apenas conhecer os bons padrões literários daqui ou de fora. Muitas vêzes o ecletismo de leituras leva à imitação, com prejuízo da personalidade. Podemos usar a técnica de determinado autor; mas imitá-lo... conscientemente, isso pode redundar em plágio. E' preferível começar do simples para o compôsto, sem vôos de altitude e longitude. A natureza não dá saltos. Salvo no caso do congelamento da água...

T. W. (Rio) — "Jamile não pôde ser aceito. Seu conteúdo se prestaria a publicação livre.

M. S. Barradas (Vitória, E Santo) — Queira ler, por obséquio, o anúncio permanente, nesta Revista, sôbre condições de aceitação de contos.

A. M. (Santa Maria de Campos, E do Rio) — Não foi aproveitado "Justiça Tardia". A narração está fora dos moldes literários, parecendo mais folhetim panfletário.

Dorothy Rodrigues (São Paulo) — Muito curtinho o seu "Reminiscências".

Maria da Graça Medeiros (Rio) — Mandenos um outro maior do que o seu "Myriam". Tenha a bondade de ler as condições para a aceitação de contos.

H. L. (Rio) — Recusado o conto "Mês de Férias". Muitos lapsos de português. O mesmo sucedeu com "Lágrimas Consoladoras". Mas não desanime. Prossiga.

N. B. C. (Belo Horizonte) — Seu "Desbravando o Sertão" poderia ter sido aprovado se não fôsse o estilo muito repisado. Procure tornar-se mais conciso.

J. L. de C. (Belo Horizonte) — Muito cheio de vulgaridade o seu "Gato Abençoado".

I. B. de C. (Rio) — Não houve jeito para "Luiza". Escreva-nos outro conto. Vemos que possui imaginação. O que lhe falta é estilo mais apropriado a êsse gênero literário. Evite as vulgaridades dos principiantes.

Ribamar Galiza (Caxias, Maranhão) — Foi aprovado o seu "Almas Torturadas".

T. J. (Rio) — Não foi aproveitado o seu conto "Dois olhos fosforescentes". Melhore o português e volte.

E. F. L. (Rio) — Muito curto o seu "O Grande Sino".

B. D. (Rio) — "ódio" não conseguiu passar.

O. M. S. (São Paulo) — "Aconteceu nas férias" está muito escolar.

J. F. R. (Rio) — "O último S. João" não pôde ser aproveitado. O estilo é monótono e a linguagem apresenta falhas.

MÚSICA

UM FAUSTO INFAUSTO

ROBERTO LIRA FILHO

A inauguração da Temporada Lírica pode ser descrita, sem injustiça com aquêle provecto chavão dos repórteres de polícia: um infausto acontecimento. As trombêtas da pulicidade haviam criado uma expectativa, abonada pelos prestigiosos nomes de Tullio Serafin, regente, e Rossi Lemeni, um baixo de considerável experiência em matéria de encarnar o Diabo, já tendo, ano passado, conseguido expressivo sucesso, metido na pele de Mefistófeles (versão de Boito). Paulo Fortes, em destaque, no elenco, era outra recomendação. Mas, apesar de tudo, o Fausto de Gounod, tal como nô-lo apresentou a companhia em atividade no Municipal, constituiu, sem dúvida, aquêle infausto acontecimento, aquela tragédia artística a que nos referimos.

O FAUSTO INFAUSTO

De acôrdo com libreto da ópera, Valentim, interpretado pelo barítono Paulo Fortes, morre, vítima de um golpe desleal do demônio. E a história não consigna desfecho mais animador, no caso de Fausto, papel distribuído ao ternor Tagliavini. O imprudente doutor continua sob o domínio de Satã quando desce a cortina, após o último ato. Para Satanaz, então, nem se cogita de salvamento. Sòmente Margarida encontra o caminho da redenção. Sobe aos céus, na apoteose final, metida em uniforme de anjo, com asas e halo de luz a iluminar-lhe a cabeça erguida. Sob o ponto de vista artístico, entretanto, o desempenho dos cantores desobedeceu às determinações do enrêdo: Todos se salvaram, menos Margarida... Paulo Fortes, hesitante de início, recuperou a boa forma logo após transformando num triunfo a cena da morte de Valentim. Tagliavini, conquanto longe de sua habitual desenvoltura, deu boas amostras dos seus doces pianíssimos, revelando apenas, que a tessitura do papel é um pouco pesada para sua voz de tenor lírico. Mas não comprometeu o conjunto. Quanto a Rossi Lemeni, é indiscutível que venceu pelo esplendor vocal, acrescentando, ainda uma concepção cênica do papel coerente e equilibrada, apesar de ter traçado o seu Mefistófeles em linhas, a nossa ver, exageradamente cômicas, quebrando a solenidade. com um ar travêsso, próprio de "ópera buffa", sobretudo na cena do jardim. De qualquer forma, exibiu, para encantamento do público, o poderoso volume, o timbre aveludado e a plasticidade de sua voz, atingindo, na cínica serenata do quarto ato (aliás, bisada), o ponto mais alto de sua intervenção. Não queremos esquecer, aqui, a elegância de Irmgard Muller — vocal e cênicamente segura e graciosa.

A CONDENAÇÃO DE MARGARIDA

Porém, se houve um número tão elevado de aspectos louváveis, na récita, onde o fracasso? Quem transformou o Fausto em infausto acontecimento?

Devendo atravessar os transes mais cruéis da história para atingir, no fim, "bom pôrto e salvamento" — como diria o velho Camões — Onelia Fineschi perturbou, irremediàvelmente, o conjunto. De sua voz, pouco se poderá dizer, porque uma inibição quase completa fê-la desaparecer justamente quando mais necessitava dela a cantora. Mal conseguimos ouvi-la — e antes ela se tivesse tornado inteiramente inaudível, porque a voz, assim, hesitante. trêmula, opaca, só conseguiu provocar constrangimento. Se alguma indisposição inesperada a perturbava, por que a sra. Fineschi não se recusou a cantar? Os companheiros de elenco de Onelia Fineschi. apesar de nobres esforços — em alguns casos, como vimos, bem sucedidos — não conseguiram quebrar a frieza do público desapontado.

Sugerimos que, antes de reaparecer perante a nossa platéia, Onelia Fineschi envie aos jornais um anúncio:

Procura-se uma voz de soprano...

E a propósito, que saudade de Araci Campos, que teve no mesmo papel durante a temporada nacional, um desempenho tão satisfatório!...

tou comigo para que viesse oportunamente conhecer sua família. Só então oficializaríamos o noivado. Assim, aproveitando a vinda de papai a uma conferência industrial em Araxá, eu conseguira que trouxesse-me até o Rio, onde me quedaria esperando por êle. Isso porque, não pensávamos que sua estada fôsse ultrapassar o prazo estipulado. Porém, naquela tarde, voltando ao hotel, recebi um aviso de papai pedindo que fôsse ter com êle, visto só poder se liberar dentro de três ou quatro dias e não lhe agradar a minha estada sem êle em hotel. Mas Haroldo achou mais acertado que eu me transladasse para a casa de sua família, aguardando entre êles a volta do velho. De formas que passei uma carta telegráfica para papai explicando-lhe a idéia de meu noivo.

Minhas futuras cunhadas se mostraram contentíssimas ao tomarem conhecimento daquela inesperada resolução. Começaram logo a fazer planos de me mostrar a cidade, organizando uma lista de atrações para nós. Tomando conhecimento, Haroldo manifestou-se desfavoràvelmente:

— Não creio que fique bem Lavinia andar por aí em passeios, durante a ausência do pai. Ademais, ela precisa descansar, preparar-se para duas viagens simultâneas: essa de ida, e outra imediatamente de volta.

E ante o nosso espanto:

— Sim, porque, naturalmente, pretendo casar-me o mais depressa possível.

Achei um tanto descabidas e fora de propósito aquelas palavras, uma vez que em suas decisões nem sequer me tivesse consultado. E minhas dúvidas começaram por aí.

Conforme Haroldo dissera, a direção da fábrica mantinha-o constantemente afastado de casa. E embora Corália insistisse para que realizássemos às escondidas os passeios planejados durante a ausência dêle, eu me excusei, dado ao meu espírito de justiça e à minha sinceridade.

Assim, na manhã seguinte preferi a biblioteca à qualquer folguedo. E fiquei deslumbrada, quando, logo ao entrar, dei com os olhos numa tela magnífica, representando um gafanhoto numa ilusão de colorido fantástico. Voltei-me para Doralice, que me seguia:

— De onde saiu essa estranha pintura?

— Horrível, não? Extravagante mesmo... Haroldo a detesta. O velho é que a trouxe p'ra biblioteca, não porque goste, mas para evitar maiores confusões...

— Pois a mim essa tela agrada tanto que me dá uma impressão formidável do artista.

À gargalhada de Doralice, tia Raquel surgiu à porta da sala contígua: — Essa sua risada é inoportuna e imprópria mesmo, Doralice. Lavinia nada mais fêz do que reafirmar a minha opinião sôbre o talento do Henrique.

Henrique? Então aquela criatura singular era êsse gênio inconfundível? Não sei por que, aquilo me fêz um bem infinito e eu me senti sùbitamente feliz. Tia Raquel contava agora:

— Desde pequeno que Henrique tem mostrado grande pendor pela pintura e eu tenho procurado estimular-lhe o interêsse e a vocação. Todos me reprovaram aqui em casa. Até agora ainda me acusam de ter alimentado idéias perniciosas na cabeça do rapaz. Dizem que por isso êle hoje não dá para o trabalho. Você sabe, o sonho do velho era que ambos os filhos o sucedessem na fábrica...

Eu me entusiasmava tanto que ela me contou de outras telas guardadas lá em cima, no quarto de costura da falecida:

— Outra hora eu subo com você e lhe mostro. Agora tenho que dar umas ordens por aí...

Suas palavras ficaram comigo pelo resto do dia. Ao almôço não vi Henrique conforme esperava para falar-lhe das minhas impressões sôbre a sua arte magnífica. E por isso tive que suportar a conversa enfadonha do velho com Haroldo sôbre assuntos puramente comerciais.

Foi só à tarde que, olhando da janela do quarto de hóspede, adivinhei Henrique em baixo à sombra das altas árvores. cavalete montado, pincel em punho, atarefadíssimo. E ainda hoje não me arrependo do meu impulso de ir até êle, embora o que se tenha passado entre nós só me tivesse deixado lembranças desagradáveis...

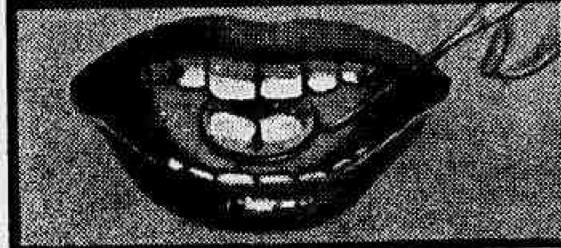
★

Eu me acercara de mansinho por trás do seu banco, atenta para as pinceladas magistrais, quando sùbitamente êle se voltou

Sorriso que irradia saúde é o da KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES!

Somente KOLYNOS as combate DESTES 3 MODOS

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-504

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên-cias 10 gr. Cr$	Extra-tos 50 gr. Cr$	Lo-ções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

de senho franzido e ficou a olhar-me sem dizer nada. Sorri-lhe:

— Eu o estava observando lá da janela. Não pude deixar de vir apreciá-lo em seu momento criador...

A pergunta foi áspera:

— E quem a informou a meu respeito?

— Eu que descobri um de seus quadros na biblioteca e me interessei em conhecer o artista. Então tia Raquel me falou longo tempo em seu talento.

Aquêle sorriso que eu conhecera na véspera, veio entortar-lhe diabòlicamente a bôca.

— Ah! Então foi isso... Pois saiba que tanto tia Raquel como você estão enganadas. Meus quadros nada valem como arte e eu mesmo estou longe de ser algum gênio. Até pelo contrário, não passo de uma criatura medíocre que, vítima da minha trágica mediocridade, inventa distrações idiotas como essa.

Dei a volta ao seu banquinho e fui me postar do lado do cavalete: — Você mesmo não acredita no que diz. Êsse seu modo ríspido nada mais é do que o revestimento falso de uma alma secretamente impregnada do sublime. Compreendi isso na serena expressão de beleza do seu gafanhoto. Só um artista muito inspirado teria encontrado num inseto tão insignificante, motivo para a realização daquela tela.

Largou pincel, largou tudo, e se ergueu direito a mim: — Lavínia, cuidado, não rebusque têrmos que não lhe cabem. Não posso acreditar na sinceridade de uma mulher que não hesita em dar seu coração a um homem perverso, cínico e equívoco como meu irmão... gêmeo, por ironia da sorte...

Não recuei ante a sua investida, mantendo-me em perfeita calma: — Henrique, creio que você é vítima de uma séria psicose. Do contrário não teria explicação essa sua intransigência obstinada. Se você procurasse aceitar por um raciocínio correto, a falta de culpa de Haroldo ao nascer perfeito, e se aprendesse a não se julgar o monstrengo que se julga...

Pensei que êle fôsse me esbofetear, tal a fúria com que me gritou: — Chega, Lavínia, você está ultrapassando os limites. Saiba que detesto intromissões em minha vida, ainda mais por parte de criaturas que se julgam muito psicólogas como você!

Então, sùbitamente, me senti sacudir por um forte desejo de reação. Fui expontânea:

— Seu tonto! Estou vendo que insiste nessa cegueira idiota só por capricho! Vendo-o tão mais forte, com êsse físico de atleta, mais bem proporcionado do que Haroldo, julguei que fôsse um homem de verdade e que soubesse encarar de frente o seu complexo, tendo fôrças para se impor sôbre tôdas as inibições irrisórias! Mas em vez disso encontro um teimoso recalcado, vítima de suas próprias fobias! Francamente, você que tanto me atraiu e encantou por uma masculinidade e seu talento, como homem e como gênio, acaba de me decepcionar fragorosamente!

E, dando-lhe as costas, deixei o jardim a correr.

★

Teria sido eu mesma quem dissera tudo aquilo? Olhei da janela o dia amanhecendo chuvoso e triste a lembrar manhãs de inverno da minha terra, e me senti contagiada daquela melancolia. Andei pelo silêncio da casa, cuidando de não ferir com nenhum ruído aquêle reconhecimento. Não sei que fôrça oculta me induziu a entrar na biblioteca àquela hora de sonos soltos e aconchêgo. O certo é que fui abrir a porta no momento exato em que Henrique despregava o quadro da parede. E me surpreendi da maneira diferente com que se voltou para mim, tranquilo e repousado. Simulei ironia:

— Pelo que vejo, decidiu furtar o quadro a olhares profanos...

Pareceu sofrer o seu sorriso torto:

— Embora lhe pareça estranho, meu desejo é fazer presente dêste quadro a você. Talvez assim possa me descupar um pouco de tôdas as minhas grosserias...

Tais palavras, inesperadas nêle, me tocaram tão profundamente, que já eu estava me sensibilizando. E êle:

— Jamais alguém procurou me compreender como você, Lavínia. Nem minha tia, que se mostrou interessada nos meus trabalhos, teve coragem de se aproximar assim de mim, chamando-me à razão de forma tão positiva quanto sutil. Na hora, confesso, suas palavras me feriram profundamente, me fizeram passar um mau pedaço. Mas, depois, pesando, medindo de frente a situação, consegui chamar à ordem o meu autodomínio, e me surpreendi inesperadamente capaz de reagir a todos impulsos negativos. A franqueza, empregada como você a empregou, no sentido construtor, pode fazer milagres, atraindo à tona, graças que estavam escondidas, aguardando ùnicamente uma brecha favorável no espírito humano para se projetarem em avalanche de luzes.

Mirei-o encantada com aquela renovação miraculosa. Quanta ponderação em suas palavras, quanta calma, que terna sensação de beatitude e equilíbrio êle me inspirava agora! Estendi-lhe a mão emocionada:

— Creia, Henrique, suas palavras acabam de me trazer muita alegria. Aceite a minha eterna gratidão por êsse momento de felicidade.

E, enquanto êle sumia com a minha mão entre as suas mãos grandes, dizendo que todos os agradecimentos era êle quem me devia, expressei-lhe o meu desejo de vê-lo reconciliado com Haroldo. Libertou-me imediatamente à sua ternura:

— Não se prevaleça do momento, Lavínia. Para que isso acontecesse era preciso que não só eu me modificasse, mas êle, principalmente êle...

— Bem, Henrique isso vale já como uma esperança...

E, olhando a tela que repousava sôbre a escrivaninha, falei sorrindo: — Hei de adorar êsse gafanhoto pelo resto da vida...

Então seus olhos adquiriram um brilho estranho:

— Às vêzes vale mais a pena ser apenas um simples gafanhoto...

★

Aquela manhã de chuva passei-a tôda em alvorôço. Esperava que Haroldo se congratulasse comigo pela renovação de seu irmão, e se mostrasse compreensivo em face das circunstâncias. Porém, minha decepção foi enorme quando o vi encolerizado afastar o quadro de sua frente e exclamando: — Você fêz muito mal, Lavínia, em estimular êsse vício em meu irmão. Henrique foi sempre um desatinado, e essa mania de pintura não passa de um reles pretexto para justificar a sua falta de senso de responsabilidade.

Eu estava perplexa:

— Nunca o julguei tão injusto e orgulhoso, Haroldo. Na minha opinião, seu irmão é um verdadeiro talento... E você não ignora a iniciação que tive em pintura com meu tio Artur, que é um virtuose do pincel, estando, portanto, apta para julgar as possibilidades artísticas de Henrique.

Nem assim se abrandou:

— Não duvido da sua idoneidade, mas advirto-a de que em nada me pode agradar essa sua intromissão em assuntos de família. Saiba que para mim, Henrique foi, é, e será nesta casa um inútil que nada faz para merecer o patrimônio que lhe caberá por herança. Portanto, não passa de um ser abjeto, repulsivo, monstruoso mesmo, na sua deformação física e moral.

Desta vez fui eu que me enfurecí:

— Que deformação? Só porque tem uma perna um pouco mais curta e suas feições não são tão bem delineadas como as suas, Haroldo? Pois saiba que neste momento eu acabo de conhecer o verdadeiro monstro desta casa. A criatura vazia de sentimento, malvada, egoísta, perversa, sem nenhuma elevação de espírito que é você, Haroldo.

— Lavínia!

Apertou-me os pulsos, libertei-me num arranco:

— Solte-me. Você não é um homem, é apenas uma forma de vida.

Saquei a aliança, joguei-a sôbre a mesinha e só então, ao me voltar, dei com uma assistência assombrada à porta da saleta. Antes que viessem a si da surprêsa, falei positiva:

— Considerem desfeito o compromisso.

E subi correndo a escada para o quarto.

Tia Raquel e Doralice vieram ter comigo, aconselhando:

— Não faça isso, Lavínia. Haroldo é doido por você. Êle estava enciumado por causa de Henrique...

Eu já me decidira:

— Depois do que eu lhe disse, seria irrisório um entendimento entre nós. Eu jamais seria feliz ao lado de um homem que não compreenda a vida como eu compreendo, e cujos pontos de vista sejam tão diferentes dos meus.

Doralice veio com argumentos fraquíssimos; falou no bem-estar reservado a seu lado. E concluiu:

— Muitas invejariam a sua sorte, minha querida. Haroldo é um excelente rapaz, e, não é por ser meu irmão, mas você está pondo fora um casamentão, filha.

Tratei de arranjar as minhas coisas:

— Para mim, nada disso tem valor sem afinidade de sentimento, mútua compreensão e respeito...

— Ora, filha, você não é nada prática. Eu, no seu lugar, reconsideraria...

E a um sinal de tia Raquel, tratou de sair, deixando-nos a sós. Então, contràriamente ao sermão que eu aguardava, ouvi palavras muito mansas:

— Ontem eu prometi mostrar-lhe os quadros de Henrique, não foi mesmo, Lavínia? Pois agora, estou certa de que ninguém saberá apreciá-los mais condignamente do que você.

Já afastava uma estante, abrindo a porta de comunicação que nos levou ao quarto prometido. Então, sùbitamente, a visão daquelas telas magníficas, tocando assim de perto o maravilhoso espírito que regeu o impulso criador de Henrique, compreendi os motivos secretos que me haviam induzido a defendê-lo tão calorosamente...

★

Apesar de instarem comigo para que eu ficasse em casa de Haroldo mais aquêle dia, teimei em retornar ao Hotel. E foi lá que meu pai me encontrou, mostrando-se bastante apreensivo quando lhe narrei os acontecimentos.

— Preciso ir à casa de Haroldo justificar você perante a família dêle, Lavínia.

Consenti:

— Como quiser, papai. Eu já me justifiquei plenamente. No entanto, como todos se mostraram muito gentis para conosco, é natural que você retribua as atenções, renovando seus protestos de amizade e consideração. Quanto a mim, ficarei arrumando as malas... Não conte comigo.

Meu pai apanhou o chapéu:

— Está bem. Você sabe o que faz, minha filha. Sei que sempre agiu seguindo os ditames de sua consciência.

Mais tarde, quando voltou, vinha com um brilho novo no olhar:

— Estive conversando longo tempo com D. Raquel. Ela adora você. Aliás, você parece ter deixado ótima impressão em todos, apesar dos pesares...

E logo mandou que eu fôsse descendo, enquanto êle tratava da bagagem:

— Espere-me no saguão, ao lado daquele vaso de folhagem. E saiba, minha filha... qualquer que seja a sua decisão, lembre-se que pode contar com o apoio de seu pai...

Intrigada, apanhei o capote e desci. Só então, ao saltar do elevador, já em baixo, foi que compreendi o significado das suas palavras. Ao pé do grande vaso de folhagens estava Henrique, sorrindo aquêle seu sorriso assimétrico. Mas a expressão de seus olhos era tão repousadamente feliz e se transmitia a tôda a fisionomia dando-lhe um toque tão simpático ao repuxado da bôca, que corri para êle contagiada da sua ternura. E, como se já fôssemos velhos namorados, como se já nos tivéssemos confessado amor muitas e muitas vêzes, êle me disse firme, as mãos fortes retendo as minhas trêmulas e frias:

— Você sabe que irei buscá-la oportunamente, não é verdade, meu anjo?

Emocionada e feliz, respondi com segurança:

— Sei, Henrique... E eu estarei esperando... querido...

A DAMA DE VERDE

(Cont. da pág. 22)

lheiro rotundo, bem apessoado, tipo acabado de gozador da vida. Alegrou-se ao ver-me e, com sinais quase imperceptíveis, deu-me a entender que esperava a minha visita.

Dessa vez fiz-lhe a vontade. Procurei-a em seu luxuoso apartamento, no Flamengo. Constatei, nessa ocasião que a passagem dos anos já tinha deixado sinais inequívocos em suas feições, belas não obstante tudo.

Saí de seu apartamento altas horas da noite, trazendo no coração um mal-estar inexplicável e nos lábios o sabor de seus beijos.

Voltei uma, duas vêzes. Certa noite, noite

fria e chuvosa, estava molemente recostado em macia poltrona enquanto Sônia passava e repassava o pente pelos finos e sedosos cabelos; até que, quebrando o rumor da chuva que tamborilava nos vidros da janela, perguntou-me ela:

— Valter, como é afinal o teu nome todo? De onde és e...

— Queres saber o meu nome por extenso? — disse-lhe eu, interrompendo-a, em tom de gracêjo. — Chamo-me Valter de Sousa Gomes, filho de Paulo de Sousa Gomes e de ...

Não pude continuar. Estranha palidez espalhou-se em seu rosto... E aquela palidez, vista através do espêlho, fêz-me cair a venda dos olhos. Por duas vêzes já me fôra dado contemplar aquêle rosto pálido, intensamente pálido.

Sônia, a Dama de Verde, percebeu que algo de estranho se passava em minha mente, e não procurou tergiversar.

Quanto a mim nada lhe disse. Enquanto me aprontava para sair, a Dama de Verde falava, procurando justificar-se perante mim. o filho da sua vitima.

— Eu e teu pai sempre nos quisemos bem, desde garotos. E se não nos casamos, foi por leviandade minha; pois deixei-me fascinar pela riqueza e ostentação que teu pai não me poderia proporcionar. casando-me com um rico negociante. Bem cedo me arrependi do mau passo dado: mas já era tarde. Nada mais era possivel fazer. Teu pai, por sua vez, tinha-se casado algum tempo depois... e a vida continuou.

Mas estava escrito que nossos destinos se cruzariam ainda, um dia. Meu marido foi vitimado por violenta e fulminante apoplexia, deixando-me viúva e dona de invejável fortuna.

Para que mentir? Não esperei muito tempo para por todos os meios, empregando os mais sutis subterfúgios, encontrar-me com teu pai. Finalmente, consegui, simulando a mais inocente casualidade, encontrá-lo num consultório médico, onde êle ia, às quintas-feiras. Nada há que u'a mulher não alcance quando, apaixonadamente, luta por seu objetivo. Custei a reaver o amor de teu pai. Até que cometi a inqualificável insensatez de procurá-lo em seu próprio lar. Ainda hoje, pergunto a mim mesmo por que procedi de tal maneira, tão levianamente. Os frutos colhidos naquela visita foram o naufrágio e a morte do nosso amor. Como lamentei o que aconteceu à tua pobre mãe! Como sofri por vocês, por teu pai, por mim mesma e por meu perdido amor!

— Basta!... — gritei-lhe eu, enojado; sentindo que aquela longa explicação não tinha fim.

Eu já estava pronto para sair. Nada mais lhe disse, nada lhe respondi. Tomei o chapéu e, em passos vacilantes, dirigi-me para a porta, a caminho da noite fria e chuvosa.

— Tens coragem de sair com uma noite destas?!... — disse-me. — Espera que a chuva cesse.

Não dei ouvidos ao seu conselho; não atendi à sua súplica e afundei-me na fauce hiante da noite, nauseado e insatisfeito comigo mesmo.

Afastei-me, então de tudo que pudesse fornecer oportunidade de novamente encontrar-me com a Dama de Verde. Tornou a sumir de minha vida. Desapareceu na vida trepidante e absorvente da nossa encantadora metrópole. Por minha parte, terminei o meu curso de Direito e, empolgado pelos trabalhos iniciais de minha nova profissão, não via o tempo deslizar.

Algum tempo depois estalou a segunda guerra mundial, envolvendo o Brasil, que se viu compelido a nela tomar parte, enviando logo após as primeiras fôrças, que combateriam em terras da Itália.

Convocado para seguir em defesa da Pátria, segui no segundo escalão, com as tropas do Regimento Sampaio.

Tive a honra e glória de combater em Monte Castelo, onde recebi o batismo de sangue, com um ferimento leve num braço. Infelizmente, não me acompanhou a mesma benfazeja sorte em Montese. Em ousada sortida para procedermos a um reconhecimento, tivemos a desdita de sermos surpreendidos pelo fogo inimigo. Procediamos, em ordem, a retirada, quando senti forte impacto na cabeça... e perdi os sentidos.

Muitos dias transcorreram antes que o meu estado fôsse considerado animador. O ferimento na cabeça fôra bastante sério, digamos melhor: sumamente grave. Um estilhaço de granada ferira-me, levemente, o supercilio esquerdo, o que obrigou a me vendarem os olhos.

Além dos socorros médicos tinha o confôrto da Religião Católica, na visita diária do Padre Capelão, D Anselmo.

Aprazia-me, entretanto, ouvir a sua voz carinhosa e cativante, que trazia um suave refrigério à minha cegueira. Estabeleciamos longos e animados colóquios, que imenso bem me proporcionavam; fazendo-me esquecer os meus sofrimentos. Por êle, vim a saber que, abaixo de Deus e dos recursos da Medicina, eu devia a vida à enfermeira encarregada de velar por mim.

— Pois é, meu filho, se não fôssem os cuidados e a dedicação da enfermeira Italianita, a estas horas eu não lhe estaria amolando! — disse-me, sorrindo.

— Que tal ela?... — perguntei, maliciosamente. — Bonita?

Meio agastado, respondeu:

— Ela é bonita, sim, meu filho; mas creio que já passou a quadra dos sonhos e dos ilusões

— Não se conta que tenham acompanhado as tropas enfermeiras de idade avançada — interrompi.

— Bem, eu não quis dizer que ela seja idosa; apenas que atingiu o ciclo da austeridade.

— Mas qual é o seu verdadeiro nome?

— Não sei Como já se encontrava na Itália, quando aqui chegamos, os soldados lhe deram o apelido de Italianita, pelo qual todos a tratamos.

— Todavia, bom Padre, por que lhe devo a vida?

— Não queira saber o que ela fêz por você, durante seu longo tratamento — continuou o bom Padre-Capelão. — Foi de uma dedicação sem limites. Não era sòmente a enfermeira dedicada; era mais do que isso: era a mãe que lutava pela vida de um filho querido: opondo à morte todos os seus desvelos, todo o carinho e cuidados maternais Deixe que eu lhe conte certa passagem, ocorrida em uma noite em que o frio era intensíssimo e a neve caia abundantemente, e você compreenderá o sentido da minha afirmação.

— Nessa noite, fazendo a visita aos feridos, antes de me recolher, vim encontrá-la junto à sua cama tiritando de frio, envôlta em simples capote de campanha. Penalizado, ofereci-me, com a melhor boa-vontade:

— Espere um momento, enquanto vou buscar mais agasalhos em sua barraca.

— Todos os meus agasalhos já estão aqui — respondeu-me, sorrindo.

— Aqui onde?!... — perguntei surprêso.

Com leve menear de cabeça, indicou as cobertas que cobriam carinhosamente o seu corpo de ferido. Tocou-me profundamente o coração a dedicação da boa enfermeira e, desde êsse dia em diante, passei a observar todos os passos da delicada Italianita.

— E daí, o que concluiu? — indaguei.

— Conclui que essa mulher muito deve ter sofrido. Parece não ligar o menor aprêço à própria vida, expondo-a sem mêdo nem receio do perigo, corajosamente, quando há um soldado ferido, necessitando de socorro imediato. Muita vez a vi, exposta ao fogo do inimigo, socorrendo, em pleno campo de batalha, um soldado que tombara vitimado pelas suas traiçoeiras balas... Essa mulher, para mim, é mais do que uma simples heroina, é uma santa.

....

Ansiava ficar completamente restabelecido para, retirada a venda de meus olhos, poder fitar, transbordante de reconhecimento àquela a quem, abaixo de Deus, eu devia a vida

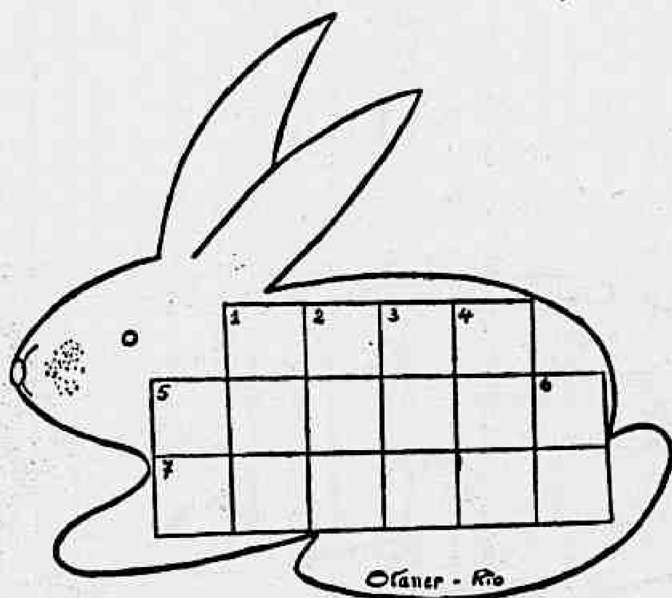
Em breve meus anelos foram realizados. Em esplendorosa manhã de sol, tive a suprema ventura de rever a luz, rever o céu, rever rostos amigos.

Após cair a gaze que me impedia a visão, percebi, através da névoa, três rostos debruçados sôbre mim. Reconheci num o capitão-médico, no outro, o muito amigo Padre-Capelão; e no terceiro semblante, sorridente e acolhedor, revi, cheio de surprêsa e comoção, o rosto pálido da inesquecivel Dama de Verde, a enfermeira Italianita.

Transparecia em tôdas as fisionomias tanta alegria, que me deixei também contagiar por ela; sorri, sincera e imensamente feliz.

Aproveitando os transportes de júbilo dos que me cercavam, a Dama de Verde,

PALAVRAS CRUZADAS



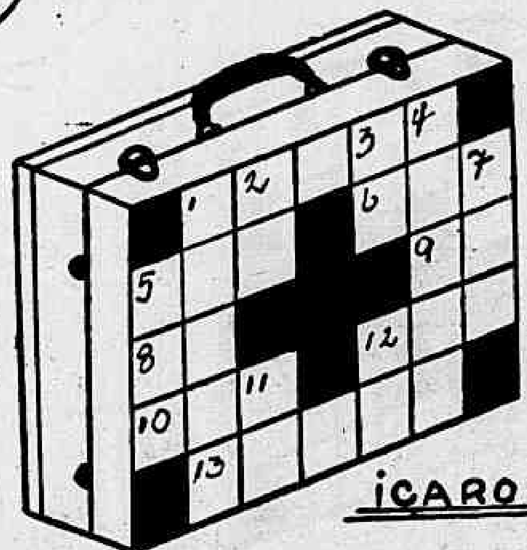
PARA VETERANOS

PROBLEMA N. 13

HORIZONTAIS: 1. Sôro de leite — 5. Rio do Brasil, em Minas Gerais — 6. O mesmo que Baal — 8. Vênus dos assirios e árabes — 9. Anuro de pele lisa — 10. Espécie de boi selvagem — 12. Cidade da Turquia asiática — 13. Moeda de ouro dos Estados Unidos da América do Norte.

VERTICAIS: 1. Sacho de monda — 2. Símbolo do ouro — 3. Quinto mês dos hebreus — 4. Palavreado, lenga-lenga — 5. Baixio, parcel — 7. Antiga cidade da Lacônia — 11. Rei de Bazan — 12. Nota musical.

PARA NOVATOS



PROBLEMA N. 13

HORIZONTAIS: 1. Mulher que se enfeita com mau-gôsto — 5. Estado do Brasil — 7. Aromático.

VERTICAIS: 1. Oceano — 2. Argola — 3. Seguiam — 4. Nome de mulher — 5. Instrumento de sapa — 6. Outra coisa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Sá — Pi — Nana — Li — Fo — Camboatá — Lot — Ab — Amt.
VERTICAIS: — Spa — Ain — Nim — Afã — Lat — Ota! — Co — Ba — Ob — Am.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Casa — Ai! — Amo — Alas — Rã — Atira — Trigo — Ar — Raro.
VERTICAIS: — Carta — Amar — Só — Ali — Iara — Ator — Sara — Agá — Ir.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

R. Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

Complete sua refeição com

MALZBIER da BRAHMA

Completa... completíssima é a refeição com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma tem um grande valor nutritivo. O lanche é sempre mais delicioso... o almoço mais apetece... e o jantar é uma "festa" com Malzbier da Brahma! Levemente adocicada e de baixo teôr alcoólico, é considerada por todos a cerveja do lar. Beba-a sempre!

EM GARRAFAS OU ½ GARRAFAS



Record 3227

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

VIDA DE CÃO... DE LUXO

(Cont. da 28)

também para a melhor dupla e a melhor equipe, de cachorro da mesma raça e do mesmo proprietário.

Na 34.ª Exposição de 9 de julho, funcionaram juízes nacionais, o que deu margem a várias reclamações por parte dos concorrentes. Em conversa com alguns deles, esclareceram-nos que os juízes devem conhecer perfeitamente tôdas as características de qualquer raça para poder julgá-las com autoridade, e não apenas as qualidades essenciais das raças de que êles mesmos são criadores ou que querem proteger por razões outras. Parece que essa queixa tem fundamento, pois o resultado veio confirmar a preferência dada aos cachorros pastores alemães. Cães dessa raça conseguiram os seguintes prêmios: taça ao melhor do 3.º grupo, à melhor dupla, ao melhor cão de criação nacional e ao melhor da Exposição. O campeão laureado foi "Lord VII Della Meta" importado da Itália, cão sem dúvida de grandes qualidades. Mas na Exposição havia outras raças também ótimamente representadas, como o "pinscher" Sir Rex of White Court e o "boxer alemão" Iiá da Zita, a mesma que ilustra uma página desta reportagem. Campeões os dois, em outras competições, tiveram que ceder à onda dos pastores alemães. E' que existe uma corrente entre os criadores de tais cachorros para recolocar no antigo prestígio os cães vulgarmente conhecidos como policiais agora bastante degenerados em nosso país devido à mistura com outras raças.

O que nos chamou a atenção na exibição canina foram os desvelos quase maternais com que todos aquêles cães eram tratados pelos respectivos donos. Água gelada, leite, biscoitos, açúcar e até lenços de flanela para enxugar a baba abundante pelo calor! De vez em quando um sururu entre dinamarqueses, policiais e boxeurs enchia de latidos o ambiente, enquanto os juízes faziam o possível para suprir as falhas de conhecimentos das muitas raças que apareceram para serem julgadas na Exposição de maior responsabilidade no Brasil.

NOITE BRASILEIRA EM PARIS

(Cont. da 33)

chefe do Protocolo do Ministério das Relações Exteriores da França; e sra. Helena Figueiredo.

A «Noite Brasileira em Paris», proporcionada pelo cônsul Jaime de Barros Gomes e sra. à família brasileira na França, teve a finalidade de proporcionar àqueles que se encontram distantes da terra natal, algumas horas entre os seus. «Sentir-se em casa — frisou o cônsul brasileiro em Paris — é de algum modo um meio de se estar em casa».

O PACIFICADOR DOS XAVANTES

(Cont. da 5)

bém ferramentas de trabalho nos dias de paz. Dêles depende o índio para a caça e a pesca. E cada qual faz suas próprias flexas, de canabrava, terminando de um lado num pedaço de madeira dura e, do outro, numa preaca feita com osso de macaco ou ferrão de arraia. A preaca é sòlidamente amarrada com fios de algodão encerados.

Outra observação interessante recolhida pelos companheiros de Francisco Meireles: Na lavoura de mandioca se resume a agricultura dos índios do Alto Xingu. Uma cêrca tôsca defende a plantação contra os animais. Os homens plantam e as mulheres colhem e fabricam a farinha. E' sempre para a mulher o trabalho mais pesado.

As raízes de mandiocas são descascadas com as conchas dos rios. E as índias nunca saem feridas nesse delicado mister...

HELOISA E ELZA

(Cont. da pág. 36)

Estendeu-me a mão. Segurei-a. Atraindo docemente Heloisa, apertei-a contra o peito.

(Cont. no próximo número)

logo que ficamos sós, inclinou-se sôbre mim, e, em surdina, bem baixinho ao meu ouvido, disse, com a voz ungida de meiguice e arrependimento:

— Perdoa-me. Perdoa-me por ti e por tua santa mãe! Tudo fiz para conseguir te encontrar. Presenciar o teu sofrimento, foi para mim, o maior tormento de minha vida. Se morresses sem me haveres concedido o teu perdão, creio que de pesar sucumbiria. Perdoa-me, meu filho!

Não tive palavras, como da última vez que a vira. Nada lhe pude responder; mas o meu apêrto de mão foi o testemunho eloquente do meu esquecimento. Com alegria, levou minha mão aos lábios, beijando-a, reconhecida. Sentindo as lágrimas prestes a deslizarem pelo rosto, retirou-se ràpidamente de meu lado... Foi a última vez que a vi, em minha vida.

Terminada a guerra e passados os transbordamentos naturais de alegria e festivas recepções dos que nos esperavam, a vida retornou ao ritmo normal, voltou a ser o pêndulo que vai e vem, vem e vai, sempre no mesmo ritmo, na mesma marcha de sempre. Não tornei a ver a Dama de Verde. Não tive conhecimento de sua volta com as tropas que iam retornando ao Brasil. Nunca mais dela tive a menor notícia.

Passaram-se longos meses. Certa tarde, percorrendo despreocupadamente, um vespertino, entreparei, surprêso, ante a fotografia de alguém de mim muito conhecido: A Dama de Verde.

Ardendo de curiosidade procurei saber a causa do seu retrato no jornal. E li, com pesar e sincera compaixão, a nota fúnebre:

"Vitimada por pertinaz e insidiosa enfermidade, contraída na campanha da Itália, faleceu em São José dos Campos, onde se achava recolhida em um sanatório, a ex-enfermeira Sônia Guedes, mais conhecida pelo nome de Italianita. E' digno de notar-se que a extinta prestou serviços às tropas, voluntàriamente, durante muitos meses sem auferir quaisquer proventos nem honrarias. Cuidou dos nossos soldados pelo simples prazer de servir à humanidade, sendo útil à sua Pátria. Os seus funerais foram realizados às expensas do nosso Exército, que enviou bela e significativa coroa".

Senti nesse momento, provindas bem lá do fundo do meu subconsciente, um ressurgir de recordações; e como em tela cinemática, acudiram à minha mente tôdas aquelas cenas inolvidáveis: a primeira aparição da Dama de Verde em nossa vida, com o triste cortejo de malefícios; a figura meiga e suave de mamãe, seu longo sofrimento e sua prematura morte, papai, som seu porte distinto e altivo. Uma a uma reviveram meus olhos os detalhes da tragédia da morte de mamãe... meu curto romance de amor com a Dama de Verde, tão bruscamente interrompido... e afinal meu longo sofrimento num hospital de sangue e a heróica abnegação da Dama de Verde.

Só dei acôrdo de mim quando senti deslizarem, pelo rosto, lágrimas ardentes e sentidas, que vinham lá de dentro, bem do fundo do coração.

Por quem vertiam meus olhos lágrimas tão pesarosas, naquele momento? Seriam saudades de mamãe, há tanto tempo extintas?... Seria por papai?... Seria pena, compaixão pela Dama de Verde?... Por quem chorava eu, então, naquele instante?... Não me foi possível dizê-lo, com certeza; e até hoje, não consigo responder à mesma angustiosa pergunta: — Por quem chorava eu?... Por quem chorava eu?



A SAÚDE DO BEBÊ

PROFILAXIA DO NASCITURO

DR. SABOIA RIBEIRO

A gestação mal conduzida, gerando, muitas vêzes, *debilidade congenita* do nascituro, responde por muitas afecções do infante, marcando dêsse modo a criancinha, dêsde o nascimento, de forma não raro indelevel.

Uma das consequências mais costumeiras da ausência de cuidados no período da gestação, são as manifestações da *sifiles congenita* na criança e o *nascimento de crianças prematuras*.

A respeito da sifiles, dois pontos interessam à mulher saber de maneira especial.

Primeiro é que, dada a tão vasta difusão da sifiles, e a resistência em virtude da qual ela se perpetua através das gerações, nenhuma mulher poderá julgar-se imune dela, já que a pode ter exclusivamente *hereditária*. A ausência de sintomas ou lesões aparentes não tem importância senão relativa, podendo mesmo, acontecer que, nessas condições, a mulher possa dar à luz uma criança com todos os estigmas sifiliticos e até lesões aparentes dêsde o nascimento.

Durante a gravidez, e até o 3.º mês, cabe sempre um exame da mulher com relação a sifiles, maxime por ocasião da primeira gestação ou se antes do casamento não foi feito, no casal, um tratamento eficaz da mesma com vistas à fatura prole.

O diagnóstico da sifiles inaparente da mulher jámais dispensará o exame de sangue — *reação de Wassermann* cuja grande indicação são precisamente os casos de sifilis latente.

O êxito do tratamento com vistas ao nascituro depende principalmente de duas circunstâncias: sua instituição o mais cedo possivel na mulher durante a gestação e boa orientação do tratamento em si (constancia, eficacia das dóses).

4/5 dos casos convenientemente assistidos pelos tratamento dão nascimento a crianças perfeitamente isentas de sifilis, segundo observações bem acurados sôbre casais sifiliticos. Os casos de insucesso explicam-se naturalmente, ou pelo grau de elevada virulencia do germe sifilitico ou atraso no tratamento empregado.

Durante a fase delicada da primeira idade a *sifiles congenita*. Constitui o ponto fraco do organismo da criança em face às multiplas e variadas alterações de sua saúde. "Para reconhecer a sifiles do recem-nascido é preciso nela pensar," escreveu um mestre; e acrescenta: "Obcecado por esta idéa, nós temos podido muitas vêzes corrigir êrros de diagnóstico e salvar um certo número de crianças".

Não poucas moléstias do sangue da criança — as *discrasias* — reconhecem uma origem exclusivamente hereditária dos pais, incluindo-se entre elas as *leucemias*, das mais graves. E, não obstante, os pais muitas vêzes não apresentam quaisquer sinais sifiliticos, mas cuja sifiles é revelada pelos exames sorologicos (sangue).

O nascimento de crianças prematuras e muitos abortos também se filiam a gestações descuradas.

As *toxemias*, entretidos pelo mau funcionamento dos rins e outros órgãos, trazem sofrimento orgânico ou lesão corporal do feto, e conforme o grau de sua agressividade, sôbre o nascituro, ou o matam durante a gestação ou apressam o parto.

Muitas vêzes o nascimento antes de tempo se acompanhas de uma tal incapacidade do funcionamento de certos centros e aparêlhos que o prematuro não consegue sobreviver mostrando as estatisticas o fato muito expressivo que metade das crianças que morrem nos sete primeiros dias é constituida de crianças prematuras.

O centro regulador da temperatura e os da respiração e da circulação se apresentam particularmente mal desenvolvidos no prematuro, constituindo um sério perigo.

O maior perigo, porém, consiste muita vez num disturbio da sucção e da deglutição, não se interceptando a via respiratória no momento em que o alimento é deglutido, gerando a arfixia da criança e a morte subita.

E' preciso considerar também os casos em que a criancinha por nada dêste mundo não suga nem deglute, sempre imersa num sono que não acaba nunca.

A tendência ao resfriamento requer o máximo cuidado.

Outro grande escolho na assistência do prematuro é o problema da alimentação. O jejum do prematuro tem de ser evitado dêsde o primeiro dia, e todavia são frequentes as crises de asfixia durante as mamaduras e os vomitos após estas.

Afim de combater o resfriamento pode-se lançar mão de 3 botijas com água, uma de cada lado da criança e uma nos pés. A criancinha será conservada em uma cesta, repousando entre algodões termogenicos, abrigado das correntes de ar. Cuidara dela pessoa isenta de qualquer doença contagiosa, máxime das vias respiratórias (gripe, bronquites, ou outras).

O regimen alimentar do prematuro é dos mais árduos. As mamadas de 2 em 2 horas. Na primeira semana mamará tantas gramas em cada vez quantos os dias de vida acrescido de *zero*. Assim, no 5.º dia, 50 gramas; no 7.º 70, e assim por diante. Atingido o 7.º dia, fixa-se em 70 gramas porém mantendo o mesmo horário.

O melhor processo é o seguinte: a criança é levada ao seio de 2 em 2 horas, durante 5 minutos. A mãe durante as mamadas, fará o esvaziamento do seio por extração manual ou por meio de bomba.

O leite é guardado e dado na hora seguinte, às colherinhas, ou por meio de um conta gotas.

Por outras palavras, a criança será levada ao seio nas horas *pares*, 5 minutos, e nas horas *impares* será cevado com o leite exgotado.

A criação de Prematuro contribui com larga cópia de insucessos pesando enormemente na néomottalidade.

Constituindo, com a sifilis congenita, dos maiores percalços na criação do lactente, e podendo ser ambos prevenidos com a assistência da gestante durante a vida intra-uterina, cumpre considerar, assim, um e outra dois males evitaveis se acudidos em tempo, isto é, acompanhada a gravidez dêsde seu início.

De fato, a adoção de certas medidas nêsse periodo garante, na grande maioria das vêzes uma gestação a termo — e é a prevenção da prematuridade com seus problemas, — e o nascimento de crianças imunes das taras sifiliticas que tanto pesam nas estatisticas (natimortos) e fazem-se responsáveis de tantas doenças e complicações nos primeiros tempos.

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67
Telefone: 4-1569

O Jôgo
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil

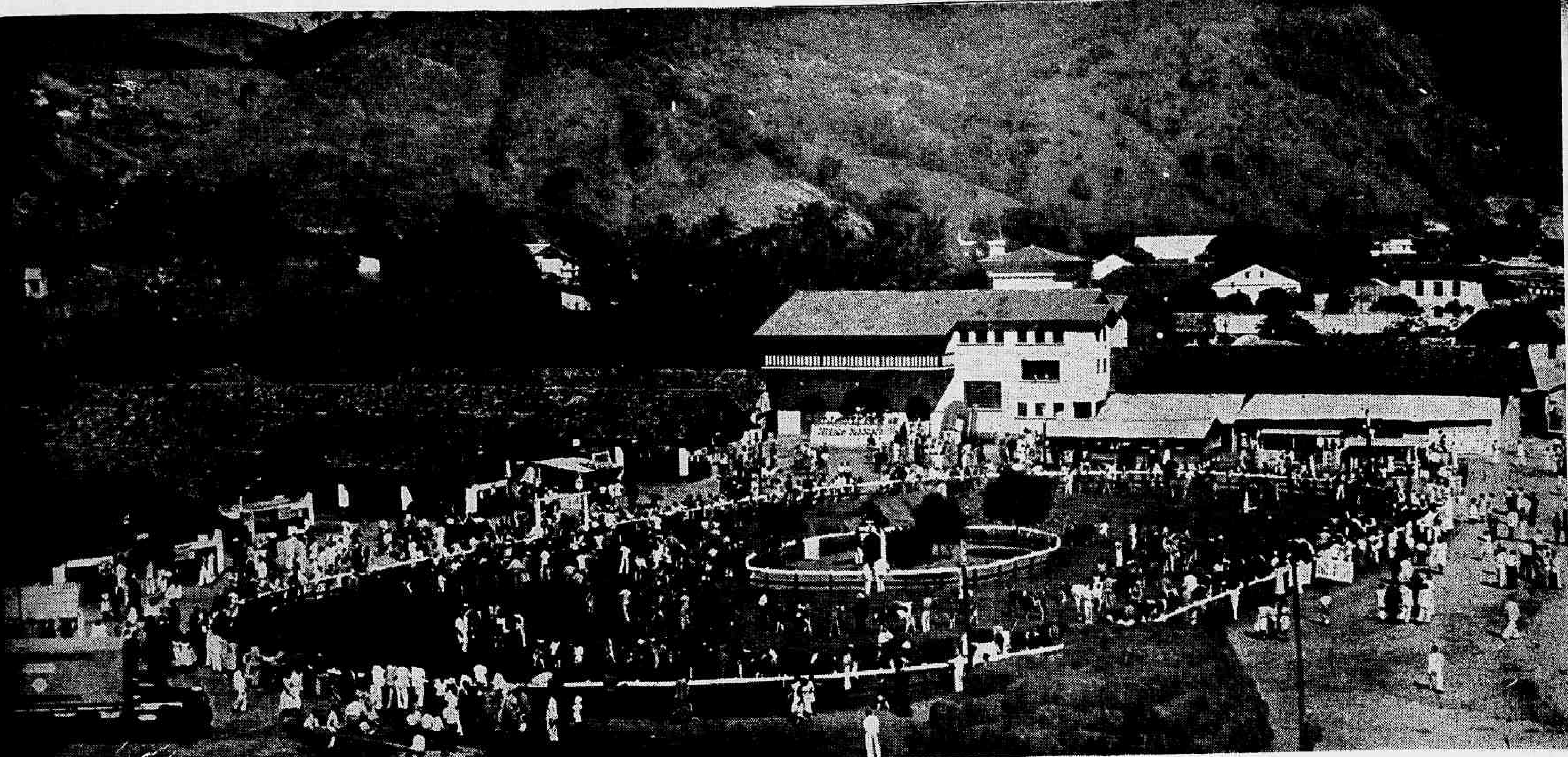


só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantís exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



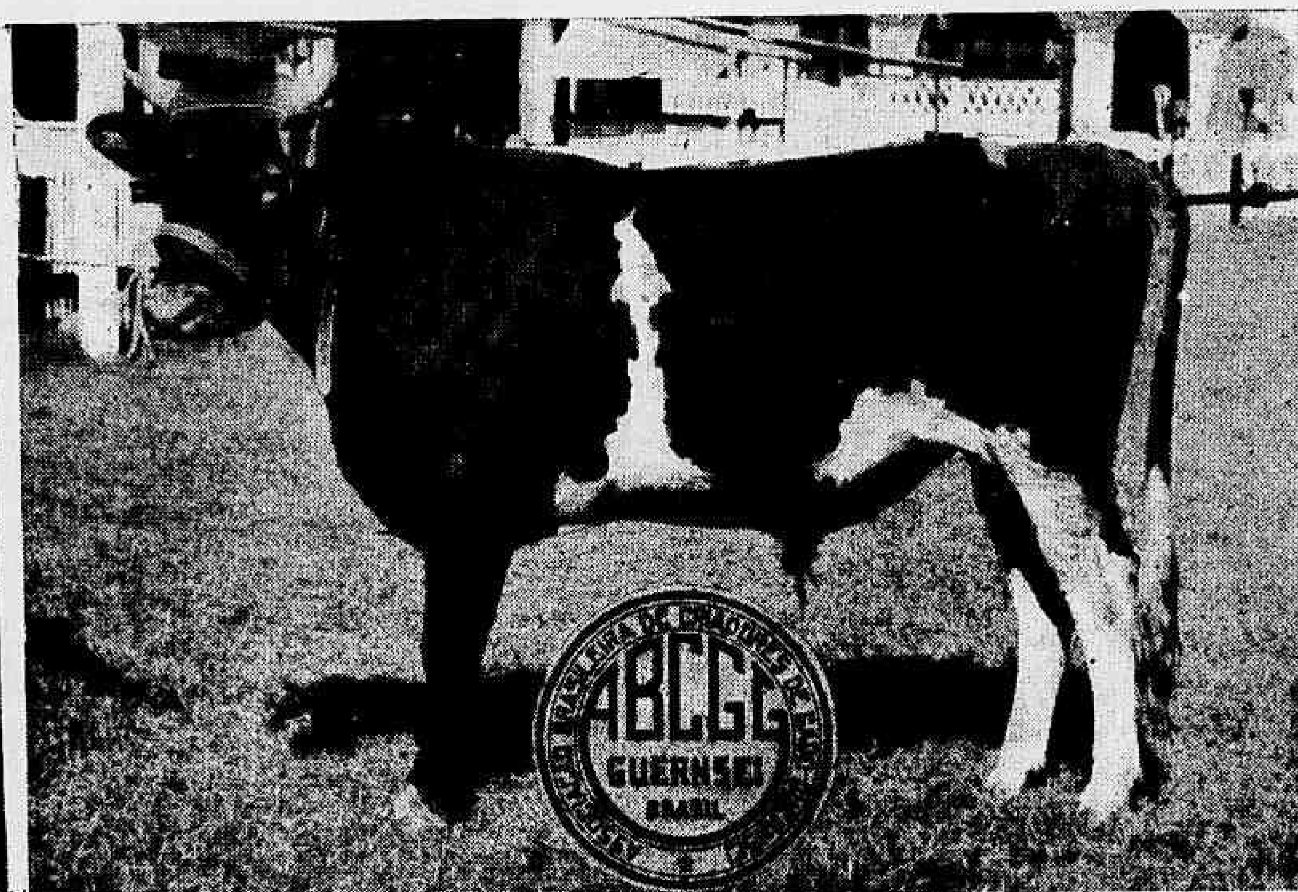


Magnífica vista de conjunto do parque da Exposição de Leopoldina, aparecendo o soberbo edifício da Associação Rural, à entrada, os vários pavilhões e a pista central

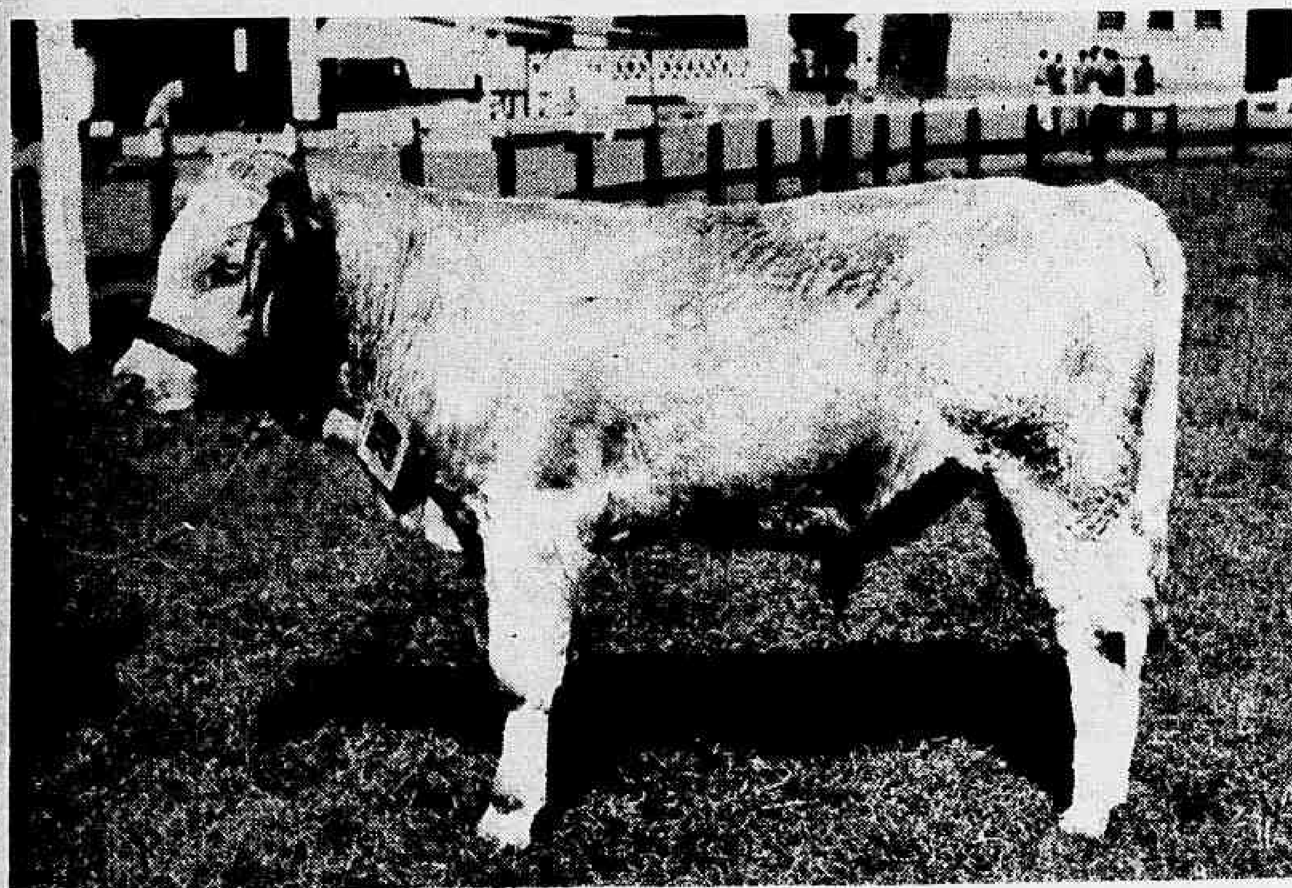
XIV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA



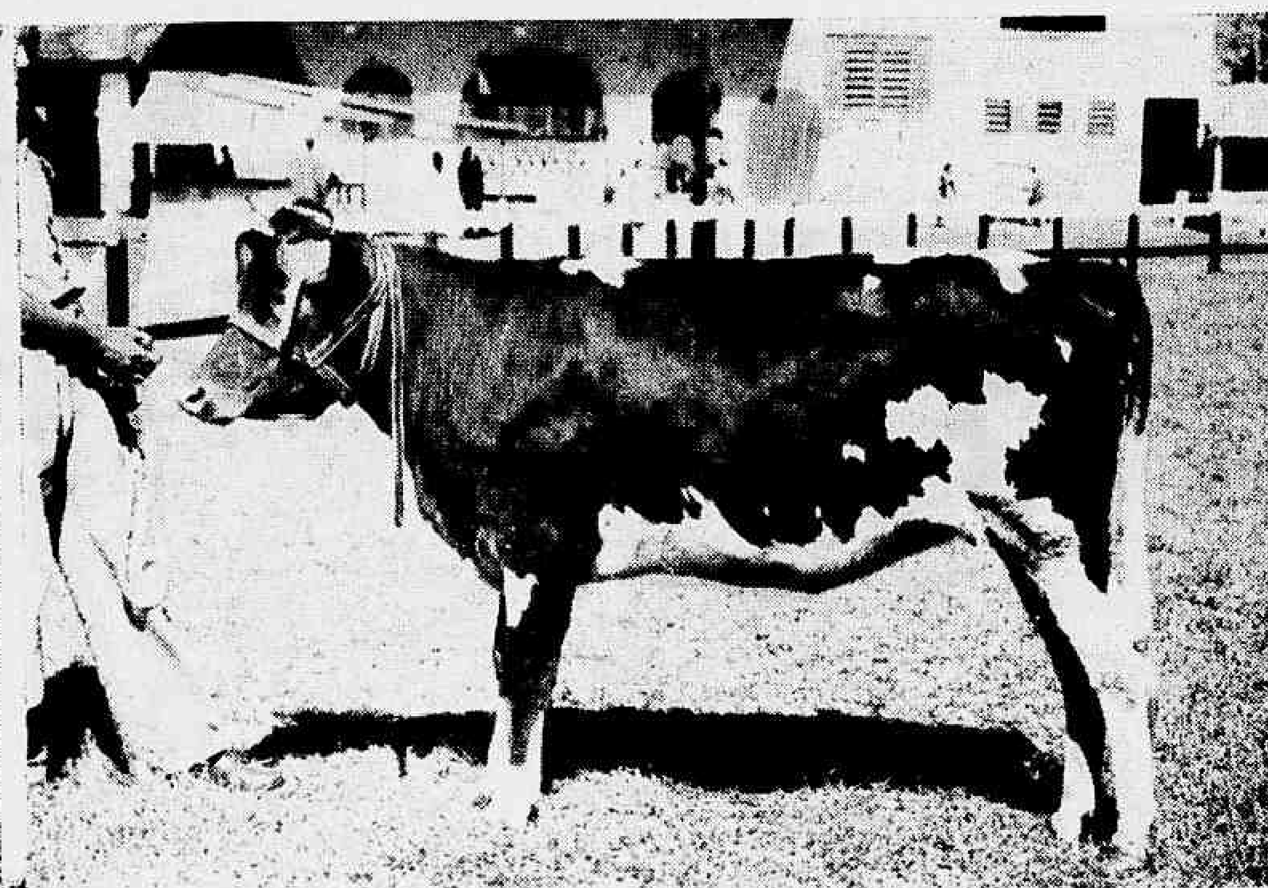
«Dengosa-Copeira», campeã do Concurso de Vacas Leiteiras da XIV Exposição de Leopoldina, com a produção total de 99,760 klgs. de leite em 3 dias, com 3 ordenhas diárias (média de 33,253 klgs. por dia), e campeã de matéria gorda com 3,0554. A campeã é da raça Holandesa Preta e Branca, ¾ de sangue, Tat. od. LHM-4, 3.ª cria. Pertence à Fazenda Pedra Branca, dos srs. José Ribeiro dos Reis e José Newton Reis Junqueira. Município de Volta Grande, Estado de Minas Gerais



«Furuashi Royal Iva do Rio Novo», campeão da raça Guernsey na XIV Exposição de Leopoldina. Puro de Pedrigree. Nascido a 25-1-1949. Tat. od. RNS-31 IRPL. Tat oe. POM-62 ABCGG. Pai — «Woodaacres Royal Brazilian» POM-30. Mãe — «Fairlawm Maxis Ivadelle» n. 862.686 POF-29. Pertence à Fazenda Rio Novo, do sr. José Soares Maciel Filho. Paraíba do Sul, Estado do Rio



«Niagara-Pequeno», campeão da raça Simental na XIV Exposição de Leopoldina. Puro por cruzamento. Nascido a 23-6-1949. Tat. od. EZS-14 IRPL. Pai — «Neid» (importado) Mãe — Niagara-Pequena». Criador e expositor: Fazenda Niagara S. A., de Abaibe, Leopoldina, Estado de Minas Gerais

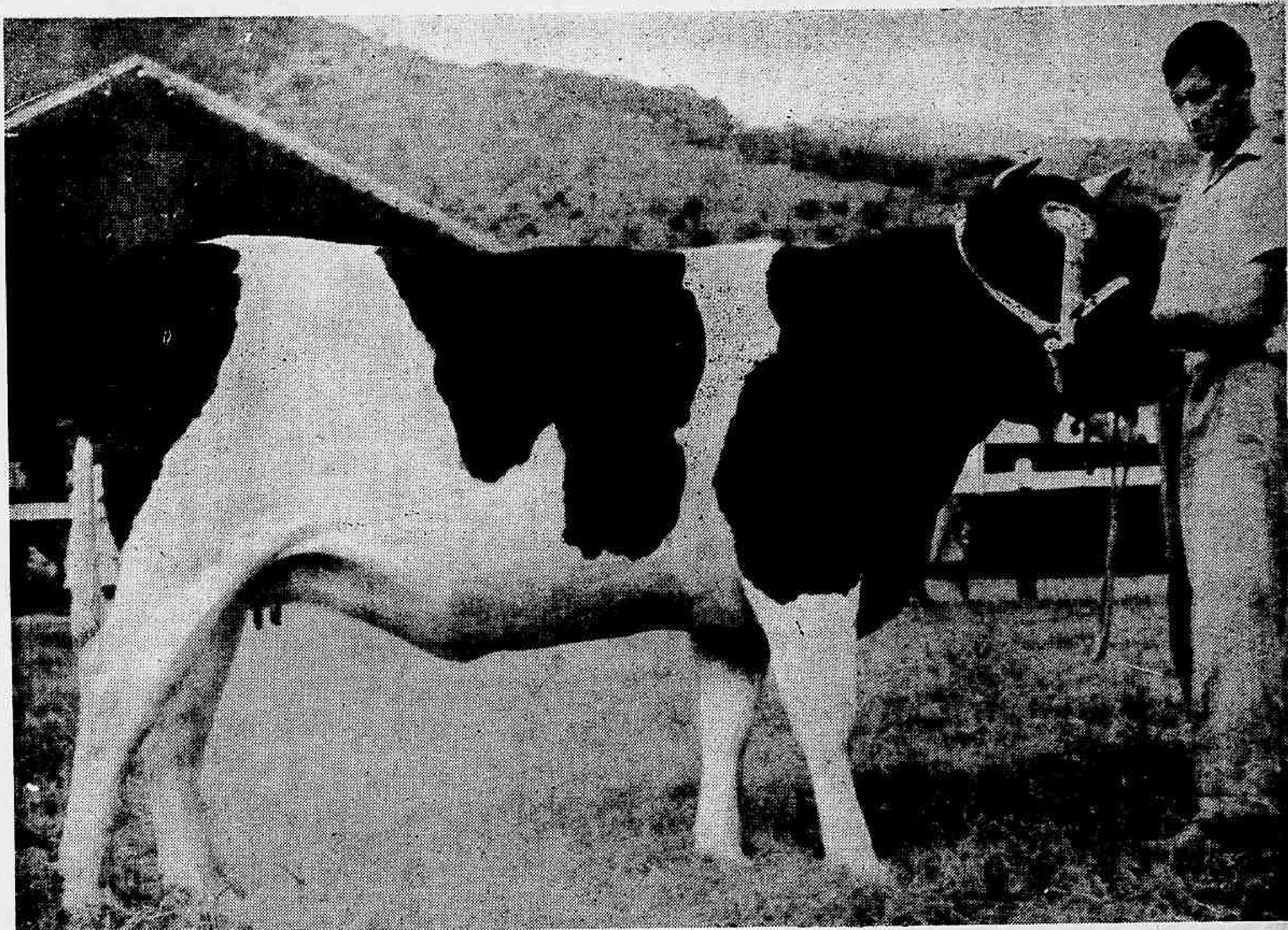


«Flying Royal Opal do Rio Novo», a melhor fêmea da raça Guernsey na XIV Exposição de Leopoldina. Pura de pedigree. Nascida a 3-6-1949. Tat. od. RNS-33 IRPL. Tat. oe. POF-89 ABCGG. Pai — «Woodacres Royal Brazilian» POM-30. Mãe — «Woodacres Supreme Opal» POF-37. Pertence à Fazenda Rio Novo, do sr. José Soares Maciel Filho. Paraíba do Sul, Estado do Rio

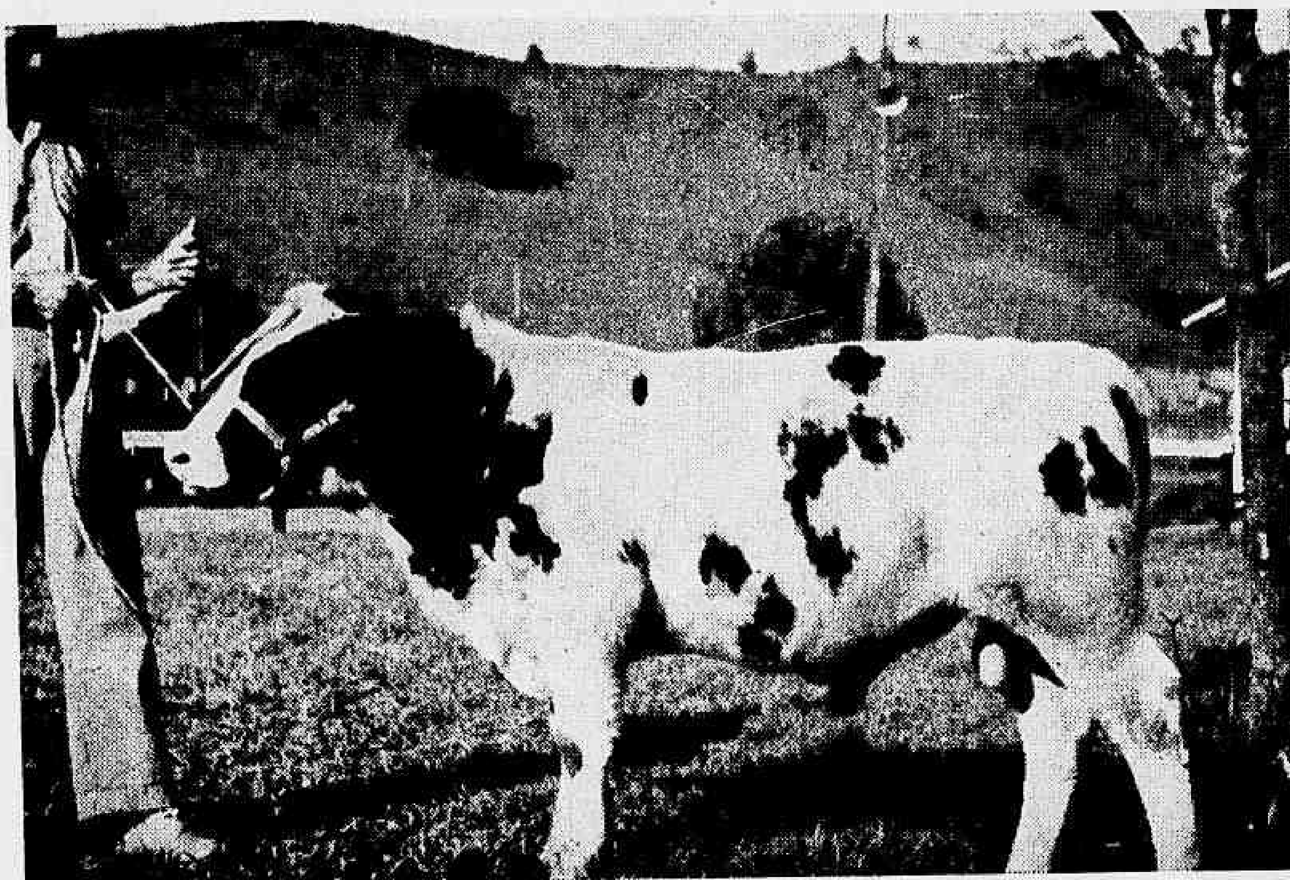
ACABA de realizar-se, no período de 24 de junho a 2 de julho últimos, a XIV Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, o importante certame da Zona da Mata mineira, que atrai sempre a atenção dos criadores do País pela alta qualidade dos produtos apresentados à apreciação pública. Como nos anos anteriores, Leopoldina exibiu um fino plantel de gado Holandês Preto e Branco, e Vermelho e Branco, Guernsey, Jersey e Schwitz, afamadas raças leiteiras nas quais se especializaram os seus criadores, com elas conquistando merecidos triunfos através de numerosas exposições regionais, estaduais e nacionais.

A XIV Exposição foi inaugurada pelo sr. Américo René Gianetti, então secretário da Agricultura de Minas Gerais, tendo a ela comparecido grande número de autoridades, técnicos e pecuaristas dos municípios vizinhos, bem como muitos visitantes. Do seu transcurso destacou-se o resultado do Concurso de Vacas Leiteiras, ganho com um bom índice de produção pela vaca «Dengosa-Copeira», acusando um total de 99.760 quilos em 3 dias de lactação, sagrando-se ainda êste valioso especime Holandês Preto e Branco, vencedor de matéria gorda com 3,0554.

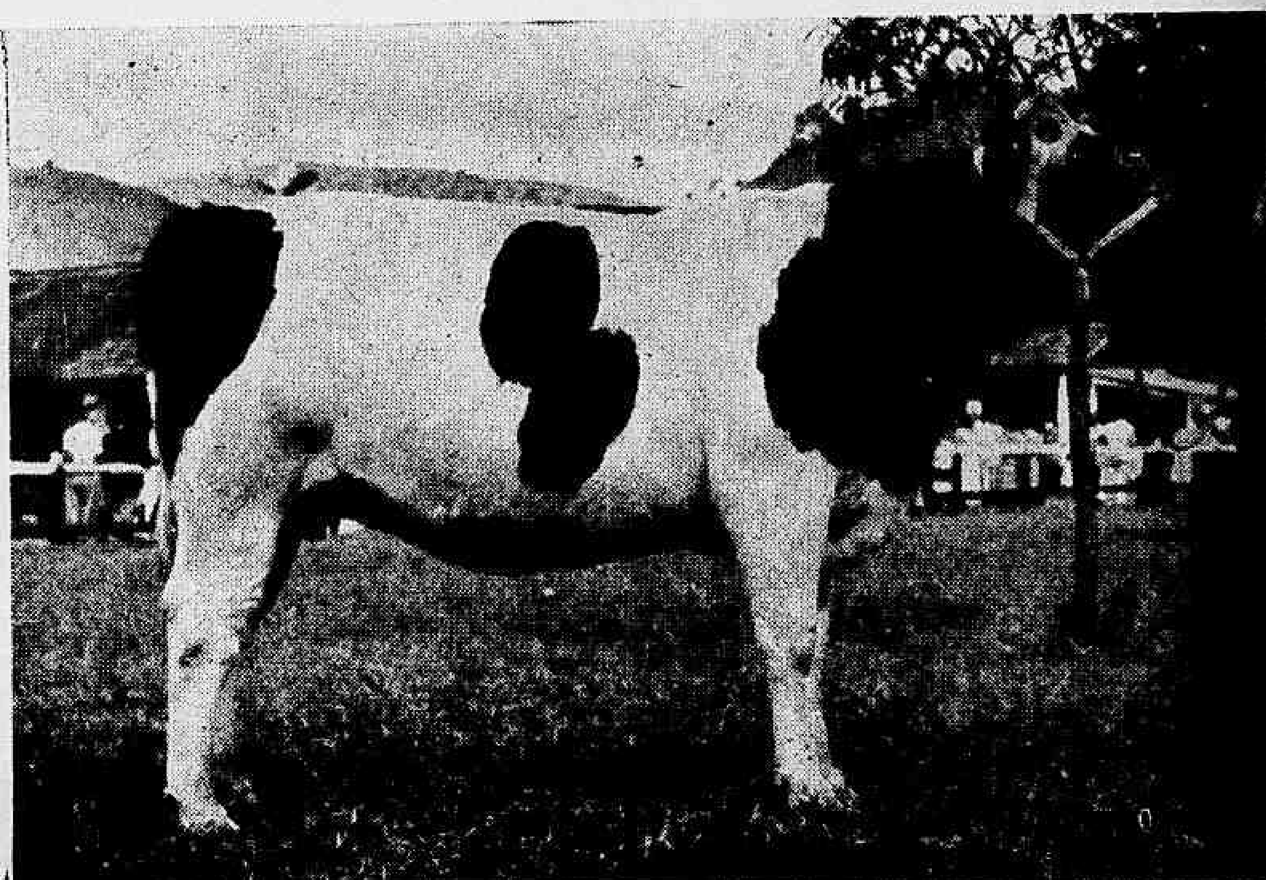
Na parte agrícola, também a XIV Exposição de Leopoldina apresentou uma superior contribuição, demonstrando mais uma vez o adiantado grau de aperfeiçoamento de sua lavoura. Leopoldina, que tem no Banco Ribeiro Junqueira uma das maiores expressões da sua riqueza, concluiu, com a realização da XIV Exposição, mais uma vitoriosa etapa de trabalho constante e bem orientado.



«Miltonia-Batinga», campeã da raça Holandesa Preta e Branca na Exposição de Leopoldina. Pura de pedigree. Nascida a 28-10-1948. Registrada em livro fechado na ABCBRH n. 5-P — livro B-3 pág. 192. Tat. od. FDR-14 IRPL. Pai — «Bernard» (importado). Mãe — «Miltonia-Gazela». Pertence à Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis. Abaiba, Leopoldina, Estado de Minas Gerais



«Miltonia-Sergio», considerado o melhor garrote Holandês Vermelho e Branco da XIV Exposição de Leopoldina. Puro de pedigree. Nascido a 16-1-1950. Registrado em livro fechado n. 6-P livro FF-1 pág. 21 na ABCBRH. Pai — «George XIII». Mãe — «Jana-3». Pertence à Fazenda Iuziana, do sr. José Ribeiro dos Reis. S. Martinho, Leopoldina, Minas



«Miltonia-Guapira», Reservada-campeã da raça Holandesa Preta e Branca na XIV Exposição de Leopoldina. Pura de pedigree. Nascida a 11-2-1949. Registrada em livro fechado n. 1-P — livro B-7, pág. 123 na ABCBRH. Tat. od. FDR-13 IRPL. Pai — «Bernard» (importado). Mãe — «Miltonia-Legítima» tat. FDO-11. Pertence à Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, Abaiba, Leopoldina, Minas Gerais.



«Miltonia-Paulista», Reservado campeão da raça Holandesa Vermelha e Branca. Puro de pedrigree. Nascido a 7-7-1949. Registrado em livro fechado n. 4-P — livro FF-1 pág. 22 na ABCBRH. Tat. od. FDS-15 IRPL. Pai — «George XIII». Mãe — «Tilda 2». Pertence à Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, Abaiba, Leopoldina, Minas Gerais



«Miltonia-Moysés», reservado campeão da raça Holandesa Preta e Branca na XIV Exposição de Leopoldina. Puro de pedigree. Nascido a 4-2-1949. Registrado em livro fechado n. 3-P — livro B-4 pág. 242 na ABCBRH. Tat. od. FDS-6 IRPL. Pai — «Bernard» (importado). Mãe — «Miltonia Bela» tat. FD-48. Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, Abaiba, Leopoldina, Minas Gerais

No próximo número: LORINDA, A BAILARINA APAIXONADA

ANTES DO MEU CASAMENTO





























TUDO ISTO ACONTECEU

A CAIXA DE CAVEIRAS



HÁ certas coisas que, embora mereçam piedade provocam riso. Veja o leitor o que acaba de suceder com a firma carioca H. Castro Melo, negociante de ferragens e artigos afins. Como sucede com qualquer pessoa, o sr. Melo gosta de ir aos leilões da Alfândega. Muitas vêzes dão certo os lances sôbre volumes fechados, ignorando-se o estado da mercadoria que se vai arrematar.

Assim, foi o nosso amigo a um dêsses leilões públicos e sua atenção foi despertada para grande caixa abandonada pelos destinatários. Que continha ela? Ao ser apregoada, entrou o mesmo volume num lote de outros. O maior lance foi o seu: Cr$ 5.800,00. A arrematação foi feita "no escuro", isto é, sem prévia verificação do conteúdo dos volumes pelo interessado. O produto dos lances vencedores é destinado ao pagamento de fretes e armazenagem devidos à Alfândega pelos que deixam abandonados os seus volumes. Decorrido o prazo da lei, entram em leilão mediante publicacidade na imprensa. Mas, que surpresa! Ao abrir os volumes, encontrou o arrematante garrafas vazias e... caveiras!

Sim. Caveiras de gente, tíbias e perôneos de defunto, crânios carcomidos pelo tempo, fêmures e costelas. E garrafas vazias. Mas as garrafas estavam noutro volume, para não parecer que os esqueletos haviam bebido aquilo tudo. Um verdadeiro negócio de nabos em saco. Muito melhor mesmo que fôssem nabos, pois, ao que se sabe, ossada de defunto só interessa aos Museus de Antrogenia aos parentes chorosos ou aos Institutos de Medicina Legal. Por êsse motivo a firma decepcionada está esperando que o fato se torne mais claro nesse negócio de osso duro de roer...

ACADEMIA DE VICIOS

UM grupo de médicos está dirigindo meritória campanha contra o uso de bebidas alcoólicas entre as nossas populações, mostrando ao povo que o alcoolismo é causa principal de várias degenerescências contra nossa raça. Desde a epilepsia, às crianças que nascem mortas, a bebida alcoólica tem sua grande responsabilidade, é o inimigo número um do Brasil. À frente da campanha está a grande figura de Henrique Roxo, como uma das cabeças principais dessa campanha em favor da higiene mental dos brasileiros. Mas, infelizmente quanto mais se procura deter a marcha do alcoolismo em nossa terra, mais se abrem "biroscas" e



antros de bebedeiras em que tem parte saliente a cachaça. Ao lado dos cafés, há sempre um balcão superlotado de bebidas fortemente dosadas de álcool. Servem para matar o bicho, atenuar o calor, acabar com o frio, abrir o apetite, tirar dor de cabeça, passar o dente, esquecer amores contrariados, o prejuízo em maus negócios, e tanta coisa mais que a credulidade humana inventou para justificar os vícios. Mas isso não é nada em comparação com o que acaba de verificar-se em Itajaí, Santa Catarina. Vejamos o que nos diz um telegrama da Asapress, de 21 de julho último, para a imprensa do Rio: "O jôgo recomeçou nesta cidade com grande intensidade. Há tempos vinha funcionando livremente o "bicho". Agora foi aberta uma casa de tavolagem na principal rua de Itajaí, onde é explorado o "bingo", no local em que funcionava uma escola municipal de educação de adultos". Veja o leitor se pode haver mais triste notícia do que esta, para um país que figura ainda nas estatísticas mundiais como um dos campeões do analfabetismo.

O SACRIFICIO DO CÃO

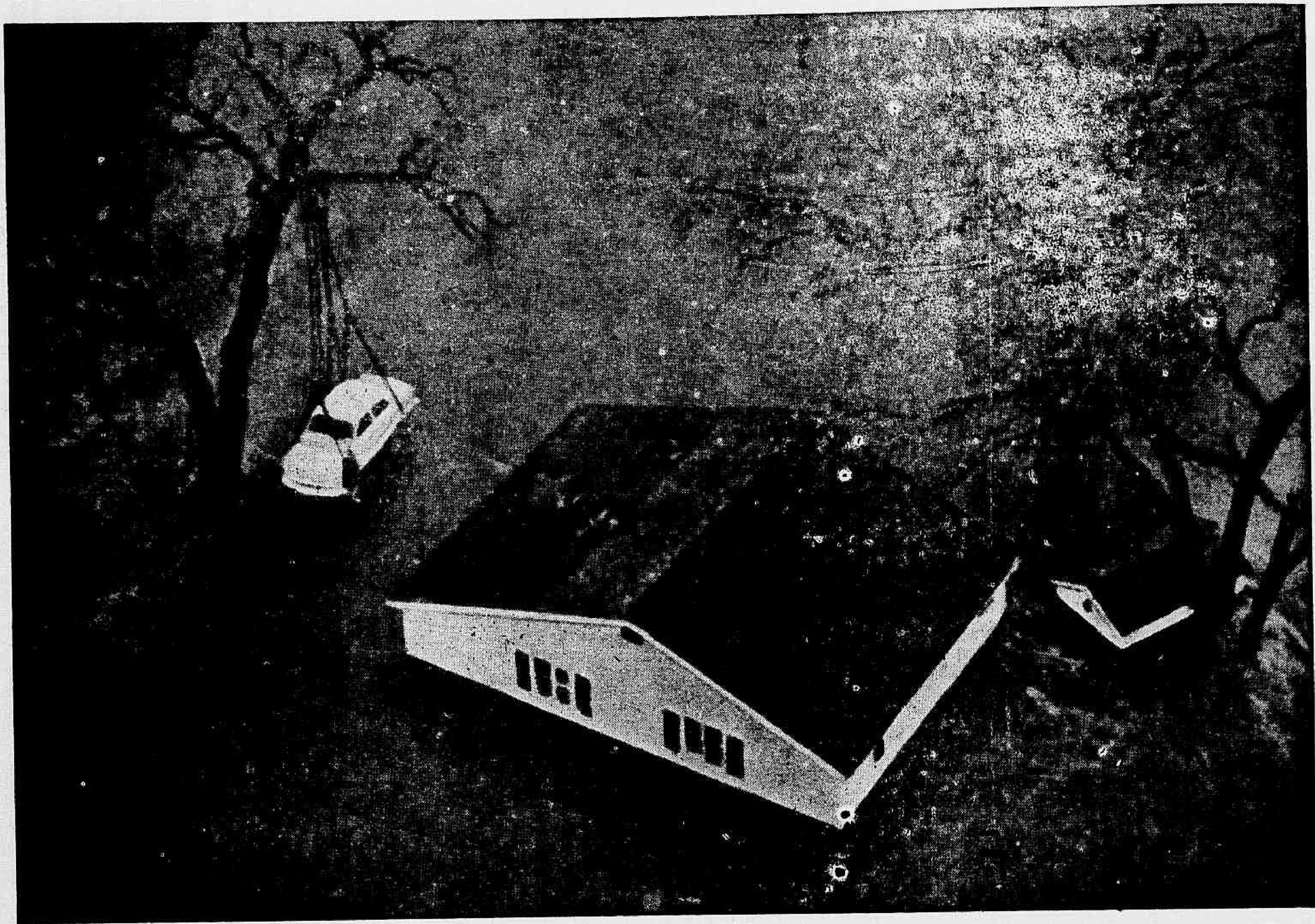
DIVULGARAM os jornais que, no Rio de Janeiro, havia um paciente atacado de uma moléstia chamada "azul". A "moléstia azul", graças a Deus, não é contagiosa; trata-se de uma complicação congênita, quando o organismo do vivente nasce com algum dos parafusos fora do lugar. Os atacados de "moléstia azul", aliás raríssimos, dificilmente chegam à maioridade. O do Brasil, residente na Capital Federal, já está com mais de vinte-e-um anos e vai resistindo ao distúrbio com que veio ao mundo. Para corrigir o descuido da natureza, só mesmo uma operação. Mas essa intervenção cirúrgica, especialíssima e muito perigosa, foi refugada por um sábio sueco que estêve no Rio, há pouco. Vendo o doente, o Dr. Craford achou que seria inútil operar. O doente morreria. Mas a medicina brasileira tem os seus pontos altos e foi chamada a ver o enfêrmo, o Dr. Mariano de Andrade. Embora fôsse da mesma opinião do médico sueco, resolveu operar o atacado de "moléstia azul". E' que o paciente declarara que, se não fôsse operado, suicidar-se-ia, uma vez que não lhe convinha continuar como estava vivendo, incapaz do menor esfôrço. E o nosso patrício meteu mãos à obra. A intervenção, como então explicou a um repórter carioca, consiste na anastomose da artéria subclávia com a artéria do pulmão. Com isso se corrige o defeito do estreitamento da artéria do pulmão e deficiente corrente sanguínea pulmonar, normalizando a circulação e o influxo do sangue no aparelho circulatório. Depois disso, a côr azul do enfêrmo desaparece e desincham as pontas dos dedos. Mas, sabe o leitor como pôde o médico realizar a intervenção? Primeiro fêz uma experiência com um cachorro, o "Mascote", que está passando bem. E, mais uma vez, o homem se ampara ao seu mais fiel amigo...



QUE SERA ISTO? Estará a senhorita medindo a circunferência da gorducha? Ou lhe tirando as medidas um tanto apertadas para uma cinta redutora de suas banhas? Nada disso, leitor. A gorducha é Baby (baby!) Irene Parry, de 31 anos de idade é uma das figuras mais «graciosas» do Circo Ringling de New York. Já um tanto enfadada com seu pêso e volume exagerados para uma senhorita que quer ser elegante, Baby Irene submeteu-se a massagens para emagrecimento, pois que estava passando dos 243 quilos, já chegando aos 250. Ora, se com aquêle pesão todo, andava com certa dificuldade e provocava exclamações de espanto aos freqüentadores do circo, que não sucederia se continuasse a engordar como ia? Uma calamidade. Por isso Baby chamou uma das massagistas da emprêsa e lhe pediu que aplicasse a técnica usada pelas elegantes de todo o mundo; mas, ao que parece, em lugar de produzir emagrecimento, o processo provocou cócegas na graciosa e elegante Irene



QUEM POSSUI CRIANÇAS em tenra idade deve procurar tudo o que proporcionar confôrto para o bebê e facilidades para os papás. Muitas vêzes não se pode levar a passeios ao campo, às praias, aos parques, os garotinhos que ainda não andam, porque os berços são pesados e fixos e não há carrinhos disponíveis. Estas dificuldades, porém, foram resolvidas por fabricantes de berços de Everett, Massachusetts, Estados Unidos. Fabricaram êles um tipo de bêrço maravilhosamente prático. E' todo portátil, desmontável e arejado. A armação é de aço tubular muito leve e inoxidável, com as paredes de matéria plástica colocadas de maneira que permita a mais completa ventilação. O teto é feito de tal maneira que esteja o garotinho protegido do sol, sem comprometer a aeração abundante, podendo ser retirado quando fôr preciso. Êste tipo de bêrço já está sendo adotado em várias clínicas italianas de maternidade, pelo sentido prático e cômodo de seu acabamento e emprêgo



FAZ POUCO TEMPO OS TELEGRAMAS vindos do Canadá nos davam contas de arrasadoras inundações em tôda a região da cidade de Winnipeg, banhada pelo Rio Vermelho. Nesta foto reproduzimos um dos aspectos mais dolorosos da catástrofe que abalou tôda a economia daquela parte do Canadá. Rompendo os diques o caudal investiu furiosamente sôbre enorme área de muitos milhares de quilômetros quadrados, submergindo campos, plantações, estradas, residências, fábricas numa reprodução catastrófica de um outro dilúvio. Cêrca de seis mil edifícios ficaram destruídos ou seriamente danificados. Mais de dez mil pessoas tiveram que fugir abandonando todos os seus haveres, apanhados de surpresa pela avalanche. As autoridades canadenses puseram, imediatamente, em ação todo um serviço de salvamento, evitando maiores desgraças e prejuízos dos flagelados. Na foto uma casa com moradores no telhado, a garagem de encontro a uma árvore, enquanto seus habitantes procuram salvar o carro

A ÚLTIMA LIÇÃO

DIZEM que não há maior mestre da vida do que a própria vida. Assim deve estar filosofando o estimável escrivão da Polícia, José Luís Ferreira. Êsse funcionário da luta contra a delinqüência, depois de uma existência inteira a serviço das autoridades policiais contra o crime, cumprindo uma carreira trabalhosa e acidentada, aposentou-se. Lidara com meliantes de tôda espécie e sua maneira de agir e de proceder, sempre lhe valeu elogios merecidos de seus superiores hierárquicos. Para provar que não foi apenas um teórico e sim um homem da primeira linha na defesa da sociedade em face do crime e dos criminosos, e tão inscritas em seu corpo algumas cicatrizes, vestígios dos encontros com a malandragem armada.

Já contando tempo suficiente para retirar-se da ativa, êle tratou de viver uma vida mais sossegada. Juntou umas economias e entrou na estrada tranquila de uma velhice que lhe parecia compensadora de suas lutas de mocidade. Mas, lá diz o ditado, "quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre". E foi o que sucedeu com o sr.

José Luís Ferreira. Com vultosa quantia na carteira para realizar transações de sua nova vida, tomou um bonde e, ao saltar na esquina de Buenos Aires com Avenida Rio Branco, sentiu que alguém lhe batia no ombro. Instintivamente levou a mão ao paletó, ao lado esquerdo, juntamente do mesmo lado em que sentira o toque. Sabia o escrivão que isso é processo dos batedores de carteira. E... ao procurar seus 18 mil cruzeiros, nada! O escrivão fôra punguado! Correu ao Distrito e ali, ao ser recebido entre expansões de júbilo, confessou desolado: "Furtaram-me! Vim dar queixa!"

Êste mundo...



A ARCA DE NOÉ

HÁ um cidadão em Greenboro, Carolina do Norte, Estados Unidos, que não se cansava de pelejar para descobrir nos picos do monte Ararat, os destroços da famosa Arca de Noé. Chama-se êle, Aron Smith, é formado e meio pancada. Em 1949 conseguiu reunir gente e dinheiro para dar uma batida em tôda aquela região perigosa entre a Turquia e a Rússia. Sabe êle que há muitos montes Ararats dentro das tradições diluvianas. Mas, em verdade, sòmente num dos cimos daquela montanha misteriosa é que encalhou a enormíssima Arca de Noé com todos os bichos salvos do dilúvio arrasador. A recente excursão redundou em fracasso, pois que a URSS declarou que a expedição de Smith nada mais era que uma missão de espionagem. Ora, como o propósito dêsse arqueologista era o de descobrir os restos do cavername da Arca salvadora, desistiu de tudo e aguardou melhores dias. A idéia, porém não lhe saía do crânio. Aquela Arca tinha que ser descoberta, fôsse como fôsse. Ninguém podia ter dúvidas a tal respeito, mas, quando êle viesse a público e provasse que, em verdade, tudo o que dizem os livros sagrados é a pura realidade, então os fatos bíblicos teriam muito mais importância e beleza narrativa. E se pôs, novamente, agora em 1950, a providenciar para a excursão probatória. Mas, infelizmente, a situação mundial piorou com a campanha da Coréia e o nosso eminente filósofo dr. Aron Smith não teve outro jeito que não o de desarrumar as malas, desembrulhar os livros, desamarrar os instrumentos e desistir da audaz rebusca. Se a terceira guerra mundial o pega naquele mundéu entre dois inimigos, teria êle que construir imediatamente uma outra barca e se lançar na primeira corrente d'água que encontrasse. E isso não era muito fácil.



MISTÉRIOS DA VIDA

OCORREU em fins do mês último um dos mais sensacionais fenômenos já observados na vida de uma pessoa. Helen Kowel, de 27 anos de idade, considerada muda de nascimento, falou pela primeira vez. O caso foi tão estranho e sensacional, que a mãe de Helen, espantada com o fenômeno, não suportou as lágrimas ao primeiro choque do imprevisto e pediu à filha que repetisse a palavra que pronunciara: "Mamãe". E Helen repetiu: "Mamãe!"

O episódio se passou em Cheswick, Pensilvânia, nos Estados Unidos e está apaixonando o povo, e, especialmente, a classe médica. Estavam as duas, mãe e filha, a cuidar dos trabalhos domésticos, quando o telefone tilintou. Helen retirou o fone do gancho e chamou por sua genitora: Mamãe! Não havia dúvidas de que a surdez da moça estava desaparecendo para dar lugar a uma situação normal do tímpano, corneta, e tôda essa complicada engrenagem do aparelho auricular. Se ouviu o tilintar do telefone, é porque já ouvia; se já ouvia, devia falar. O mudo só o é porque não ouve. Uma pessoa privada do sentido do ouvido, é incapaz de articular palavras e só emite sons indecifráveis, como urros de animais. Helen Kowel já estava ouvindo, e, conseqüentemente, teria que falar, mais cedo ou mais tarde. Com aquêle exemplo emocionante, começando como, ordinàriamente, começam as crianças a falar, pronunciando o nome mais belo do mundo, "mamãe", ou "mami", como dizem os norte-americanos e outros povos, a moça já aprendeu a pronunciar outras palavras e vai fazendo progresso. Consultados os médicos, disseram êstes que a exmudinha não tinha sinal nenhum de anormalidade nas cordas vocais. O fato, porém, não foi bem apreciado por um filósofo lá de Pensilvânia, que preferia ver a moça sempre muda, e acrescentou: "Que ótima espôsa não daria ela..."

EM PLENA CONSCIENCIA



A cidade de Bonn, capital da Alemanha Ocidental, está sendo agitada por uma questão parlamentar da maior importância. Discute-se ali o projeto de lei a respeito do direito de co-gestão das emprêsas pelos respectivos sindicatos. Êsse projeto foi apresentado pelo Partido Cristão Democrata e conseguiu as simpatias dos trabalhadores, como não podia deixar de ser. O Budstag, que é a Câmara Legislativa da Alemanha Ocidental, porém, a fim de poder apreciar o fato sem comprometer sua compostura e sisudez, achou que deveria tomar uma providência: proibir, terminantemente, a venda de bebidas alcoólicas durante as discussões do famoso projeto.

Estão, pois, os senhores deputados alemães sob regime da mais rigorosa abstinência. Mas, como não podia deixar de ser, essa lei sêca é puramente local, isto é, só tem valor dentro do recinto do Parlamento. Se algum dos legisladores quiser, pode tomar seu uísqui, seu bom e generoso vinho, suas canecas de cerveja ou doses de gin la fora e entrar no recinto já meio chumbado. Ninguém terá nada com isso. E' um direito de qualquer cidadão e faz parte das imunidades parlamentares. O que não pode é beber tais coisas lá dentro do Budstag. Para justificar essa precaução originalíssima dizem os defensores do decôro parlamentar que, se as bebidas alcoólicas fôssem vendidas durante a discussão do projeto, seria o mesmo que deitar óleo ao fogo. Outro motivo: com a proibição, esperam os parlamentares que seja possível manter os deputados em seus lugares durante a sessão. Significa isso que, com a liberdade de uma pinga, mesmo os que não falam, sempre gostam de ir molhar a goela...

CASADA COM UM DEFUNTO

Êle, viuvo, com 79 anos na lombada; ela, viúva também, com 53 janeiros bem vividos. O caso se deu em Belo Horizonte, a famosa capital mineira.

Godofredo Pereira da Silva e Cândida Maria da Silveira se amaram na idade em que o amor não tem mais nenhum atrativo. Um, com cêrca de oitenta anos; ela, com cinquenta e tantos... Será que o amor ainda floresce nos corações assim gastos?

E' verdade que muitos dos grandes homens da Humanidade amaram na idade provecta, já com um pé na cova. Goethe foi um dêles, loucamente apaixonado por uma criança...

O caso de Minas, é, porém, inédito; não porque dois velhinhos se amassem; mas porque, tendo êle morrido antes do casamento, ela requereu em juizo a realização das bodas... com o defunto!

Mas será que pode? "Amor omnia vincit", leitor. "O amor a tudo vence". E d. Cândida vai casar-se com seu Godofredo, já estando êle na cova e ela com vida bastante para dizer "sim" ao juiz. Quem falará pelo "de cujus"?

Não estamos bem certos do processo "post mortem" de um dos noivos; mas, tudo deve ser feito sob a maior circunspecção de assistentes e testemunhas. Alguém há-de responder por êle, dizendo "sim" quando o



juiz perguntar se o morto vai desposar d. Cândida Maria de sua livre e espontânea vontade.

Não sabemos quais os direitos que êsse matrimônio criará em relação a ela, a não ser o de que se considerará viúva. Benefícios materiais não pode haver nenhum. Nenhum direito a sucessão, uma vez que, com a morte física de um solteiro ou viúvo, os bens passarão a herdeiros necessários ou, na ausência dêles, ao Estado, pela herança jacente. Mas, segundo telegramas de Barbacena, os papéis estão prontos. E o noivo do além-túmulo, também...

SURPRESAS DA VIDA

Joseph Azus, cidadão de Nova York, com vinte-e-duas primaveras, enamorou-se de uma jovem muito linda e muito gentil. Chama-se ela Josephine Di Stephano, certamente de descendência italiana, trazendo em seu sorriso tôda a beleza dos latinos que habitam a península entre o Adriático e o Tirreno.

Joseph fêz os maiores esforços no sentido de juntar uns dois mil dólares para a lua-de-mel com sua amada. O casamento estava marcado para setembro. Mas, neste mundo de infelicidades e injustiças, tudo pode suceder a um noivo pacato e trabalhador.

Uma destas manhãs, ao sair Joseph para sua vida árdua, a pensar nos poucos dias que ainda faltavam para sua felicidade ao lado de Josephine, surgem diante dêle dois detectives e o levam ao distrito.

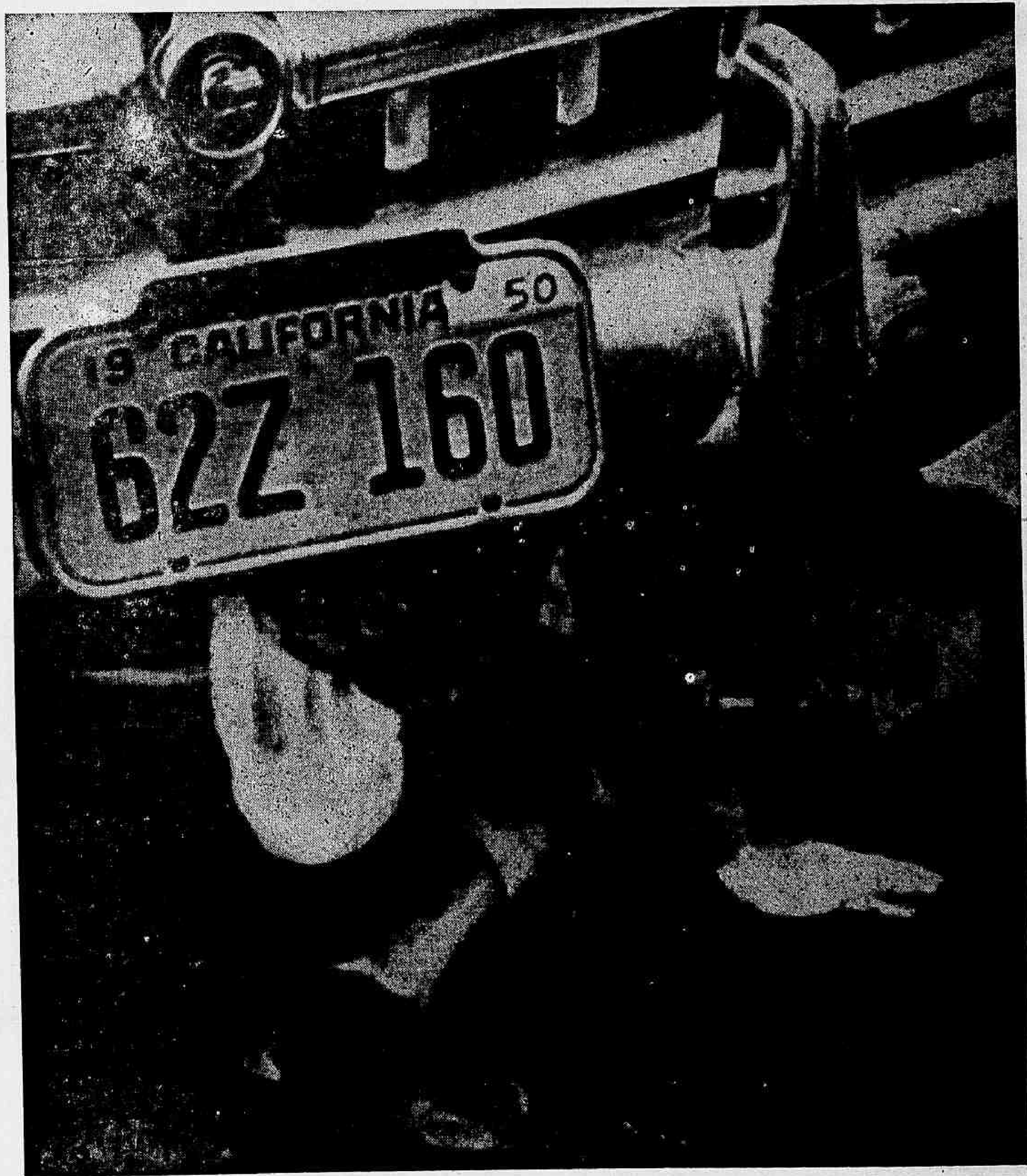
Interrogado, verifica o noivo que o estão acusando de um crime de roubo! E de quanto? Apenas 175 dólares...

Joseph jura que está inocente; mas uma testemunha que é o tipo perfeito do "Amigo da Onça" repete perante as autoridades que foi aquêle o indivíduo que assaltara a farmácia e de lá roubara os 175 dólares.

Como não podia deixar de ser, o rapaz se indignou, protestando inocência. Sua noiva e tôda a família dela juraram também que isso não era possível, porquanto êle era uma pessoa de excelente procedimento. Lágrimas, suspiros e a lua de mel comprometida cada dia que passava.

Mas, enfim, o Júri se convenceu de que Joseph Azus não era o salteador de farmácias. E o absolveu. Nenhuma prova, nenhum vestígio de que fôsse êle, a testemunha terminou, por fim, a ter dúvidas, e o rapaz voltou à liberdade e ao sonho. Mas, infelizmente, para provar sua inocência, gastou todo o dinheirinho que economizara para o casamento! Mas lhe ficou a prova de que é amado...





UM DOS MAIS CURIOSOS acidentes de trânsito ocorreu, faz pouco, em Los Angeles, Califórnia, com a sra. Anna Hickey. Esta senhora, que também possui auto e jamais pensou em apanhar ninguém nem ser vítima de outros autos, viu a morte diante dos olhos ao ser atingida por um outro veículo. Ia ela na direção do seu carro, gozando das delícias de uma tarde de primavera californiana, quando um outro automóvel abalroa fragorosamente com o seu, atirando-a longe. Mas, infelizmente, não ficara sòmente nisso. Miss Hickey, ao ser projetada fora do seu auto, foi meter-se sob a dianteira de um outro que passava ao lado. Embora o motorista desse uma freada rápida e salvadora, não pôde evitar que a estranha vítima de tantos carros ficasse com fraturas [illegible], numa perna, suspeitando-se ainda de que haja também fratura da base do crânio. A foto mostra a posição exata em que ficou a vítima, quando aguardava a chegada da ambulância



COMO SE FAZ UM PADRE

NOSSA reportagem visitou, esta semana, o Seminário Arquidiocesano São José, com o propósito de conhecer detalhes sôbre os estudos daqueles que, lá dentro, se preparam para exercer, mais tarde, a sagrada profissão do sacerdócio. Guiados por Monsenhor João da Mota e Albuquerque, reitor do estabelecimento, nossos companheiros percorreram tôdas as dependências, acompanharam as aulas de teologia, entraram em contacto com os jovens que, em obediência a um princípio vocacional, trocam a vida mundana e profana pela de obrigações e sacrifícios em oferenda a Jesus. São homens de privilegiada formação espiritual, algumas vêzes médicos, advogados e professores que erraram a carreira buscando, agora, a mansão dos justos. Nessa reportagem, a ser publicada no próximo número, o leitor conhecerá aspectos interessantes da vida no seminário e o critério adotado para a admissão dos espíritos já amadurecidos. Saberá quantos padres, bispos e arcebispos existem em nosso país, e aprenderá, talvez, a avaliar com maior admiração, os estudos profundos a que se entregam aquêles que serão padres em dias mais próximos. Na gravura, um flagrante obtido durante a folga do recreio, quando os seminaristas se entregam à prática de jogos desportivos.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O Pacificador dos Xavantes não morreu (João Alvarenga) 4/7
Humberto de Campos não pode ser punido (Carlos Tenório) 16/19
Candidato dos homens de côr (Armando Pacheco) . 28/31
Vida de cão... de luxo (Sabino Canalini) 28/31
Noite Brasileira em Paris (Bernardo Roll) 35
Um sambista carioca assombra a França (François Jacques) 36/37

LITERATURA

Certas notícias de jornais (Renato de Alencar) ... 3
Semana literária (Edmundo Lys) 20/21
A dama de verde (Álvaro Rosadas) 22
Heloisa e Elsa (Vera Milward de Carvalho) 36

ATUALIDADES

A verdade sôbre a bomba de hidrogênio 26/27

CINEMA

Amor por encomenda (Auro Roselli) 11/13
Para filmar "Quo Vadis?" . 14/15

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 8
Personagem da Semana ... 8
Puxe pelo cérebro 9
Correio da Revista 46
Música (Rob. Lyra F.º) ... 47
Palavras Cruzadas 49
A Saúde do Bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) 51
Tudo isto aconteceu 55/57

FEMININAS

Variados 37
Modelos sóbrios 38
Casacos 39
Cinco horas em Paris ... 40
"Pied-de-Poule" 41
Em tafetá 42
"Tailleur" Esportivo 43
Blusas ligeiras 44
Lingerie 45
Week-End na Cozinha 44/45

FOLHETIM

Antes do meu casamento .. 54

HUMORISMO

Bom-Humor 10
Armadilha (Nicodemus) . 32

ILUSTRAÇÃO

Armando Pacheco

BONECOS

Rafael.

N A C A P A

Barbara Stanwyck (Paramount)

RESPOSTA AO TESTE

1 — Dragéia (ou Gragéia).
2 — A 13 de Maio.
3 — Circuito da Gávea.
4 — François Marie Arouet.
5 — As unhas.
6 — Antes das refeições (ante cibum).
7 — Pernambuco (1575).
8 — A flauta.
9 — Victor Hugo.
10 — Bisneto.
11 — Um (o México).
12 — Um dos Sete Sábios da Grécia.
13 — Nos eclipses totais do Sol.
14 — Pompéia.
15 — A Catedral.
16 — Em «Mil e Uma Noites».
17 — Os que identificam Deus com a Natureza.
18 — A Divisão.
19 — Mêdo de encabular (enrubescer).
20 — Catulo Cearense.

38ª. TRADICIONAL VENDA ANUAL

SALDOS DO BALANÇO

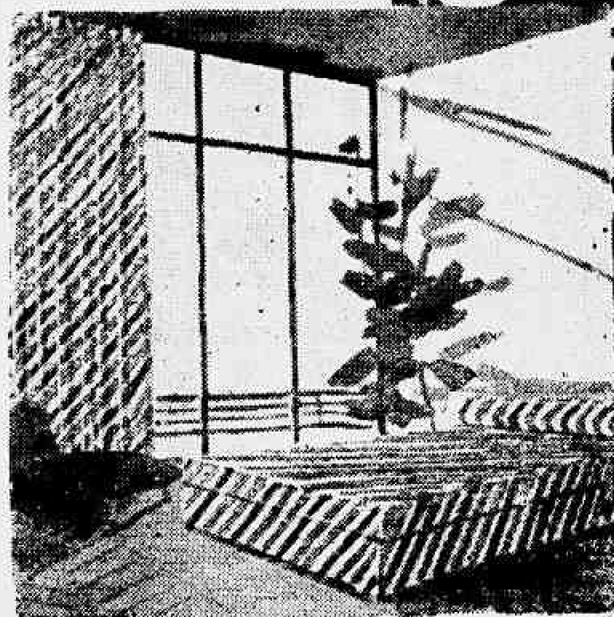
TECIDOS - PARA ESTOFOS
E DECORAÇÕES

MOVEIS AVULSOS - RUSTICOS
E DE ESTILO

Grande sortimento de

**TAPETES E
PASSADEIRAS**







artigos modernos
aos preços antigos





Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca!

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**